UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

DAMARES RODRIGUES DE OLIVEIRA

Periódico literário luso-brasileiro *O Futuro*

Versão Corrigida

São Paulo

2016

DAMARES RODRIGUES DE OLIVEIRA

Periódico literário luso-brasileiro *O Futuro*

Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras Clássicas
e Vernáculos da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando da Motta de Oliveira

Versão Corrigida

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O48p OLIVEIRA, DAMARES
Periódico literário luso-brasileiro O Futuro /
DAMARES OLIVEIRA ; orientador PAULO OLIVEIRA. -
São Paulo, 2016.
140 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas. Área de concentração: Estudos Comparados
de Literaturas de Língua Portuguesa.

1. PERIÓDICOS. 2. IMPRENSA. 3. FAUSTINO XAVIER DE
NOVAIS . 4. CAMILO CASTELO BRANCO. 5. MACHADO DE
ASSIS. I. OLIVEIRA, PAULO , orient. II. Título.

Nome: OLIVEIRA, Damares Rodrigues de

Título: Periódico literário luso-brasileiro *O Futuro*

Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras Clássicas
e Vernáculas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À Flora Bento e Eli Machado, meus pais.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo carinho e apoio incondicional demonstrado durante a elaboração deste trabalho.

Ao professor Dr. Paulo Fernando da Motta de Oliveira, modelo de objetividade, paciência e disposição, qualidades com as quais sempre me orientou, preocupando-se em compartilhar seus conhecimentos e tornar realidade este sonho.

À Dra. Maria Lúcia Dias Mendes e Dra. Raquel S. M. Souza pelos apontamentos e sugestões indicadas no exame de qualificação.

Ao professor Dr. Hélio Seixas Guimarães pela colaboração inestimável, disponibilizando-me gentilmente a 2ª edição da revista *O Futuro*.

À minha irmã Adriane Rodrigues pelo incentivo, palavras amigáveis e seu olhar atento na leitura de trechos deste trabalho.

Aos meus irmãos e amigos que acompanharam de perto este processo e que sempre reconheceram minha dedicação.

À professora Dra. Eliane Lousada que atenciosamente me emprestou livros de sua biblioteca pessoal.

À Alex Sander Luiz Campos pelas reflexões sobre Machado de Assis e conversas em torno das relações luso-brasileiras.

À Deus pela força, iluminação e determinação concedidas sem as quais este trabalho jamais teria vindo a lume.

RESUMO

OLIVEIRA, D. R. de. **Periódico literário luso-brasileiro *O Futuro***. 2016. Dissertação – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

Esta pesquisa se insere na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, tentando compreender o surgimento da revista literária *O Futuro*.

Criada por Faustino Xavier de Novais em 15 de setembro de 1862, circulou até 1 de julho de 1863 e contou com vinte exemplares. Diferiu-se das publicações vigentes no período, pois reuniu escritores portugueses e brasileiros propondo a criação de um *campo comum* que fortaleceria as relações luso-brasileiras e combateria o *estranho domínio* representado, sobretudo, pela presença marcante da literatura francesa. Assim, esta revista defendeu a divulgação e livre circulação de obras literárias das “*nações do futuro*”: Portugal e Brasil.

À luz de estudos sobre o desenvolvimento da imprensa no país, realizados por Molina (2014) e Sodré (1999), e baseando-se nas reflexões elaboradas por Massa (2009) e Sandmann (2004) acerca da existência de relações luso-brasileiras intermediadas, principalmente, pelo escritor Machado de Assis, buscamos compreender *o que foi esta revista* e refletir sobre alguns círculos de sociabilidade da época.

Para tanto, realizamos, primeiramente, um mapeamento do periódico. Criamos três tabelas dispondo os dados encontrados e um dicionário biobibliográfico sobre os colaboradores desta revista. Em seguida, pontuamos alguns elementos presentes na carta de abertura escrita por R. Carlos Montoro e, por fim, elencamos dados em torno de três escritores: Faustino X. de Novais, Camilo C. Branco e Machado de Assis, grandes responsáveis pela concretização deste periódico.

O corpus estudado apresentou novidades literárias – sobretudo o romance *Agulha em Palheiro* - partituras musicais e gravuras, denotando os aspectos modernos deste periódico que visou, aparentemente, atingir não só o público masculino como também o feminino.

Palavras chave: *O Futuro*; relações luso-brasileiras, Faustino X. de Novais, Camilo Castelo Branco, Machado de Assis.

ABSTRACT

OLIVEIRA, D. R. de. **Luso-Brazilian literary magazine *O Futuro***. 2016. Dissertação – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

This research is included in the field of Comparative Studies of Literatures of Portuguese Language, and intends to understand the emergence of the literary magazine *O Futuro*.

Created by Faustino Xavier de Novais on September 15, 1862, this magazine circulated until July 1, 1863, and had a total of twenty editions. It differed from the other magazines published at that time, for it counted with both Portuguese and Brazilian writers, who proposed the creation of a *common field* that would strengthen the Luso-Brazilian relations and fight the *strange* domain represented, mainly, by the remarkable presence of the French Literature. This way, this magazine defended the spread and the free circulation of the literary works of the “*nations of the future*”: Portugal and Brazil.

In the light of the studies about the press development in the country, conducted by Molina (2014) and Sodré (1999), and based on the reflections produced by Massa (2009) and Sandmann (2004) regarding the existence of the Luso-Brazilian relations mediated, mainly, by the writer Machado de Assis, we intend to understand *what this magazine was* and reflect on some circles of sociability at that period.

To make it possible, at first, we mapped the magazine. Then, we made three tables organizing the data found and also made a biographical dictionary about the collaborators on the magazine. After that, we pointed out some elements present in the opening letter written by R. Carlos Montoro and, finally, we listed data around three writers: Faustino X. de Novais, Camilo C. Branco and Machado de Assis, who were largely responsible for the embodiment of the magazine.

The corpus studied presented literary novelties – notably the novel *Agulha em Palheiro* – musical scores and illustrations, denoting the modern aspects of this magazine that intended, apparently, to reach not only the male public, but also the female one.

Key words: *O Futuro*; *Luso-Brazilian relations*, *Faustino X. de Novais*, *Camilo Castelo Branco*, *Machado de Assis*.

LISTA DE SIGLAS

DBB *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*

DBP *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*

DCAP *Dicionário cronológico de autores portugueses*

DCCB *Dicionário de Camilo Castelo Branco*

DMA *Dicionário de Machado de Assis*

DLPB *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira*

DGLAB *Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas*

ELB *Enciclopédia de literatura brasileira*

BBM *Biblioteca Brasileira Guita José Mindlin*

BN *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - O FUTURO	13
1.1 Estrutura da revista.....	13
1.2 Colaboradores.....	17
1.3 Textos.....	20
1.4 Temas.....	23
CAPÍTULO 2 - CARACTERÍSTICAS INTERNAS À REVISTA.....	24
2.1 Estratégias de venda.....	24
2.2 Faustino Xavier de Novais e as estratégias de venda.....	25
2.3 Aspectos modernos da revista.....	26
2.3.1 Público leitor.....	27
2.3.2 Novidades literárias.....	30
2.3.3 Agulha em Palheiro.....	32
CAPÍTULO 3 - PROPOSTAS DE UMA REVISTA LITERÁRIA LUSO – BASILEIRA.....	35
CAPÍTULO 4 - O OUTRO LADO DO ATLÂNTICO.....	45
4.1 Sucesso da obra poética de Faustino Xavier de Novais.....	46
4.2 Relações e influências.....	50
4.3 Redes de Sociabilidade.....	51
4.3.1 Camilo Castelo Branco.....	53
4.3.2 Machado de Assis e os círculos literários da época.....	55
4.3.3 Machado de Assis e os colaboradores brasileiros de <i>O Futuro</i>	57
4.3.4 Machado de Assis e os colaboradores portugueses de <i>O Futuro</i>	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICES.....	69
Tabela 1 – Colaboradores e participação na revista <i>O Futuro</i>	70
Tabela 2 – Colaboradores e obras.....	72
Tabela 3 – Disposição das obras e cotejo dos exemplares digitalizados.....	74
Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de <i>O Futuro</i>	86
ANEXOS.....	127
Gravuras presentes nos exemplares da primeira edição.....	128
Carta de abertura – Editorial.....	138

INTRODUÇÃO

A vinda da corte joanina ao Rio de Janeiro no início do século XIX marcou um período de desenvolvimento cultural notório. Molina (2015, p.92) constata que:

[...] foi necessário transplantar ou replicar no Brasil algumas das instituições que tinham ficado no reino, como os tribunais de Justiça, escolas de ensino superior, repartições públicas e a academia militar [...] Nesse mesmo ano de 1808, dadas as necessidades da administração pública, foi criada no Rio uma Imprensa Régia e autorizada a circulação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, ambas cópias de entidades deixadas em Portugal.

Acrescentamos ainda o surgimento de diversos periódicos dispersos nesta colônia, como: *Diário do Rio de Janeiro*¹, *Jornal Comércio*², *Brésil*³, *Le Nouvelliste de Rio de Janeiro*⁴, *Revue de Deux Mondes*⁵ entre outros mencionados detidamente por Sodré (1999) e Molina (2015). Além destes periódicos também foram criados bibliotecas, gabinetes de leituras, e, principalmente, livrarias e editoras, dentre elas: Tipografia de Paula Brito, Livraria Garnier, Casa Editora dos Srs. Félix Ferreira & CIA, Editora Livraria Cruz Coutinho (RJ), Livraria Internacional de Gaspar da Silva e muitas outras.

Esse panorama, retomado brevemente, junto ao imaginário recorrente das terras brasileiras como *Eldorado* motivaram a vinda para cá de muitos imigrantes, sobretudo portugueses. Muitos deles compuseram o público leitor, consumindo as folhas veiculadas na imprensa desta época. Outros atuaram ativamente criando jornais, como: *O Paraíba*⁶ (de A. E. Zaluar), o *Correio Mercantil* (de Francisco Otaviano), a *Marmota Fluminense* (de Francisco de Paula Brito) entre outros.

¹ Fundado pelo português Zeferino Vito, este periódico foi publicado de 1821 à 1878, obtendo a colaboração de José de Alencar como redator-chefe de 1855 à 1858.

² Esse jornal foi fundado em 1828 por Pierre Plancher (liberal francês exilado no Rio de Janeiro) que o vendeu em 1835 à Julius Villeneuve.

³ Periódico que visava o conhecimento por parte dos franceses dos acontecimentos brasileiros.

⁴ Periódico francês de L. de Nerciat que circulou no Brasil no século XIX por volta de 1862.

⁵ A *Revue de Deux Mondes* “é uma das responsáveis pela entrada de romancistas como Octave Feuillet, Victor Cherbuliez, entre outros (...) trazia, inclusive, textos sobre o Brasil em vários de seus números”. In.: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. (Coleção Histórias de Leitura), p.549.

⁶ “Criado em 1857 por A. E. Zaluar” In.: MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed. revista. p. 199.

Evidenciamos, portanto, neste momento o papel fundamental da imprensa que veiculou as novidades comerciais, literárias e políticas⁷, caracterizando-se como uma importante ferramenta para a aquisição e atualização dos conhecimentos, discussão e reflexão sobre os últimos lançamentos no mercado editorial, assim como também representou para muitos uma oportunidade de obtenção de lucros financeiros.

Um exemplo seria *O Futuro*, revista literária que expôs claramente suas inquietações quanto ao domínio francês, inglês e alemão junto ao público leitor português e brasileiro. Bem sabemos que no século XIX a irradiação mormente francesa atingiu o Brasil através da língua, da literatura e mesmo da filosofia que estavam muito presentes através de livros, jornais, revistas e compêndios estudados nas escolas. Logo, a maioria dos jornais da corte priorizava, naturalmente, a publicação de obras francesas e de suas traduções. No entanto, esta revista propunha exatamente o inverso: a divulgação de obras luso-brasileiras.

Nesta pesquisa, buscamos maiores esclarecimentos acerca de *O Futuro* cujos dados encontrados são apresentados nas seguintes páginas. Destacamos ainda a dificuldade, em determinados momentos, em fundamentá-los ou até mesmo estabelecer outras pontes de conexões, dado a escassez de material encontrado. Um exemplo disso seria o tratamento dado ao tema *redes de sociabilidade*.

Deste modo, optamos por expor os conteúdos abordados em quatro capítulos. Inicialmente apresentamos um mapeamento deste periódico literário por meio do levantamento de dados ligados à *estrutura externa*, momento em que elencamos informações quantitativas sobre os exemplares, colaboradores e obras. Complementando este material, criamos três tabelas e um dicionário biobibliográfico.

A primeira tabela - *Colaboradores e participação* - lista os nomes ou assinaturas de todos os colaboradores, respectivas nacionalidades, quantidade de obras impressas nesta revista, em quais exemplares e com qual frequência. A segunda Tabela - *Colaboradores e obras* - fornecem os títulos dos textos impressos, o gênero e o autor. A última tabela - *Disposição das obras e cotejo dos exemplares digitalizados* - oferece a distribuição de todos os textos, autorias e quantidades de páginas ocupadas nos exemplares, pontuando problemas encontrados nestes documentos. Por fim, disponibilizamos um *Dicionário* onde retomamos a biografia e a bibliografia encontradas dos participantes deste periódico.

⁷ Sodré (1983, p. 105) destaca que “A imprensa se desenvolve em estreita ligação com a atividade política”.

O segundo capítulo aborda algumas características *internas* da revista como as ilustrações, partituras musicais e novidades literárias aqui classificadas como *estratégias de venda*. Estas buscaram veicular a imagem de uma revista moderna e assim atingir não somente o público leitor masculino como também o feminino.

Em seguida, destacamos alguns elementos presentes na carta de abertura, ou editorial, deste periódico que nos pareceram relevantes, bem como as propostas previstas e a maneira como são explicitadas. Notamos que a fim de convencer o público a agir – incitando-o a “levantar os ânimos para enfrentar o domínio estranho” – Montoro redige um texto que adquire um tom *panfletário*. Procuramos também neste terceiro capítulo estabelecer um diálogo entre seu discurso e a materialização de *O Futuro*.

Por último, apontamos hipóteses sobre a vinda do redator desta revista – Faustino Xavier de Novais – e retomamos informações sobre os círculos de sociabilidade da época. Reconhecendo a impossibilidade de pormenorizar as redes de contatos e influências que giraram em torno desta revista, procuramos mostrar o quanto este escritor juntamente a Machado de Assis e Camilo Castelo Branco foram essenciais na concretização deste periódico literário luso-brasileiro *O Futuro*.

Convém sinalizar que optamos por atualizar a ortografia de todas as obras citadas, inclusive da revista aqui estudada, seguindo as normas vigentes no Acordo Ortográfico de 2010

CAPÍTULO 1 - O FUTURO

1.1. Estrutura da revista

As folhas da revista *O Futuro* surgiram em 15 de setembro de 1862⁸. Publicadas quinzenalmente, sempre nos dias 1 e 15 de cada mês, circularam até o dia 1º de julho de 1863⁹, computando um total de vinte exemplares. Em crônica redigida no 2º periódico fica a impressão de que estava previsto a existência de 24 exemplares. Lendo este texto, encontramos o relato ao leitor do seguinte ocorrido: Faustino, autor da crônica, é abordado no escritório da Redação por um sujeito alegando que “O Sr. F. manda-lhe este folheto, que tinha assinado: diz que já não quer assinar, porque não gosta do ‘formato’”. O autor responde: “ - Pois como o Sr. F. tinha assinado, entreguei-lhe o exemplar, e devo-lhe ainda 23, e um recibo: agora se não quer assinar não assine; ninguém lhe pediu *bis*”¹⁰. A referência ao número 23 remete à quantidade de exemplares que somados ao primeiro, já entregue, computariam o valor de 24, total previsto na assinatura anual. No entanto, estão disponíveis somente 20 exemplares, fato que incorre em duas possibilidades: os exemplares posteriores se perderam ou, de fato, houve uma interrupção repentina na impressão deste periódico (já que não encontramos nenhuma nota explicativa aos leitores sobre este ocorrido, assim como também evidenciamos a publicação de obras incompletas, como o romance de Camilo).

Atentando aos exemplares existentes notamos que os primeiros números, até o 9º, foram impressos pela *Tipografia de Brito & Braga*¹¹, já os demais foram impressos pela *Tipografia do Correio Mercantil*¹². Esta mudança pode estar ligada à pressão realizada pela Tipografia Brito & Braga¹³, que pode ter exigido rapidez na escrita dos textos, crítica feita por Machado de Assis em sua **Crônica** publicada em 1º de dezembro

⁸ Sodré (1999, p. 195) comete um equívoco ao afirmar que esta revista foi lançada em 1863.

⁹ Houve uma segunda edição desta revista editada no Rio de Janeiro em 1867 pela *Livraria de A. A. da Cruz Coutinho*.

¹⁰ FUTURO, n.2, 1 de outubro de 1862, p.71.

¹¹ Localizada na *Travessa do Ouvidor n° 17*.

¹² Localizada na *Rua da Quitanda, n°35*

¹³ Provavelmente os 17º e 18º exemplares digitalizados e disponibilizados no site *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM)* apresentam erros na capa, pois sinalizam esta tipografia como a responsável pela impressão destes exemplares e apresenta o ano errado. Cf. *Tabela 3 – Disposição das obras e cotejo dos exemplares digitalizados* p.74

de 1862: “Eu daria aqui as razões do desconchavo em que vai esta revista, escrita a todo o vapor, para satisfazer as exigências da tipografia. Mas, como não é possível, limito-me a lamentar que assim seja, e a despedir-me para a quinzena seguinte”¹⁴. A questão financeira pode também explicar eventualmente esta mudança de tipografia que se torna notável em 1º fevereiro de 1863. Após dois meses, no exemplar 14º, há uma nota aos assinantes referente a esta questão:

Expediente

Aos Illms. Srs. Assinantes, cuja importância da assinatura, a Redação até hoje não tenha recebido, vai ser – desde já – suspensa a entrega deste jornal.

Os vinte exemplares computaram aproximadamente 753 páginas (considerando capa, contracapa, gravuras, partituras musicais) distribuídas da seguinte maneira:

Nº de Pág ¹⁵ .	Exemplares
44	1º - 3º
42	9º
40	8º
38	2º - 4º - 5º - 6º - 7º - 10º - 11º - 13º - 15º
36	12º - 14º - 16º
34	17º
33	18º - 19º - 20º

Machado de Assis afirma no *Diário do Rio de Janeiro*¹⁶ que “a natureza dos escritos requer um folheto de trinta páginas”. Já na **Crônica** redigida por Faustino Xavier de Novais há a seguinte afirmação: “E é, certamente um periódico que encerra cinco artigos *ocupando 40 páginas*, e uma gravura, e que só desagrade pelo formato, é um excelente periódico”¹⁷. Ambos os escritores prognosticaram uma quantidade

¹⁴ FUTURO, n.6, 1 de dezembro de 1862, p.204.

¹⁵ O Total de páginas sinalizado foi obtido através do site da *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*. No entanto, foi realizado um cotejo entre as versões digitalizadas. Cf. *Tabela 3 – Disposição das obras e cotejo dos exemplares digitalizados*.

¹⁶ O escritor brasileiro comenta sobre a revista em crônica veiculada neste jornal no dia 24 de março de 1862.

¹⁷ FUTURO, n.2, 1 de outubro de 1862, p.71 (grifo nosso).

aproximativa, posto que a maioria dos números apresentou em torno de 38 páginas, fato que demonstra uma certa regularidade.

A descrição feita por Faustino esclarece sua concepção logo nas primeiras páginas de sua revista, tornando claro ao leitor suas características estruturais. *O Futuro* seguiu uma ordem relativamente recorrente nos primeiros e últimos textos dos diversos exemplares. Do primeiro ao oitavo periódico (exceto no quarto), por exemplo, foram veiculados trechos do texto intitulado *O Sr. D. Pedro II* (texto de teor biográfico) por J. P. de C., do nono ao décimo terceiro, houve uma variação de publicação, expondo às vezes contos ou esboço biográfico e do 14º ao 20º trechos do romance *Agulha em Palheiro* de Camilo Castelo Branco. Com relação às últimas páginas, elas sempre foram reservadas às crônicas, mormente de Machado de Assis¹⁸. Estiveram presentes também poemas, variando de um a três em cada exemplar.

Este periódico veiculou em torno de 7¹⁹ textos de gêneros diversos (conto, crônica, poema, romance, texto crítico, biografias, correspondências e outros) – e previa a impressão de uma gravura em todos os números ou pelo menos em um exemplar de cada mês. Foram impressas 10 gravuras²⁰ diferentes intituladas como: O Senhor D. Pedro II; Faz-me favor do seu fogo; Não me cheira; O Futuro; Três pessoas distintas; O Futuro; Manuel Jorge Rodrigues; Um pretendente por música; O Futuro; O Futuro.

Houve a publicação de duas partituras musicais inseridas após a capa da revista nos exemplares 3 – dia 15 de outubro de 1862 com *Valsa para piano* de Artur Napoleão – e no exemplar 8 - 1 de janeiro de 1863 - com *Polca para piano* de F. Moniz Barreto Junior (ocupando 4 páginas). Estava previsto também a publicação de uma produção musical de Miguel Ângelo²¹, verificamos, todavia, somente obras dos dois primeiros artistas. É possível que a colaboração deste viria nos próximos exemplares, os quais, por motivos ainda desconhecidos, não foram impressos ou desapareceram.

Diferentemente de diversos jornais impressos em terras brasileiras cujo leitor optava por obter o exemplar ou a assinatura, como o *Jornal do Comércio*, o *Diário do Rio de Janeiro* e muitos outros, a obtenção da assinatura da revista *O Futuro* previa a

¹⁸ Aline C. de O. Cataneli estudou em seu mestrado intitulado *Machado de Assis: Cronista d'O Futuro (1862-1863)* a presença assídua deste escritor nesta revista e o uso de algumas técnicas narrativas neste gênero literário, possibilitando, segundo a autora, uma compreensão da “evolução literária” deste escritor.

¹⁹ Desconsiderando as gravuras, partituras e “provérbios” assinados por D., computamos oito exemplares com 7 obras, sete com 8, três com 6, um com 9 e um com 5 obras.

²⁰ Estas obras estão anexadas em *Gravuras presentes nos exemplares da primeira edição*, p.87

²¹ FUTURO, n.5, 5 de novembro de 1862, p.159.

aquisição dos exemplares veiculados durante o primeiro ano, isto é, a assinatura anual. Visualizamos a seguinte informação na contracapa do periódico: “Afiança-se a publicação por um ano, e não se recebem assinaturas por menos prazo”, para tanto, os futuros assinantes deveriam direcionar suas correspondências à Rua do ouvidor, nº 46, 1º andar. O valor da cobrança era de 15\$00 para a corte e 17\$00 para fora da corte e para as províncias.

Em carta escrita à Camilo²², Faustino parece indicar que talvez o primeiro número de sua revista tenha sido oferecida a algumas pessoas com a expectativa de que elas a assinassem, excerto transcrito abaixo:

[...] Veio o – FUTURO – a terreiro,
E os assinantes foi dado,
Mas, depois, fui tolo inteiro,
E confesso-o envergonhado...
Mandei-lhes pedir dinheiro!...

Oferecer o primeiro periódico apresentou-se como uma iniciativa malsucedida, pois o redator sentiu necessidade de cobrar destas pessoas o dinheiro referente à assinatura desta revista. Notamos ainda que até o 5º exemplar foi informado que “O pagamento será feito depois da entrega do 1º número”, reforçando duas hipóteses: o primeiro exemplar não foi necessariamente gratuito e a cobrança indireta no sentido de que se o assinante já tivesse recebido o primeiro exemplar, necessário seria pagá-lo, assim como também previa a existência de leitores não pagantes.

Por outro lado, esta concepção da ideia de pagamento após o recebimento do primeiro periódico evidencia uma estratégia publicitária visando à conquista do público leitor, pois, aparentemente, o futuro assinante tinha a ‘escolha’ de adquiri-lo, conhecê-lo e somente depois pagar pela assinatura, caso não houvesse o pagamento seria compreendido pela redação a ausência de interesse do leitor beneficiado com este exemplar em se tornar assinante.

Atentando ao primeiro número desta revista, notamos que ele possuiu 44 páginas: apresentou logo no início a gravura de *D. Pedro II* - apontamentos biográficos do imperador do Brasil²³ (que ocupou em torno de 12 páginas), contou com a presença

²² FUTURO, n.19, 15 de junho de 1863, p.19.

²³ Era de bom tom falar do imperador, visto por muitos como uma forma de homenageá-lo.

de textos dos três principais colaboradores - Camilo Castelo Branco, Machado de Assis e Faustino Xavier de Novais, e veiculou uma carta de abertura assemelhando-se a um editorial redigido por Reinaldo Carlos Montoro, um intelectual influente devido à sua participação ativa na vida literária da época²⁴. Deste modo, parece-nos que este exemplar funcionou como um verdadeiro marketing para o público alvo: os assinantes.

1.2 Colaboradores

Figurava como redator principal e editor responsável *Faustino Xavier de Novais*, quem previu a colaboração de *vários escritores brasileiros e portugueses*. Analisando a autoria dos textos de *O Futuro*, depreendemos a participação de aproximadamente 37 escritores, pois de um total de 44 assinaturas presentes neste periódico, eliminamos 4, visto que aludem provavelmente à colaboradores já computados (a assinatura abreviada de A. S. Cabedo, sendo Antonio Simões de Cabedo e os três pseudônimos - *Fojo Seabra* e *J. de B. Pinto* se tratam de Faustino Xavier de Novaes, e, *Ninguém* que seria Camilo Castelo Branco ou Joaquim Nabuco²⁵) e três abreviações (A.C.²⁶; D. e S.) por impedirem a atribuição de suas obras a um escritor específico.

Em princípio evidenciamos uma participação brasileira e portuguesa razoavelmente equilibrada na publicação de obras neste periódico. Estabelecendo como critério o *local de nascimento*, deste total de colaboradores (37), um se destaca por ser de difícil classificação (F. J. Bethencourt da Silva²⁷), o restante será disposto em três categorias diferentes: 18 portugueses, 13 brasileiros e 5 não classificados por se tratarem de escritores com bibliografias não encontradas (E. Lima, Eduardo Laranja, F. Moniz Barreto Junior, Leon de Sá Veja e Sotero de Castro). Notamos que deste total pelo menos 8 eram da região do Porto e 4 de Lisboa.

Os colaboradores portugueses foram: Antônio Moutinho de Souza, Antônio Feliciano de Castilho, A. E. Zaluvar, Ernesto Cibrão, Faustino Xavier de Novais,

²⁴ Cf. *Dicionário biobibliográfico* p. 100.

²⁵ Cf. *Dicionário biobibliográfico* p.100.

²⁶ Eduardo da Cruz (UFRJ) sugere a possibilidade de atribuição desta abreviação ao sobrinho de Antônio Feliciano de Castilho, de nome Antônio Maria de Castilho Barreto (este publicou algumas obras em jornais impressos no Brasil; de acordo com Inocêncio, ele fundou uma folha com destino Ultramar e ao Brasil, contando com a colaboração de diversos escritores - Cf. *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva* aplicáveis a Portugal e ao Brasil, XX p.251)

²⁷ Este escritor nasceu em um navio vindo ao Brasil, podendo ser classificado como brasileiro ou português.

Ramalho Ortigão, Reinaldo Carlos Montoro, Artur Napoleão, Miguel de Novais, Antônio Simões de Cabedo, Augusto Soromenho, Brito Aranha, Alexandre da Conceição, Leonel de Sampaio (pseudônimo de Vicente de Paulo de Faria), J. M. de Andrade Ferreira, José de Torres, Ana Augusta Plácido e Camilo Castelo Branco. Destes escritores, os nove primeiros estiveram ou moraram no Brasil; os dois últimos com certeza nunca vieram às terras brasileiras e o restante, perfazendo um total de seis pessoas, não obtivemos esta informação. Logo, pelo menos mais da metade dos participantes pisaram em terras brasileiras.

Os colaboradores brasileiros foram: Joaquim Pinto de Campos, Ferreira Neves, F. Muniz Barreto, Guilherme Bellegarde, Jaci Monteiro, Luiz Delfino, José Pereira da Silva, Macedo Soares, A. M. Muniz Maia, Nuno Álvares, T. de Mello, A. R. de Torres Bandeira e Machado de Assis. Sabemos que pelo menos o primeiro esteve em Portugal e o último nunca saiu do Brasil.

Além dos colaboradores supracitados, Massa (2009, p. 301), diz que Biester, Latino Coelho e Silva Rabelo publicaram textos nesta revista, informação não confirmada. Na verdade, não encontramos nenhum texto assinado por estes intelectuais assim como também desconhecemos a afirmação de que Miguel de Novais enviava do Porto regularmente uma crônica a seu irmão (se isso ocorreu, verificamos a publicação de somente 4 crônicas, aqui classificadas como correspondências). Outro equívoco cometido pelo estudioso seria listar J. de Alencar, Q. Bocaiúva, J. F. de Castilho, Pinheiro Guimarães, Pedro Luís, J. M. de Macedo, H.C. Múzzio, Francisco Otaviano e R. de Sena Pereira como “os principais colaboradores do *Futuro*”²⁸ quando estes não publicaram nenhuma obra neste periódico. Sodré (1999, p.226) comete deslize semelhante ao afirmar que Rangel Pestana, Teófilo Otoni e Faria Alvim colaboraram em 1862 em *O Futuro*, a não ser que alguns destes intelectuais, citados tanto por Sodré quanto por Massa, tenham utilizado pseudônimos aqui desconhecidos.

Estudando esta revista, percebemos a recorrência de alguns nomes cuja participação²⁹ se fez notar desde a impressão do primeiro exemplar, são eles: Faustino Xavier de Novais (presente em todos exemplares, exceto no 9), Machado de Assis (ausente nos exemplares 3 e 5) e Camilo Castelo Branco (ausente nos exemplares 2, 3, 5, 6, 9, 12 e 13), mas muito presente do 14º ao 20º exemplar. Evidenciamos que no caso

²⁸ MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed., 302.

²⁹ Cf. Tabela 1 – Colaboradores e participação na revista *O Futuro*, p.70.

de Machado e Faustino, a ausência destes em determinados momentos é, às vezes, compensada pela presença deles em outro exemplar com mais de uma obra, como por exemplo no 3º número onde constam dois poemas e uma crônica de Faustino e Machado, no 8º exemplar, apresenta um poema e uma crônica, dados disponíveis na *Tabela 1*, em anexo.

Durante a existência deste periódico literário, Faustino teve publicado 17 obras em seu nome (uma crônica, sete poemas, dois contos, duas correspondências, uma biografia e 4 textos classificados como outros³⁰), juntamente de outros 5 poemas impressos em nome de Fojo Seabra e um poema em nome de J. de B. Pinto, computando um total de 23 obras.

Diferentemente do primeiro que se caracterizou sobretudo pela poesia, Machado publicou 23 obras, dentre as quais 16 crônicas (de um total de 22), 6 poemas e 1 conto.

Camilo se distinguiu pela publicação de três contos, um texto classificado como outros e de um romance intitulado *Agulha em Palheiro* (que foi veiculado em 7 exemplares consecutivos).

Impresso não no rodapé, mas em folhas inteiras, os capítulos deste romance foram dispersos neste periódico chegando a ocupar 11 ½ páginas de exemplar contendo em torno de 34 páginas (considerando a capa e contracapa). Contendo um total de XXI capítulos e uma Conclusão, estão disponíveis somente os XIII capítulos iniciais³¹ devido a suposta interrupção desta revista cujo término se deu aparentemente no vigésimo exemplar.

Outros escritores, não tão presentes nesta revista, são considerados importantes devido ao teor dos textos redigidos. Reinaldo Carlos Montoro é o autor da carta de abertura deste periódico – *Ao público brasileiro e português*; Ramalho Ortigão escreveu uma *Crônica de Literatura Portuguesa*; Teixeira de Mello redigiu *Imprensa (da) Literária no Brasil* e Diogo Bernardes é o autor de *Literatura Portuguesa*.

O Futuro contou também com a participação de doze correspondentes representando outros estados e cidades do Brasil: são eles: Catilina & Comp. (Bahia),

³⁰ Esses textos são indefinidos quanto ao gênero: assemelhando-se a artigos, crítica literária, conto, relato de viagens, às vezes, caracterizam-se pela mistura de vários gêneros.

³¹ Esta ocorrência reforça a hipótese de que esta revista previa 24 exemplares. Observando a distribuição desta obra em suas páginas percebemos que foram veiculados em torno de 2 capítulos em cada exemplar (exceto o 15º que disponibilizou somente o cap. III). Faltavam, portanto, oito capítulos e a conclusão, os quais poderiam ser distribuídos de maneira relativamente equilibrada nos 4 exemplares restantes.

Cunha Irmãos & Comp. (Pernambuco), Luiz Augusto de Oliveira (Maranhão), Joaquim Baptista Moreira (Pará), Silva & Costa (Rio Grande do Sul), Francisco Luiz Ribeiro (Pelotas), Joaquim Alves Leite (Porto-Alegre), J. J. de S. Ayram Martins (Santos), Felizardo Toscano de Brito (Paraíba do Norte), José Gonçalves Guimarães (Maceió), A. L. Garraux (S. Paulo) e Henrique Xavier de Novaes (Vassouras). É provável que estes correspondentes tenham auxiliado na difusão desta revista em seus estados, fato não comprovado, mas pressuposto visto que não possuem aparentemente nenhuma obra publicada neste periódico. Deste modo, podemos pensar na eventual presença de *O Futuro* nestes locais.

1.3 Textos

O Futuro foi classificado pelo próprio redator – Faustino Xavier de Novais - como uma revista literária. Jean-Michel Massa, em texto recente, corrobora este ponto de vista explicando que “*O Futuro* era verdadeiramente uma revista literária, tanto pela qualidade dos escritos quanto pelo equilíbrio entre as diferentes matérias³²”.

Dentre os 109 textos veiculados, de fato, observamos uma preponderância de obras de diversos gêneros literários: há 22 crônicas, 32 poemas, 12 contos, 13 correspondências, 2 biografias, 24 textos classificados como outros, 1 romance, 3 excertos de obras³³. Abaixo é possível visualizar uma configuração da participação dos colaboradores em alguns destes gêneros literários:

Poesias	A.C. - Alexandre Conceição - Antônio Simões de Cabedo - Ernesto Cibrão - Faustino Xavier - Ferreira Neves - F. Moniz Barreto - Fojo Seabra - J. de B. Pinto - Leon de Sá Veja - Luiz Delfino - Machado de Assis - Muniz Maia - Torres Bandeira
Crônicas	Antônio Moutinho de Souza - E. Lima – Faustino Xavier - Machado de Assis - Ramalho Ortigão - Sotero de Castro
Contos	Ana Plácido - Brito Aranha - Camilo Castelo Branco - Faustino Xavier - Machado de Assis - Moutinho de Souza - Ninguém - Reinaldo Montoro -

³² MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed., p. 302.

³³ Trechos de *Um parêntesis na vida. Fragmentos de um manuscrito*, da obra *Desconforto. Folha solta e de Viagens*. Porto-Feliz (S. Paulo).

	Ninguém
Correspondências	Antônio Feliciano de Castilho - Augusto Soromenho - Eduardo Laranja - Faustino de Novais - G. Bellegarde - Miguel de Novais - Nuno Álvares - Reinaldo Montoro - T. de Mello
Biografias	Faustino - J. P. de Campos.
Outros	D. - Camilo C. Branco - E. Lima - Faustino Xavier - F. J. Bethencourt - G. Bellegarde - Jaci Monteiro - José Pereira da Silva - José Torres - J. M. de Andrade Ferreira - Leonel de Sampaio - Luiz Delfino - Macedo Soares - Reinaldo Montoro - Teixeira de Mello – Torres Bandeira

Em meio a tantas obras literárias publicadas em *O Futuro*, notamos que alguns dos colaboradores acima mencionados redigiram textos desprovidos do aspecto literário, são eles: *O senhor D. Pedro II* (de Joaquim Pinto de Campos, “baluarte conservador”³⁴); *Visita Imperial* (de Luiz Delfino) e *O ensino às classes operárias* (de Guilherme Bellegarde³⁵).

O primeiro texto - *O senhor D. Pedro II*, de J. P. de C - apresenta um viés marcadamente histórico. Esta obra trata dos apontamentos biográficos de D. Pedro II (em alguns momentos de D. Pedro). Ao retratar a vida do imperador do Brasil, descreve a beleza e riqueza deste país visto como nação independente e soberana, aproveitando o ensejo para elogiar o monarca visto como “pai”, “cidadão” e “benfeitor da nação”³⁶. Explicita também os diversos sistemas políticos existentes.

Luiz Delfino escreve sobre a *Visita imperial - ao estabelecimento de ótica de José Maria dos Reis*. Texto prolixo e sem um eixo temático claro, aborda vários assuntos, desde a visita de D. Pedro à ótica dos Reis, às considerações diversas sobre as conquistas do homem e a importância da liberdade e da inteligência.

O texto de Guilherme Bellegarde assemelha-se a um artigo de cunho social. Discorre sobre o melhoramento das condições de existência dos operários afirmando a importância de combater a ociosidade e os vícios por meio da instrução.

³⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.191, Nota 141.

³⁵ Bellegarde publica outro texto intitulado *Pedro Alvares Cabral desembarcando na Terra de Santa Cruz* – que, diferentemente do anterior aborda questões literárias, promovendo a divulgação da exibição do quadro histórico *Cabral desembarcando na Terra de Santa Cruz* em cartaz no teatro Ginásio pela Companhia Dramática Nacional.

³⁶ FUTURO, n.1, 15 de set de 1862, p.11.

Não é evidente o motivo pelo qual tais textos foram publicados, exceto para os *apontamentos biográficos de D. Pedro II* que sugere a possível existência de ajuda financeira do imperador para o funcionamento desta revista.

Embora não saibamos se de fato houve uma relação estreita entre os participantes deste periódico e D. Pedro II, notamos, todavia, que o monarca teve contato com A. F. de Castilho, com Camilo Castelo Branco (visitando-o em sua casa em Portugal), além de ser um grande admirador da literatura. J. P. de C. afirma que D. Pedro II presidia as sessões do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* onde concedia “larga proteção a quantos aí se distinguem por seus trabalhos literários”³⁷. Bem sabemos também que nesta época criticar, sobretudo o imperador, suas atitudes, a religião e alguns outros temas incorriam geralmente em punições - como é, de certa forma, o caso de Alencar³⁸.

Ademais havia a possibilidade de obtenção de um incentivo financeiro do imperador. Molina (2015) afirma que o governo subsidiou alguns jornais e diz ainda que o sucesso de outros se dava pelo apartidarismo ou apoio ao governo. Segundo ele: “O principal concorrente continuava sendo o *Diário do Rio de Janeiro*, a folha de maior circulação, mas dez anos depois de seu lançamento, o *Jornal do Comércio* se consolidava e o ultrapassava, continuando com sua política de não indispor-se com o governo”³⁹. Corroborando esta visão, Sodré (1983 p.189) constata que “triunfava, realmente, no início da segunda metade do século XIX, o jornalismo conservador, de que o *Jornal do Comércio* foi expressão singular”.

No caso da revista *O Futuro*, a presença política evidencia uma tendência conservadora (ou liberal de direita) buscando eventualmente apoio do próprio D. Pedro II. Sendo assim, concordamos com Massa (2009, p.302) quando constata que: “o tom, apesar de algumas bravatas de Faustino Xavier de Novais, era geralmente sereno. As polêmicas eram trocas cortesias de ideias”.

Outra explicação possível para a presença do texto sobre D. Pedro II estaria ligada ao surgimento da imprensa que, segundo Sodré, teria se desenvolvido com estreita ligação com a atividade política. Este estudioso relata que em meio a tantas

³⁷ FUTURO, n.5, 15 de novembro de 1862, p.150.

³⁸ Este intelectual teve sua carreira política comprometida devido ao veto de D. Pedro II para que ele assumisse o senado, isso porque Alencar criticou o poema épico *A Confederação dos Tamoios* de Gonçalves de Magalhães que tinha sido patrocinado pelo imperador. In.: MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p.225.

³⁹ MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p.240.

disputas políticas, os divertimentos de literatura não cativavam suficientemente a atenção: “a vida política quase se resumia na imprensa”⁴⁰. No periódico aqui estudado, T. de Mello⁴¹ escreve uma carta intitulada *Da imprensa literária no Brasil* onde critica o desaparecimento constante do nosso jornalismo literário e questiona o porquê só se sustentavam as folhas comerciais e políticas.

Deste modo, a presença da biografia do imperador se justificaria como algo normal, talvez até mesmo esperado. Já para os textos de Delfino e Bellegarde, acreditamos que por serem figuras importantes no meio intelectual da época (basta analisar os jornais onde publicaram suas obras: Diário do Rio de Janeiro, Correio Mercantil, Jornal do Comércio e Marmota Fluminense), veicular os textos deles asseguraria um prestígio para esta revista.

1.4 Temas

As obras abordaram temas diversos. *Biografias* revelaram informações ligadas basicamente à vida de D. Pedro e Manoel Jorge Rodrigues. Algumas *correspondências* e textos classificados como *outros* também mencionaram semelhantes fatos ligados à outras pessoas, aparentemente importantes, exemplo Nuno Álvares ao mencionar Viriato Resende de Carvalho em *Perfis Militares*.

As *crônicas* (e determinadas *correspondências*, como as de Miguel de Novais) foram escritas ao sabor dos acontecimentos, comentavam, portanto, as novidades literárias e políticas, livros publicados e peças teatrais representadas.

Os *poemas* trataram de temas variados abordando o amor e suas decepções, confissões, saudade; a nostalgia; o presente e o passado; o verso alexandrino; o dinheiro; o favor; igualdade; o casamento entre outros.

Já os *contos* tematizaram o engano, infortúnio amoroso e o dinheiro. Em alguns casos, há a presença do *acaso*, unindo os fios soltos e solucionando os conflitos. Presenciamos também o uso constante da ironia como forma de crítica à condição do literato, ao mercado editorial, enfim, aos princípios éticos e morais dos seres humanos.

⁴⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 111.

⁴¹ FUTURO, n.7, 15 de dezembro de 1862.

CAPÍTULO 2 - CARACTERÍSTICAS INTERNAS À REVISTA

2.1 Estratégias de venda

A leitura da revista *O Futuro* nos permite destacar três grandes vozes buscando promover a venda de seus exemplares: Machado de Assis, Faustino Xavier de Novais e Reinaldo Carlos Montoro.

O escritor brasileiro, Machado de Assis, dentre outros, expressou seu interesse por esta revista em diversos momentos. Foi, muito provavelmente o primeiro escritor a mencionar na imprensa a existência deste periódico aproximadamente seis meses antes da primeira impressão da revista⁴². Além disso, ao escrever sua crônica no 1º exemplar⁴³, Machado exalta-a por meio da seguinte observação:

Tirei hoje do fundo da gaveta, onde jazia, a minha pena de cronista. A coitadinha estava com um ar triste, e pareceu-me vê-la articular por entre os bicos uma tímida exprobração (...) Compreendi o gesto mudo da coitadinha, e passei a cortar as tiras de papel, fazendo ao mesmo tempo as seguintes reflexões, que ela parecia escutar com religiosa atenção.

- Vamos lá; que tens aprendido desde que te encafuei entre os meus esboços de prosa e de verso? Necessito mais que nunca de ti: vê se me dispensas tuas melhores ideias e as tuas mais bonitas palavras; vás escrever nas páginas do **Futuro**. Olha para que te guardei eu!

Ao personificar sua pena, este escritor faz propaganda indireta das páginas deste periódico que são vistas como um espaço praticamente sacro nas quais são aceitas apenas as “melhores ideias” e “as mais bonitas palavras”, uma honra para esta pena, como pode ser confirmada pela exclamação: “Olha para que te guardei eu!”.

Faustino, através de um diálogo estabelecido com o leitor, esclarece como e porque foi criado seu periódico literário, aproveitando o ensejo para expor a imagem de uma revista muito bem elaborada e organizada, e, assim, conquistar este leitor.

⁴² O escritor faz menção a esta revista em 24 de março de 1862 no *Diário do Rio de Janeiro*.

⁴³ FUTURO, n.1, 15 de setembro de 1862, p. 36.

Reinaldo Carlos Montoro se destaca por esclarecer o pensamento da revista em carta⁴⁴ intitulada *Ao público brasileiro e português*, discursará sobre diversas questões, sobretudo acerca das relações luso-brasileiras e criação de um *campo comum* de discussões, difusão de obras e de escritores, questões tratadas no capítulo 3 deste trabalho.

2.2 Faustino Xavier de Novais e as estratégias de venda

O redator desta revista - Faustino X. de Novais - redige logo no primeiro exemplar um texto intitulado *O Futuro* no qual explicita a concepção do título da revista e procura transmitir a imagem de um periódico muito bem articulado, profundamente elaborado e de ampla abordagem. Segundo ele, a *luminosa ideia* teria sido “resultado de muito longas vigílias, de profundas lucubrações e de aturados estudos”⁴⁵. Explicita ainda sobre o conteúdo abordado por esta revista que embora classificado na capa como literária, há a ampliação ou esclarecimento desta proposta na medida em que prevê a difusão de diversos textos. O autor afirma que: “**O Futuro!** A escolha deste famoso título para um periódico literário, artístico, histórico, científico e biográfico, foi uma inspiração d’aquelas que o homem grande tem uma só vez na vida, se morre antes de ter a segunda! Inspiração de um anjo!”⁴⁶.

Em seguida, ao mencionar o suposto alcance desta revista, o redator apresenta uma visão irônica, camuflada em otimismo e utopia, na qual prevê um prodigioso sucesso desta revista: “[esta revista] não só estenderá o seu prestígio a todos os países onde se fala a língua portuguesa, mas ainda a aqueles onde os sábios cumprirem o dever de torná-lo conhecido por esmeradas traduções [...] é fora de dúvida que o **Futuro** é para todo o mundo”⁴⁷.

Mais adiante são apontados os benefícios adquiridos em troca da assinatura deste periódico: reflexões produtivas e noções de música. Há para isso uma reconstrução irônica de uma calorosa e hipotética conversa sobre o *futuro* entre dois indivíduos – um

⁴⁴ Embora publicada no dia 15 de setembro de 1862, esta carta foi redigida oito dias antes (7/9/62). Disponível no primeiro exemplar da revista *O Futuro*. Disponibilizamos em anexo *Carta de abertura – Editorial*, p. 97.

⁴⁵ FUTURO, n.1, em 15 de setembro de 1862, p.33. Ibid., p.33

⁴⁶ Ibid., p.33.

⁴⁷ Ibid., p.33 e 34.

assinante desta revista e o outro que não o é. Esta discussão expõe a ambiguidade do termo *futuro*, compreendido como *título da revista* e como a *semântica deste termo*: tempo que se segue ao presente ou conjunto de fatos relacionados a um tempo que há de vir. Com este diálogo, o autor do texto conclui que além das notáveis noções de música adquiridas através desta revista, este diálogo permite entrever o seguinte: “*Se isto é resultado somente de uma discussão sobre o título, imaginem o proveito que o mundo colherá da leitura do periódico!..*”⁴⁸.

Depreendemos, portanto, esclarecimentos e enaltecimentos do periódico com o propósito de convencer os leitores a adquirirem-no, questão evidenciada também pela presença de aspectos *modernos* nesta revista.

2.3 Aspectos modernos da revista

O periódico literário de Novais apresentou alguns elementos que denotaram uma modernidade desta revista. Inicialmente vemos a presença de *gravuras* e *partituras musicais*.

As primeiras⁴⁹ foram, geralmente, inseridas antes das obras com as quais dialogaram, permitindo uma assimilação quase que imediata da mensagem e tornando *O Futuro* uma revista mais atrativa (dois exemplos podem ser visualizados pelas gravuras *Três pessoas distintas* - que antecedeu o poema⁵⁰ de mesmo título - ou *O Futuro* - ilustrando quatro mulheres e uma menina - seguida do texto *Às leitoras do Futuro*⁵¹).

As partituras e os instrumentos utilizados para entoarem-nas, nesta época, favoreceram a sociabilidade das pessoas, incitando-as a discutirem temas diversos ao som de obras musicais, situações, aliás, recorrentes em salões, bailes e outros eventos organizados pela elite brasileira. De acordo com Alencastro (1997, p.46/7):

A merdadoria-fetichismo dessa fase econômica e cultural será o piano (...) De alto valor agregado e de imediato efeito ostentatório – as duas características que fazem desde então a felicidade respectiva dos importadores e dos consumidores brasileiros de renda

⁴⁸ FUTURO, n.1, em 15 de setembro de 1862, p.35.

⁴⁹ As gravuras estabeleceram uma relação direta com as obras textuais sugerindo a criação das mesmas com o fim específico de publicá-las nesta revista.

⁵⁰ FUTURO, n.11, em 15 de fevereiro de 1863, p.341.

⁵¹ FUTURO, n.5, em 15 de fevereiro de 1863, p.157.

concentrada -, o piano apresentava-se como o objeto de desejo dos lares patriarcais. Comprando um piano, as famílias introduziam um móvel aristocrático no meio de um mobiliário doméstico incaracterístico e inauguravam-no sobrado urbano ou nas sedes das fazendas – o salão: um espaço privado de sociabilidade que tornará visível, para observadores selecionados, a representação da vida familiar. Saraus, bailes e serões musicais tomavam um novo ritmo.

Evidenciamos acima o piano como símbolo da sociabilização. Instrumento musical, por sua vez, que nos remete ao estereótipo feminino desta época: a mulher prendada que, além de se dedicar ao ambiente familiar (procriação e educação dos filhos, supervisão das atividades desenvolvidas pelos escravos⁵²), aprendia a costurar, bordar e *tocar piano*. Alencastro, ao evocar o ambiente familiar e os bailes, transporta-nos a este imaginário onde a mulher desenvolveu um papel aparentemente insignificante, mas que nesta revista foi vista como parte de um público leitor relevante.

Não é em vão que Faustino faz a seguinte revelação: “Convém notar que não é este o primeiro número do **Futuro**, consagrado especialmente às damas. Não foi, de certo, para os homens que se compôs a valsa publicada no n.3. Lá está o título a confirmar esta asserção⁵³”. Desta forma, percebemos a inclusão das mulheres como possível público leitor desta revista, visto aqui como outro elemento modernizador que acarretou na inserção das partituras e, eventualmente, das gravuras (mormente de quatro intituladas *O Futuro*⁵⁴).

Por fim, evidenciamos ainda pelo menos mais um aspecto que nos impele ao lado *moderno* desta revista: a existência de obras veiculadas pela primeira vez em suas páginas, como veremos adiante.

2.3.1 Público leitor

A revista *O Futuro* apresentou aparentemente nos primeiros periódicos uma recepção apreciável. No 2º exemplar, Faustino X. de Novais redige uma *Crônica* na qual expõe sua suposta satisfação em virtude desta recepção. Segundo ele: “É verdade

⁵² Cf. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo, Vozes: 1979.

⁵³ FUTURO, n.5, 15 de novembro de 1862, p.158/9.

⁵⁴ Trata-se de quatro gravuras diferentes retratando mulheres.

que a recepção que teve o *Futuro*, impõe ao redator a gostosa obrigação de tributar os mais sinceros agradecimentos ao publico, e à imprensa brasileira”⁵⁵.

O público leitor previsto abrangeu, em princípio, nações portuguesa e brasileira⁵⁶, incluindo provavelmente dois públicos diversos: o masculino e o feminino. Apesar da existência de textos políticos, históricos ou científicos destinados eventualmente ao público masculino - *ao leitor* - a continuidade da leitura de alguns contos e de correspondências expõem uma integração do público feminino – *a leitora*.

Miguel de Novais, em sua correspondência presente no 3º exemplar, parece entrever esta questão, ao esclarecer sua contribuição dizendo:

Dar-te-ei uma ligeira notícia dos acontecimentos que possam direta ou indiretamente, interessar os assinantes do Futuro. Não falarei de política, por ser manjar de que não pude ainda apreciar o delicado sabor; nem tampouco me intrometerei em questões comerciais [...]”⁵⁷.

O irmão de Faustino de fato não fala diretamente de política ou questões comerciais, opta por atualizar os leitores principalmente sobre os eventos ligados ao mundo literário. Sua preocupação girou em torno do suposto desejo de agradar o público feminino. Em uma correspondência enviada a seu irmão, expressa um arrependimento por não se sentir capaz de satisfazer suas leitoras, dizendo:

Se eu pudesse falar de modas! ... Já tive esta ideia quando soube que contavas entre os teus assinantes grande número de senhoras; mas é tal a negação com que me sinto para bem cumprir essa tarefa, que receio ficar mal contigo e com elas. Deus me livre de semelhante cousa! Prezo demasiado o belo sexo para que assim me arrisque a cair no seu desagrado: vou habilitar-me; assignarei todos os jornais de modas, e extrairéi deles o que me parecer mais elegante, e é isso o que depois hei de recomendar as tuas amáveis leitoras.⁵⁸

⁵⁵ FUTURO, n.2, 1 de outubro de 1862, p.71.

⁵⁶ Não se sabe ainda se houve uma circulação desta revista em Portugal ou se *nação portuguesa* deve ser compreendida como um acesso desta revista pelos portugueses residentes no Brasil. As palavras de Novais expõem também uma possível estratégia de marketing à qual mostraria a imagem de uma revista de grande amplitude, circulando no Brasil e em Portugal, na Europa.

⁵⁷ FUTURO, n.3, 15 de outubro de 1862, p.99.

⁵⁸ FUTURO, n.5, 15 de novembro de 1862, p. 258.

Ao escrever *Às leitoras do Futuro*⁵⁹, o redator desta revista expõe no próprio título o público alvo a quem é feita a *propaganda* da revista. Através do humor, informa que *O Futuro* não só está na moda por ser *literária*, como também é capaz de atualizar suas leitoras sobre questões ligadas à moda. Ao mencionar o termo *leitoras*, esta revista se mostra preocupada com as necessidades deste público, apresenta-se como um veículo eficiente favorecendo-as a “estar na *moda*”, estratégia lucrativa para este público e para o redator, que assegura as assinaturas de sua revista. Segundo as palavras de Novais:

É moda reinante entre as Senhoras de bom gosto o tomar por assinatura todos os periódicos literários [...]

Devo prevenir a V. Ex. que **O Futuro** não se limita a elucidar-las sobre enfeites: há de dar-lhes esclarecimentos sobre todas as modas, seja qual for o seu gênero [...]

Eu, amante sincero do progresso, e de V. Ex., ponho a sua disposição as páginas do meu livro de assinaturas.

Na obra *Teatro por dentro e por fora*, Moutinho conta a história da *doida do sítio às leitoras*: “a história que eu relatarei às minhas leitoras (...) eu preciso oferecer o braço à minha leitora”⁶⁰.

Logo, a recorrência de textos direcionando as palavras às *leitoras* permite supor que elas representavam um público promissor nesta época. Sodré, em seu livro *História da imprensa no Brasil*, retoma as palavras de Visconde de Taunay referente ao interesse dos folhetins pelos “círculos femininos da sociedade fina e no seio da mocidade, então muito mais sujeita ao simples influxo da literatura, com exclusão das exaltações de caráter político”⁶¹. Sodré afirma ainda que “o jornal de Paula Brito anunciava romances e novelas anônimas, fabricadas aos montes para distrair o espírito das sinhazinhas e dos estudantes”⁶². Distração aparentemente presente nesta revista, seja nas ilustrações,

⁵⁹ FUTURO, n.5, 15 de novembro de 1862, p.158.

⁶⁰ FUTURO, n.9, 15 de janeiro de 1863, p.296.

⁶¹ Não foi possível localizar a obra de Visconde de Taunay. Obtivemos acesso a esta informação *In.*: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.191, Nota 121.

⁶² *In.*: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.193.

partituras ou nas obras literárias por ela veiculadas (sobretudo o romance *Agulha em Palheiro*, ponto abordado no item 2.3.3.).

2.3.2 Novidades literárias

Este periódico buscou imprimir novidades literárias disponibilizando-as primeiramente em suas páginas a seus leitores, procedimento recorrente na imprensa nesta época. Estratégia, aliás, eficaz na divulgação destas obras.

A princípio, destacamos: o conto *País das Quimeras* e os poemas *Sinhá* e *A estrela do povo*⁶³ de Machado; o manuscrito *Parênteses na vida*, de autoria duvidosa⁶⁴ e os contos de Ana Plácido⁶⁵: *Às portas da eternidade* e *A desgraça da riqueza*.

Em seguida observamos em carta redigida por Miguel de Novais, em 12 de março de 1863 – 12º exemplar – um “*mimo*” oferecido com o consentimento da poetisa aos leitores do *Futuro*: uma “*linda poesia*”⁶⁶ de Leon de La Veja. Brito Aranha, no 19º exemplar, assina a obra *Os pássaros de Ahmed - Tradição de Granada* confessando oferecê-la primeiramente aos leitores do *Futuro*.

Zaluar⁶⁷ publica trechos de seu livro *Peregrinação pela Província de São Paulo* na revista *O Futuro* intitulados *Viagens. Porto Feliz (São Paulo)*. Observando as *Tabelas 1* e *Tabela 3*, em anexo, notamos que foram impressos nos exemplares 16, 17 e 18, surgindo portanto em 1 de maio de 1863, mesmo ano em que este vem a lume em forma de livro. Interessante notar que Machado de Assis, pouco tempo depois, tece

⁶³ Segundo MASSA (2009, p. 307:), estes poemas foram retomados no livro *Crisálidas*, o segundo com profundas modificações.

⁶⁴ Massa questiona a autoria deste *conto inacabado*. Diz que “as partes III, IV e V de *Um Parênteses* contém frases inteiras exatamente idênticas às que se encontram nos capítulos I e II de *Felicidade pelo Casamento*”. (p.315/6). Este estudioso explicita que partilha da mesma opinião de José Galante de Sousa que não atribui esta obra à Machado. Já R. Magalhães Júnior acredita que esta obra pertence ao escritor carioca e o inseriu no volume *Contos esparsos de Machado de Assis*, atitude seguida por Mauro Rosso no livro que organizou recentemente (em 2014) intitulado *Machado de Assis – textos inéditos em livro*, publicado pela Academia Brasileira de Letras.

⁶⁵ Para Alonso, o conto *Às portas da riqueza* foi incluído em *Luz coada por ferros* e *A desgraça da riqueza* se trata de um conto avulso (p. 48/51).

⁶⁶ Fica subentendida a publicação desta obra primeiramente nesta revista, no entanto não foi possível confirmar esta informação.

⁶⁷ Machado analisa brevemente na revista *O Futuro* a obra *Revelações* deste escritor. Diz que “é coisa rara e para admirar um livro de versos”. Comenta que este é um autor que dispensa apresentações por “ser conhecido por todos”, diz ainda que o poeta chegou à maturidade do seu talento. In.: FUTURO, n.14, 1 de abril de 1863, p. 466/7

comentários sobre esta obra em sua crônica de 16 de novembro de 1863 no *Diário do Rio de Janeiro* dizendo que o autor da obra em questão: “Era então redator do *Paraíba*, e escrevendo em cartas as suas impressões, tinha por fim apontar nas colunas daquela folha, que tão importante era, muitas questões de ordem prática, resolver algumas, suscitar outras, enfim tirar das suas excursões uma base para estudos futuros de incontestável proveito e oportunidade”⁶⁸.

Finalmente, na figura de Camilo Castelo Branco, temos o último exemplo de “*modernidade*” desta revista. Em cartas trocadas com Faustino, dispõe-se a escrever romances para seu amigo publicá-los em terras brasileiras. Diz “eu com o teu estímulo, e com um pouco de dinheiro, tenciono escrever muito. Quero dar-te oito romances cada ano, pelo menos”⁶⁹. Em carta de 10 de julho de 1862 informa que está escrevendo “o romance”, referindo-se provavelmente à obra *Agulha em Palheiro*. Diferentemente de Zalar, Camilo previa a impressão desta obra no jornal de seu amigo, informação confirmada pela crônica⁷⁰ escrita por Machado de Assis. O escritor brasileiro informa que o redator tem em mãos esta obra e pretende dar todo no *Futuro*, capítulo por capítulo. Acrescenta que este romance foi exclusivamente escrito para esta revista e é propriedade desta revista.

Em junho de 1863, deparamo-nos com uma carta de Faustino evidenciando um diálogo com Camilo. Segundo o redator, os leitores do romancista aguardavam ansiosos por seus livros, vistos como verdadeiros admiradores da escrita inventiva e irônica de seu amigo. Reproduzimos abaixo alguns versos:

Mais uma comedia, mais um conto,
Mais artigos de ciência,
Mais um drama quase pronto,
Não há nunca reticencia,
Não há vírgula nem ponto!

Isto, amigo, não se atura!
Tu, se escreves a cavalo,
Modera mais a andadura:

⁶⁸ ASSIS, Machado de. Obra completa. Vol.4. Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro: 2008. 2ªed. p.1063/4.

⁶⁹ De acordo com Salles, esta carta teria sido redigida com datação apócrifa em 2 de setembro de 1858. In.: SALLES, Miguel. *Cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais 1858 e 1862*. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49240> Acesso em 7 de julho 2016, p.247/260.

⁷⁰ FUTURO, n.9, 15 de janeiro de 1863.

- Tempo que dás de intervalo

Não chega para a leitura!⁷¹

Notamos acima a produção intensa e variada de Camilo, que graças ao seu sucesso literário junto aos leitores aqui residentes esteve tão presente em terras brasileiras. Sendo assim, publicar a obra *Agulha em Palheiro* de seu amigo em *O Futuro* refletiu uma percepção sagaz na qual ambos lucrariam: tanto Faustino, quanto Camilo.

2.3.3 Agulha em Palheiro

A publicação da narrativa ficcional na imprensa foi uma prática recorrente no século XIX. Segundo Meyer (1996), “praticamente todos os romances passam a ser publicados nos jornais ou revistas *em folhetim*, ou seja, em fatias seriadas⁷²”. Ideia concebida por E. Girardin, francês cuja criação de *La Presse*, importante jornal francês e de grande circulação nesta época, possibilitou a propagação desta prática.

Além do aspecto seriado, o *Folhetim*, também conhecido como *feuilleton*, o *Folhetim* apresenta geralmente conteúdo melodramático (mortes, desgraças, catástrofes e sofrimentos) a fim de deleitar o leitor e prender sua atenção. Meyer em seu livro *Folhetim, uma história* afirma que:

Comum a todos, e importantíssimo, era o suspense e o coração na mão, um lencinho não muito longe, o ritmo ágil da escrita que sustentasse uma leitura às vezes ainda soletrante, e a adequada utilização dos macetes diversos que amarrassem o público e garantissem sua fidelidade ao jornal, ao fascículo e, finalmente, o levasse ao livro.⁷³

Analisando a versão impressa da obra *Agulha em Palheiro* por esta revista denotamos uma proximidade deste romance junto a este gênero tão cultuado no século XIX.

Tanto a forma quanto o conteúdo desta obra apresentam diversos elementos que possibilitam esta aproximação. Com relação à *forma*, há: a expressão *Continua* e a

⁷¹ Carta redigida em forma de poema e veiculada em FUTURO, n.19, 15 de junho de 1863, p. 32.

⁷² MEYER, Marlyse. *Folhetim uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P.59

⁷³ MEYER, Marlyse. *Folhetim uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P.303.

disposição dos capítulos de maneira a favorecer o clímax da narração. No 14º exemplar, encontramos o corte da narrativa após o capítulo II, momento em que se apresenta o primeiro conflito no enredo. O leitor fica curioso por saber se o personagem Fernando abandonaria seus estudos e seguiria a carreira do pai ou se ele encontraria uma nova solução para o problema surgido, resposta obtida somente na próxima quinzena com a impressão do cap. III. O mesmo ocorre com os cap. IV e V, VI e VII e assim por diante, impressos sempre em números subsequentes privilegiando a interrupção da história em momentos inusitados, alimentando, assim, sempre o aspecto convidativo à continuidade da leitura. Quanto ao conteúdo, depreendemos a presença dos seguintes temas: a paixão, o ódio, a vingança, a perseguição, fugas, entre outros, reforçando os aspectos melodramáticos e assegurando o sucesso junto ao público leitor.

Esta obra literária relata a vida de Fernando Gomes, filho de Maria Luciana e Francisco Lourenço, renomado sapateiro e grande apreciador da literatura, também conhecido como “*sapateiro poeta da Calçada do Sacramento*”. Irmão de Gracinda e Genoveva, Fernando é o único dos herdeiros que tem acesso aos estudos. Embora seja ótimo aluno, é muito censurado pelos acadêmicos de Lisboa, seus condiscípulos, devido à sua posição social: filho de um sapateiro.

O príncipe de Monfort, que possibilitou o primeiro contato de Fernando com a família Briteiros, aconselha o jovem estudante desde o início a ter precauções:

[as filhas de Briteiros] têm sido pretendidas de grandes senhores da França, da Polônia, e da Itália. E o avarento pai não as cede às mais remontadas stirpes, nem aos mais abastados concorrentes (...) Advirto-o meu amigo, desta avareza do Sr. De Briteiros, que não vá suceder apaixonar-se o senhor por alguma de suas patrícias!... Eu ficaria com eterno remoeiro de o ter apresentado, se o visse amanhã a braços com um amor funesto!...⁷⁴.

O sofrimento do protagonista se agrava quando se apaixona por Paulina, irmã de Eugênia, filhas de Bartolo Briteiros: o homem de grandes posses e da alta sociedade da época.

Buscando garantir o sucesso do periódico literário *O Futuro*, o redator se inspirou na grande perspicácia editorial da época e optou por imprimir este romance de

⁷⁴ BRANCO, Camilo Castelo. *Agulha em Palheiro*. IN.: FUTURO, n.16, 1 de maio de 1863, p.510.

forma seriada, isto é, disponibilizou seu enredo pouco a pouco seguindo o exemplo da impressão das obras folhetinescas.

De acordo com Sodré (1999, 243):

O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos a todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram maioria.

A presença deste gênero literário possibilitou a reunião de pessoas em torno de uma obra, inserindo sobretudo o público feminino. Ademais, o redator, sabiamente reconhecendo o sucesso de Camilo por estas terras, algo explícito em sua carta, mencionada anteriormente, controla a expectativa dos leitores que deveriam esperar ávidos pela continuidade da história por mais quinze dias. De acordo com Martins & Luca (2008, p. 70): “A característica da serialização, instigando a leitura seguinte, garantia o consumo da publicação enquanto lá se encontrasse, de suspense em suspense, o enredo instigante com os lances rocambolescos pertinentes”. É provável que ao fazer esta escolha, seguindo o curso natural da época, Novais tenha considerado não só a questão de estabilidade no número de leitores, optando por imprimir este romance nos últimos exemplares, mas tenha pensado também na possibilidade de continuidade de sua revista com a consequente necessidade de conquista de novas assinaturas. Logo, esta estratégia objetivaria não só manter como também ampliar o público leitor.

CAPÍTULO 3 - PROPOSTAS DE UMA REVISTA LITERÁRIA LUSO – BASILEIRA

O século XIX no Brasil registrou agitações e mudanças políticas marcantes. Em 1822, de colônia o território brasileiro se transformou em país independente, declarando assim sua separação da metrópole portuguesa. Segundo Sodré (1983, p.44): “O processo da Independência foi longo, tortuoso, cheio de altos e baixos, com avanços e recuos, dependente de muitos fatores”.

Durante os nove anos que se seguem à Independência do Brasil, notamos o avanço liberal – esquerda e direita unindo forças – e um consequente isolamento dos conservadores que perdem a representatividade junto à opinião, ao legislativo e à imprensa. O ano de 1831 é marcado por ondas de manifestações a favor da Constituição, reivindicações da liberdade de imprensa e um desgaste constante da figura de D. Pedro, que praticamente isolado, optou por, em 7 de abril, abdicar o poder em favor de seu filho D. Pedro II.

Com a morte de D. Pedro, há uma retomada do poder pelos conservadores que se unem aos liberais de direita. Momento conhecido como *regresso*, foi marcado pela repressão às rebeliões e isolamento dos liberais de esquerda.

Em 1840, deparamo-nos com o *golpe de maioria* momento no qual o parlamento brasileiro declara o, então príncipe herdeiro D. Pedro II, Imperador do Brasil, antecipando sua coroação prevista para 1843, quando ele completaria seus 18 anos. Cessara, por um período de tempo, a turbulência política anterior, possibilitando uma consolidação do poder em torno de uma figura de governo central. Segundo Sodré (1983, p.186): “A partir do início da segunda metade do século XIX, o Império está com a sua estrutura articulada e firme: consolidou-se para uma larga etapa e tudo ganha aspectos duradouros, parece definitivo”.

Nesta época o Rio de Janeiro crescia graças às atividades comerciais e a vagas de empregos em órgãos públicos e administrativos. Evidenciamos uma presença portuguesa marcante na vida política, social e intelectual da época. Molina (2015, p.299) afirma que:

Os portugueses tinham enorme influência na sociedade e na vida pública. Exerciam importantes cargos públicos, dominavam grande parte do comércio, interferiam na política, controlavam diversos jornais. Tudo isso talvez fosse inevitável num país que

acabava de conseguir a Independência, mas predominava a sensação de que eles agiam com certa insolência.

Em meio a esta realidade, surge em 1862 a revista literária *O Futuro* apregoando a criação de um *campo* comum que refletiria a união entre os povos portugueses e brasileiros, despertando em alguns a sensação de insolência mencionada por Molina.

A primeira voz alardeando esta proposta em nome deste periódico foi Machado de Assis em 24 de março de 1862, no *Diário do Rio de Janeiro*, em uma crônica na qual revela:

O Futuro, revista que aparecerá cada quinzena, é mais um laço de união entre a nação brasileira e a nação portuguesa. Muitas razões pedem esta intimidade entre dois povos, que, esquecendo passadas e fatais divergências, só podem, só devem ter um desejo, o de engrandecer a língua que falam, e que muitos engenhos têm honrado [...]

A natureza dos escritos que requer um folheto de trinta páginas, publicado cada quinzena, muitos dos nomes que se me diz farão parte da redação, entre os quais figura o velho Herculano, e a inteligência diretora e proprietária da publicação, o filho dileto do autor de Bilhar, F. X. de Novais, dão ao Futuro um caráter de viabilidade e duração.

Este abraço literário virá confirmar o abraço político das duas nações. Não por certo no campo da inteligência que se devem consagrar essas divisões que são repelidas hoje ⁷⁵.

As *passadas e fatais divergências* apontam certamente para o momento histórico que expôs as inquietações e conflitos entre os conservadores, os liberais de direita e os de esquerda, os quais defendiam respectivamente o absolutismo, a monarquia constitucionalista e o sistema republicano. Como proposta de superá-las e até mesmo esquecê-las surge, de acordo com Machado, esta iniciativa prevendo a *união da nação brasileira e portuguesa*, uma *intimidade entre os dois povos*, ideias que serão retomadas logo na primeira publicação desta revista, em 15 de setembro de 1862, por Reinaldo Carlos Montoro.

Voz credível e literato ideal para tratar deste assunto - pois teve uma participação ativa no mundo da literatura (promovia encontros e incitava a discussão e produção constante de obras literárias) - Montoro ressalta a importância, sobretudo, de promover este *abraço literário* entre Portugal e Brasil a fim de fortalecer as relações literárias

⁷⁵ ASSIS, Machado de. Obra completa. Vol.4. Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro: 2008. 2ªed. P.65 à 68.

luso-brasileiras. Ressonâncias que perpassam também o discurso de Castilho, quando este caracteriza a iniciativa do redator como *Banquete literário*⁷⁶, e de Faustino em *Esboço biográfico*⁷⁷ onde expressa sua satisfação dizendo:

Nobre pensamento! Nobilíssima aspiração, essa que induz humanidade a ligar-se em fraternal abraço, promovendo o estímulo entre as nações, buscando suplantar o prestígio adquirido por uma descoberta admirável com a criação d’outra mais prodigiosa ainda (...).

Montoro, em sua carta⁷⁸, explicita logo no título o “*público leitor*” de *O Futuro*: povos portugueses e brasileiros. Seu discurso literário apresenta estratégias típicas do discurso político, permitindo uma aproximação entre ambos: há uma eloquência da oratória, a construção de um *lugar comum* por meio da idealização das *nações brasileiras e portuguesas* vistas como “*nações do futuro*”, a presença do teor persuasivo e de uma voz representando uma fala coletiva.

Logo no primeiro parágrafo o autor expõe a questão central do texto: “*estabelecer um campo comum*” tido como um “*pensamento concebido por todos os que prezam as literaturas dos dois países*”, convocando indiretamente os leitores a se juntarem aos que têm este posicionamento, caso contrário serão vistos como opositores à ideia de beneficiar a ambas as literaturas e proporcionar a difusão do “*conhecimento mútuo do movimento literário de cada uma*”. Intensificando esta ideia quase maniqueísta, expõe dois “partidos” através da seguinte reflexão:

[estabelecer um campo comum] é propósito que pode fazer sorrir incrédulos do adiantamento, ou entristecer as almas mesquinhas que amam a sombra e o isolamento, e receiam os salões iluminados, os banquetes fraternais em que há sociabilidade; mas há de alegrar, enobrecer de aspirações os ânimos generosos, que sonham futuro, amplo em civilização e grandeza social, para as duas nações de origem portuguesa (p. 26)

⁷⁶ Em uma **Correspondência** de 15 de novembro de 1862 (5º exemplar), Antônio Feliciano de Castilho classifica a participação na revista como *Banquete literário* a fim de “*regalar a nossa gente d’aquém e d’além mar, os leitores portugueses e brasileiros*” (p.160), retomando a ideia prevista no periódico de Faustino.

⁷⁷ FUTURO, n.13, 15 de março de 1863.

⁷⁸ Em uma **Correspondência** de 15 de novembro de 1862 (5º exemplar), Antônio Feliciano de Castilho classifica a participação na revista como *Banquete literário* a fim de “*regalar a nossa gente d’aquém e d’além mar, os leitores portugueses e brasileiros*” (p.160), retomando a ideia prevista no periódico de Faustino.

É apresentado, portanto, o partido dos “*incrédulos do adiantamento*” ou as “*almas mesquinhas*” compreendidas como inimigas do progresso e os “*ânimos generosos*” representando a defesa e a busca pela grandeza.

Momento ideal para convocação à luta, o autor usa prontamente o léxico ligado à guerra – “*soldados da pátria intelectual*”, “*depôr as armas*”, “*conquista*”, “*grandeza da sua missão*”, “*fortalece a dignidade*”, “*nação independente*”, “*muralha ideal*”, “*defende nações contra o estranho domínio*” – incitando o público leitor a aderir ao “*pensamento de todos os que prezam as literaturas dos dois países*”. Esta proposta visa promover o “*adiantamento literário*” de Portugal e do Brasil vistos pelo autor como nações que se complementariam. Segundo Montoro:

Não tem vida própria ambas as nações, não têm consciência da sua força, não tem uma o passado que a sustenta, não tem outra a grandeza de sua missão, que lhe fortalece a dignidade? Para que arrefecimentos de entusiasmo, quando se trata não de ceder qualquer das prerrogativas sociais de nação independente, mas ao contrário, de dar mais força à existência social de cada nação, promovendo com a emulação nobre, o adiantamento literário, que é a muralha ideal, sim, mas inexpugnável, que defende as nações contra estranho domínio? (p.26).

Este discurso parece prever portanto a existência de duas nações independentes de modo que a busca pelo fortalecimento das relações luso-brasileiras no campo literário em nada afetaria, supostamente, a autonomia nem a soberania do Brasil. Há a presença de um discurso político visando validar o literário, ou seja, Montoro se serve de argumentos políticos para atingir o literário, assim como também há a transmissão da seguinte mensagem: independência política não implicaria necessariamente na literária. O autor, no entanto, reconhecia igualmente a literatura brasileira como *independente* ou *complementar* (de modo que ambas configurariam a existência de somente uma literatura)?

Por mais que este intelectual mencione expressões como “*duas nações*”, “*as literaturas de dois países em que se fala a língua portuguesa*”, “*movimento literário de cada uma*”, parece-nos coerente considerar a segunda hipótese como verdadeira. Isso porque ao evocar a defesa recorrente do *comum* (“*campo comum*”, “*arraial comum*”, “*força comum*”, “*ideias comuns*”, por fim, “*sonhar para ambas nações idêntica grandeza*”) parece não necessariamente entrever o outro ou o diferente. Algo semelhante aparece na carta de Castilho quando justifica sua ausência alegando

“*compromissos anteriores, ocupações também literárias e incessantes*”. Como contribuição, este envia duas pequenas sátiras⁷⁹ que, segundo ele, serão ouvidas com o mesmo gosto que em Portugal pois “sendo a raça a mesma, e as mesmas as instituições políticas dos dois países, os costumes pouco poderão diferir, e a sátira, que n’uma parte acertar, não desacertará na outra”⁸⁰. Ambas as situações nos induzem à compreensão de que estes escritores consideravam a literatura do Brasil como a mesma ou complementar à literatura portuguesa.

Retomando as palavras de Reinaldo C. Montoro, além da evocação das “*nações do futuro*”, vistas literariamente como “complementares”, ele inclui também como público leitor da revista os que “*nos entenderão*”: homens industriais, defensores do progresso material que reprovam os “*desdêns dos amigos exclusivos do interesse pecuniário, não trocam as ideias nobres por dinheiro*”⁸¹ e compreendem portanto a relevância dos idealistas, pensadores, colecionadores históricos e literatos, assim como também o mérito da literatura “*cultivando o espírito, alimentando-se de nobres intenções nos livros, ensinando seus filhos a serem moralizados e instruídos*”.

Ainda no primeiro parágrafo, a fim de obter a adesão dos leitores desta carta, o autor utiliza vários recursos retóricos, dentre eles: apresenta-se como parte integrante de um grupo e evoca experiências vivenciadas por nós.

Ao recorrer à 1ª pessoa do plural – “*Nós, soldados (...) nós, jovens*” o porta voz conquista retoricamente a empatia dos leitores, mostrando-se pertencente ao mesmo grupo, partilhando, portanto, as mesmas ideias e vivências.

Em seguida evoca situações concretas como as “*admirações e aplausos para obras de algibebe literários do estrangeiro*”, a abjeção à produção brasileira e portuguesa alegando não ter “*o cunho da graça francesa, da profundidade alemã, do positivismo inglês*”⁸² fazendo alusões aos que pensam desta maneira como sendo “*maldizentes das próprias nações, sábios sem pátria*”. Desta forma, ele toca indiretamente em um ponto crucial: a presença significativa de obras francesas (concorrendo com a literatura portuguesa), estabelecendo um diálogo com Jaci Monteiro e F. Muniz de Barreto, também colaboradores desta revista. Este redige o

⁷⁹ Publicadas em forma de poema intituladas: *Carta a um Regedor* e *Resposta do Regedor*, publicadas respectivamente nos exemplares 5 e 6.

⁸⁰ FUTURO, n.5, 15 de novembro de 1862, p. 160.

⁸¹ FUTURO, n.1, 15 de setembro de 1862, p. 27.

⁸² FUTURO, n.1, 15 de setembro de 1862, p. 27.

poema *É Paio*, no qual critica o comportamento de quem fala francês acreditando ser mais decente que falar português:

O que, tratando com gente
Da pátria língua, em francês
Fala como papagaio
E acha isso decente
Que falar em português
É paio⁸³

Jaci Monteiro escreve um artigo⁸⁴ intitulado *As leoas pobres* criticando a peça de mesmo nome encenada no Rio. Afirma: “A peça *leoas pobres* seria admissível, poderia mesmo ser boa para Paris, talvez para a França; para nós não. Em verdade tudo aí é essencialmente francês: francês são os costumes, francesa a sociedade, a vida que ali se pinta, e tão franceses certos assuntos, termos e frases (...) Ajuntem-se a isto nomes franceses de personagens e de lugares, e ver-se-à *que essa comédia não serve entre nós senão para fazer nascer algumas imitações mais, além das inúmeras que já infelizmente deve o nosso país à França. Já bastam as mulheres de mármore, as Damas das Camélias e outras que taes, Srs! Acreditem que nem tudo o que é da França é bom*”⁸⁵.

Adiante, continua com o mesmo tom lamentando: “*esses e outros vícios e defeitos nossos, ataquem-nos com as armas que exigem a forma por que se apresenta; disto carecemos, não de mais francesias – Se houvesse entre nós mais espírito nacional, essa peça e outras semelhantes, não sustentariam nem a primeira representação*”.

De acordo com Massa (2009, p.254), de fato a “literatura dramática brasileira não era, propriamente falando, nem autônoma, nem independente, porque continuava, em seus princípios e temas, paralela à evolução da cena francesa”.

Por fim, com o propósito de convencer o público leitor a apoiar o pensamento da redação, expresso por meio de suas palavras, em prol das *Nações do futuro*, aqui vistas como Brasil e Portugal, Montoro expressa o reconhecimento aos grandes escritores – “*Não entendam espíritos prevenidos, que desprezamos os grandes mestres das nações estranhas*”⁸⁶ – mas se questiona, e conseqüentemente, encoraja os leitores a reivindicar

⁸³ FUTURO, n.9, 15 de janeiro de 1863, p. 303.

⁸⁴ FUTURO, n.19, 15 de junho de 1863, p. 613 (grifo nosso).

⁸⁵ FUTURO, n.1, 15 de setembro de 1862, p. 708 (grifo nosso).

⁸⁶ FUTURO, n.1, 15 de setembro de 1862, p. 27.

o “voto e assento no congresso” e o direito de “*darmos ideias novas e modelos d’arte às nações*” mostrando a viabilidade de tais ocorrências posto que há “*historiadores, poetas, economistas, narradores que valem os das nações mais adiantadas*”⁸⁷. Estas informações são transmitidas em forma de questões retóricas reforçando o tom persuasivo no discurso literário, assim como no discurso político.

Logo, a proposta de difusão e divulgação de obras, normalmente portuguesas ou brasileiras, foi cumprida pela revista *O Futuro*. Entre os diversos textos veiculados nas páginas desta revista, encontramos vários exemplos dos quais transcrevemos somente alguns.

F. J. Bethencourt da Silva – no 9º exemplar - redige um texto crítico no qual analisa o drama histórico do Sr. José da Silva Mendes Leal Júnior intitulado *Egas Muniz*. Em crônica do mesmo exemplar Machado informa brevemente que Faustino tem em mãos a obra Camilo C. Branco: *Agulha em Palheiro*. Em 15 de fevereiro de 1863 – 11º exemplar - o cronista carioca diz ter em suas notas as *Produções poéticas* de Francisco José Pinheiro Guimarães – um grosso volume contendo o *Chid Harold*, *Sardanapalo* (ambos de Byron), *Roubo da Madeira* de Pope e *Ernani* de Victor Hugo (embora Machado não explicita, parece se tratar de traduções destas obras). Em outra crônica, o escritor carioca comenta rapidamente as obras *Luz coada por ferros* de Ana Augusta Plácido e o drama da Sra. D. Maria Ribeiro intitulado *Gabriela*. Machado estabelece um diálogo com pontos expostos na carta de Montóro: “Estou no capítulo das escritoras. Depois da portuguesa aí vem a brasileira, contemporâneas no aparecimento, para confirmar na ordem literária, a coincidência que se verifica muitas vezes na ordem política entre os dois países”⁸⁸.

No entanto, acreditamos que para além da difusão das obras literárias, este periódico se apresentou como instrumento de *luta* contra o “*estranho domínio das forças estrangeiras*” e a “*estagnação intelectual das pátrias portuguesas*”, e, de *incentivo* ao “*adiantamento literário*” através da produção de obras portuguesas e brasileiras. Para Lourenço (2001, P. 140):

[...] o Brasil intelectual do século XIX é ainda *muito português* e, num certo sentido, nunca o foi mais, pois antes a questão das relações culturais em termos de “*exterioridade*” mal se punha, nem havia razão para que se pusesse. O Brasil continua a

⁸⁷ FUTURO, n.1, 15 de setembro de 1862, p. 27.

⁸⁸ FUTURO, n.13, 15 de março de 1863, p. 436.

alimentar-nos economicamente e é de lá que os nossos literatos célebres recebem as patacas que o pobre pai, sempre arruinado, não lhes fornece”.

Contudo, é possível pensar que a defesa destes elementos camuflou o grande desejo desta revista: o de conquistar o público leitor brasileiro que se encontrava sob domínio francês, inglês e até mesmo alemão. Sabemos que os portugueses, mesmo compondo uma quantia significativa da população nesta época, perdiam sua importância intelectual e disputavam gradativamente o público leitor localizado no Brasil com escritores oriundos de outros países.

Além de mencionar a importância brasileira na questão financeira, beneficiando os bolsos de literatos portugueses, o estudioso evoca os laços de *parentesco* - a *fraternidade*, expressões recorrentes na boca de muitos intelectuais desta época. O próprio Montoro em sua carta classifica os encontros entre estes povos – brasileiros e portugueses - nos “*salões iluminados*” como “*banquetes fraternais*”. Camilo em carta⁸⁹ redigida à Faustino em 4 de agosto de 1858 aconselha-o: “explora a benévola estupidez dos nossos *irmãos*”. Machado em crônica de 1 de junho de 1862 anuncia duas notícias veiculadas pelo *Jornal de Recife*: melhoras da saúde de Gonçalves Dias e a morte de J. F. Lisboa em Portugal. Esta é colocada em dúvida pois reclama do silêncio da imprensa portuguesa a respeito, diz: “Mau era se a indiferença de *um país amigo e irmão* fosse a única elegia que tivesse na morte um homem tão ilustre como o autor do *Jornal Timon*”⁹⁰. M. Reis Fojo Seabra escreve um poema intitulado *Ao Brasil* no qual um “*luso expatriado*” canta a nação brasileira vista como “nova aurora”:

Salve, grande nação, brasileiro povo!
Vem dar-vos nova lira um canto novo,
Sincero e não servil!
É pura a voz de um luso expatriado,
Que chora, de saudades traspassado,
Nos braços do Brasil!

Cessem caprichos vis, ódios impuros,

⁸⁹ SALLES, Miguel. *Cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais 1858 e 1862*. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49240> Acesso em 7 de julho 2016, p. 258.

⁹⁰ FUTURO, n.18, 1 de junho de 1862, p. 594 (grifo nosso).

Que ergueram entre nós altivos muros,
 Na escuridão fatal!
 Já surgiu do progresso a nova aurora,
 São livres, são iguais, *irmãos agora*
Brasil e Portugal!

[...]

Seguimos na existência os mesmos trilhos;
 As crenças que ensinais a vossos filhos;
 Já vem de nossos pais!

[...]

Na língua de Camões, Caldas cantara;
 Nas vozes que Bocage ao céu falara,
 Ao céu falou Durão:
 Bradar podemos ambos: - Liberdade!
 Em *fraternal* consórcio de amizade
 N'um aperto de mão.

[...]

E esse povo, nas lides esforçado,
 Como agora, o vereis a vosso lado,
 Contra nova agressão:
 - Bradar podemos ambos – Liberdade –
 Em *fraternal* consorcio de amizade,
 N'um aperto de mão⁹¹

O eu-lírico evoca uma imagem do Brasil muito positiva e otimista, assim como também exalta a igualdade e a *fraternidade* entre Portugal e Brasil, compreendendo àquele como a *pátria mãe* e os povos portugueses e brasileiros como seus *filhos*, visão aliás recorrente nesta época.

Por fim, presenciemos na carta de Montoro o uso de um tom extremamente sedutor no qual o autor, aqui visto como orador, busca adquirir a empatia do público ao se classificar como “*o mais humilde de todos os amadores da literatura, quem vem*

⁹¹ FUTURO, n.10, 1 de fevereiro de 1863, p. 331(grifo nosso).

aplaudir o pensamento da redação (...) estima(r) com igual amor ambos os países, e desejar o desenvolvimento de suas instituições livres, sonhar para ambos a idêntica grandeza. Nações do futuro”⁹². Em *Tratado da argumentação – A nova retórica* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2009, p.18), há a seguinte afirmação: “Cumprir observar, aliás, que querer convencer alguém implica sempre certa modéstia da parte de quem argumenta”. Este desejo de convencer está presente em todo o texto, não só na modéstia, mas sobretudo no estilo panfletário que o discurso deste redator adquire: através do uso de “nós”, da seleção lexical remetendo à luta e à guerra, dos ataques aos que são contrários a esta iniciativa, entre outros pontos. Martins & Luca (2008, p.37) explicitam o alcance deste tipo de discurso dizendo que:

O estilo panfletário (difícil de ser redigido com qualidade e hoje em franco desuso pela imprensa) alcançava eficácia por várias características retóricas interligadas, como: capacidade de convencer e de atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, em situações específicas e circunstanciais, uma visão de mundo geral e definida”

Destarte, a carta de abertura desta revista adquire proporções bem amplas, pois não se limita a explicar o *pensamento da redação*, mas conhecendo o seu público, exalta os apoiadores por reconhecerem a necessidade da *união* e, conseqüente, criação do campo comum. O autor desta carta faz uso de um discurso que adquire proporções panfletárias a fim de motivá-los a agir e, em outras palavras, ser tornarem assinantes de *O Futuro*.

⁹² FUTURO, n.1, 15 de setembro de 1862, p. 28.

CAPÍTULO 4 - O OUTRO LADO DO ATLÂNTICO

Faustino Xavier de Novais nasceu no Porto em 1820 e faleceu aos 49 anos de idade (em 1869) no Rio de Janeiro. Filho primogênito de ourives, desempenhou esta função por alguns anos dedicando-se às atividades literárias somente a partir de 1850.

Em *Memórias Literárias - apreciações e críticas*, publicadas em 1907 no Porto, Sanches de Frias explicita a biografia de Novais expondo a construção do seu percurso literário. Ele afirma:

Não obstante o emprego, que alcançara no Banco Mercantil Portuense, Faustino de Novais, como notamos, tentando haver alguns recursos pecuniários do exercício literário, escreveu folhetins no Porto e Carta, com o pseudônimo de Padre Caetano; no Periódico dos Pobres, sob o nome de Saturno; no Eco Popular, assinando Língua Danada; colaborou no Portuense, no Clamor Público, e na Aurora do Lima, à compita com Camilo; foi correspondente do Viriato, folha viziense, com a assinatura de Pantaleão Pantana; da Nação, de Lisboa, sob o pseudônimo de José Valverde, e do Peneireiro, também lisboeta, com o nome de Coruja; e escreveu ainda na Miscelânea Poética, e na Grinalda.⁹³

Atentando à sua produção inicial, observamos sua participação na imprensa portuguesa com colaborações literárias em diversos periódicos, inclusive nos jornais de poesias *O Bardo*⁹⁴ e *A Grinalda*, fundados⁹⁵ por apreciadores da literatura e auxiliados por Xavier de Novais. Apesar de possuir uma produção variada, sua afirmação como escritor está ligada, sobretudo, à sua obra poética satírica na qual realizava, através do humor, uma crítica social aos costumes portuenses presentes em sua época.

⁹³ Optamos por atualizar a ortografia do trecho original retirado da obra de Sanches Frias, seguindo as normas vigentes no Acordo Ortográfico de 2010. FRIAS, S. de. *Memórias Literárias - apreciações e críticas*. Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, Porto, 1907.P. 270/1.

⁹⁴ “**O Bardo** durou um ano e tão apreciado foi o jornal que ouve de fazer-lhe uma reedição integral em volume já em 1856” (In.: MOUTINHO, Viale (org.). *Sátiras*. Lisboa: Ulmeiro, 1998. P.4/11).

⁹⁵ *A Grinalda* foi um dos mais célebres e importantes jornais de versos desta época, publicado desde 1855 à 1869. Fundado por Nogueira de Lima, contou com a colaboração dos maiores poetas da época: Camilo, Soares Passos, Augusto Luso, Guilhermino de Barros etc. *O Bardo* foi fundado por Antônio Pinheiro Caldas, mercador de panos e algibebe, publicado em Portugal em forma de livro, de 1852 à 1854.

Faustino teve também contato com figuras importantes de sua época: Rodrigo Pereira Felício - futuro conde de S. Mamede, Antônio Rodrigues de Azevedo - conhecido por *barão de Ivaí* e Maria da Conceição Calasans Rodrigues - baronesa de Taquari. Estas pessoas apoiaram sua vinda ao Brasil, incentivando-o através de auxílio financeiro e até mesmo oferecendo-lhe estadia, explicitado posteriormente.

Desta forma, dois fatores podem ter contribuído para sua vinda ao Rio de Janeiro: a notoriedade de sua obra poética e o apoio de pessoas ilustres como o conde, o barão e a baronesa supracitados.

4.1 Sucesso da obra poética de Faustino Xavier de Novais

Em 1854, Novais recolhe em volumes suas poesias elaborando um livro intitulado *A vespa do Parnaso* que obteve grande sucesso e, inclusive, foi reeditado. No ano seguinte, publica *Poesias*, obra notória tanto em Portugal quanto no Brasil. Moutinho, retomando a reflexão impressa na **Revista Peninsular** afirma que este evento consagrou seu amigo como um “poeta satírico e jocoso, único no gênero entre nós. As poesias que publicou há pouco, já tem uma segunda edição quase consumida. É o poeta mais querido do povo, que se ri, e entusiasmo diante das suas zombarias métricas”⁹⁶.

Em carta enviada em 23 de outubro de 1866 à Camilo, Faustino demonstra uma incompreensão deste fenômeno dizendo que “A aceitação que teve aqui o meu primeiro livro, não se explica nem me lisonjeia”⁹⁷. Este sucesso de sua obra poética no Brasil e consequentemente o desejo de obtenção de lucros financeiros explica, em parte, sua motivação para atravessar o oceano atlântico.

Salles em seu artigo *Cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais 1858 e 1862*⁹⁸ reforça a ideia de vinda de Faustino visando a riqueza. Explicita que o contexto político-ideológico dominado pela burguesia neste período “ajuda a entender a ida para o Rio de Janeiro de Faustino Xavier de Novais, poeta obscuro e folhetinista assumido, para tentar fortuna no promissor novo mundo, como

⁹⁶ MOUTINHO, Viale (org.). *Sátiras*. Lisboa: Ulmeiro, 1998. P.4/11.

⁹⁷ Não tivemos acesso ao documento original. O conhecimento desta carta se deu em contato com o texto de MOUTINHO, p.11. Há menção da mesma no *Cancioneiro Alegre* de Camilo.

⁹⁸ Disponível em <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49240> Acesso em 7 de julho 2016.

fizeram inúmeros patrícios seus dedicados a negócios de variada natureza”. Camilo aconselha-o a retornar só quando ele estiver rico à Portugal, dizendo: “Gloria-te de ter abandonado este charco, e volta a ele quando o puderes navegar em barco de ouro com tripulação de escravos”⁹⁹, reforçando estereótipos vigentes do Brasil como terra de enriquecimento. Bem sabemos que este país foi por muito tempo visto como espaço de utopia natural, Eldorado e lugar simbólico de fuga. Encontramos múltiplos exemplos no mundo real e fictício de portugueses que retornaram ao seu país de origem com os bolsos cheio de dinheiro. Segundo Massa:

Em Portugal, muita gente ainda ficava deslumbrada pela riqueza, pelo sucesso, pela fortuna de alguns privilegiados que obtinham êxito e retornam ricos do Eldorado brasileiro. Cada qual sonhava imitá-los. Com muito trabalho e um pouco de sorte isto não era impossível. Mas para muitos era o fracasso, a miséria.¹⁰⁰

Já em terras brasileiras, Faustino exerce a função de folhetinista no *Correio Mercantil* e de cronista no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*. Todavia, percebe, em pouco tempo, a necessidade de desempenhar outras funções a fim de superar as dificuldades financeiras¹⁰¹. Por isso, exerceu a função de comerciante¹⁰² de pianos, vendedor de livros e de artigos de papelaria. Após esta experiência, Faustino obteve dois empregos – um na repartição estatística comercial da Praça do Comércio e outro como secretário da associação Internacional de Emigração, não abandonando suas afinidades literárias que podem ser verificadas através da criação da obra *Um dote em papel*¹⁰³ e da revista literária *O Futuro*.

⁹⁹ SALLES, Miguel. *Cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais 1858 e 1862*. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49240> Acesso em 7 de julho 2016. p. 260

¹⁰⁰ MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed., p. 100

¹⁰¹ Em carta a Camilo Castelo Branco em 23 de outubro de 1866, Faustino afirma que no Brasil “*paga-se o trabalho melhor do que em Portugal, contanto que não seja literário*”.

¹⁰² MASSA (2009, p.99): “Os 30 mil portugueses do Rio dedicavam-se ao comércio, sobretudo o comércio de varejo. Em 1852, certos negociantes portugueses haviam mesmo assinado entre si um acordo contra o comércio estrangeiro, quer dizer, o comércio de franceses e ingleses, para melhor se defenderem”.

¹⁰³ Esta obra é reunida no volume *Manta de Retalhos* em 1865.

Em *A juventude de Machado de Assis*, Massa retoma a carta¹⁰⁴ de Faustino à Alexandre Herculano na qual o redator explicita o contexto e o motivo de criação de sua revista no Rio de Janeiro, solicitando a Herculano sua colaboração e “informando que o momento era particularmente favorável, já que Garnier sustara a publicação de sua *Revista Popular* e o *Jornal das Famílias*, que a substituíra, tinha um espírito diferente”¹⁰⁵. Por motivos ainda desconhecidos, Herculano não escreveu nenhuma obra nesta revista.

Em carta de Faustino à Camilo, mencionada no capítulo anterior o redator insere uma epígrafe com versos de autoria de seu amigo, dialogando desde o início com sua produtividade literária: “Atafona de romances / és um carril a vapor”. Obra extensa, ocupa quatro páginas e dispõe de duas colunas de versos em cada uma. Logo na segunda estrofe, transcrita abaixo, notamos dois dados importantes: o primeiro remete à situação financeira do português, que neste caso seria o próprio poeta, através da expressão *cofre depenado* e o segundo sugere a possibilidade de circulação desta revista em terras portuguesas, através da inserção da seguinte nota explicativa nesta estrofe: “Em Portugal, especialmente no Porto, é muito usado o gracejo de pedir um papagaio às pessoas conhecidas que partem para o Brasil. Isto é sabido por meio mundo. Faz-se esta nota para os habitantes do outro meio”.

Se ao papagaio mandando,
Porque és bom, não me condenas
Fica o presente adiado:
São caras as verdes penas,
E o cofre está depenado¹⁰⁶.

A expressão *cofre depenado* juntamente da observação do valor do papagaio através da afirmação *caras as verdes penas* remetem à questão financeira do poeta que por falta de dinheiro opta por presentear seu amigo futuramente. Adiante, reforça esta imagem explicitando que o fato de escrever esta carta expõe sua condição de *parvo* e *pobre*, razão pela qual não seria chamado *brasileiro*. Bem sabemos que nesta época ser

¹⁰⁴ In.: Massa (2009, p.300). Segundo ele, esta informação se encontra em *Anais da Academia Portuguesa de História, IV* (cuja fonte original não tivemos acesso)

¹⁰⁵ MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed., p. 300.

¹⁰⁶ FUTURO, n.19, 15 de junho de 1863, p.19.

brasileiro não estava necessariamente ligado ao critério de ‘ter nascido em terras brasileiras’, mas sobretudo aos portugueses que após uma estadia no Brasil retornavam enriquecidos à Portugal. Haja visto a situação de pobreza de Faustino, não se classificaria nesta categoria, como vemos abaixo:

Tens nisto razão que sobre,
A dar-te mais não me atrevo;
Nesta carta se descobre,
Que, do Brasil se te escrevo,
Já sou parvo, ou inda pobre

Não sou barão, conselheiro,
Nem fidalgo de pé torto,
Nem visconde por dinheiro:
Se algum dia eu for ao Porto
Não me chamam brasileiro.

Versos provocativos, suscitam questionamentos sobre a possibilidade de sua vinda ao Brasil visando assegurar um sucesso literário que lhe permitisse viver de literatura, melhorias financeiras e quem sabe até mesmo um desejo de ser agraciado com algum título nobiliárquico.

Seguindo a leitura deste poema, excerto transcrito abaixo, o poeta relata sua experiência sem sucesso com a criação desta revista, confessa que este fracasso está ligado às questões financeiras e ao descrédito junto a seus assinantes devido a sua solicitação inapropriada aos assinantes por mais dinheiro. Ao concluir a leitura dos últimos versos, deparamo-nos com outro esclarecimento acerca desta frustração: a existência de *caloteiros*.

Adiante. Subi um furo;
Fui às nuvens elevado,
Sou redator do -FUTURO-;
Mas olha que estou passado,
Que o presente é osso duro.

[...] Mas é minha a culpa inteira,

Pois dizem os entendidos
Que fiz uma grande asneira.

A criação da revista pareceu-lhe em princípio um empreendimento promissor, no entanto esclarece à Camilo sua situação - preso em uma cilada: os gastos a serem pagos, a falta de apoio dos assinantes e o risco de ser chamado de *tratante*, manchando sua reputação (esta preocupação parece reforçar a premissa de que houve uma interrupção repentina da revista e os exemplares seguintes provavelmente não existiram).

A partir desta carta evidenciamos a iniciativa de Faustino como um meio de angariar riquezas no mundo literário luso-brasileiro.

4.2 Relações e influências

Vir ao Brasil apresentou-se como uma oportunidade ideal para o redator de *O Futuro* pois além de contar com o apoio do público leitor aqui presente (graças ao sucesso de sua obra poética), Faustino conviveu com pessoas influentes.

Uma figura relevante foi Rodrigo Pereira Felício, conhecido por Visconde e posteriormente por Conde de S. Mamede. Após incentivos¹⁰⁷ dele e de sua esposa, a brasileira Joana Maria Ferreira da Silveira¹⁰⁸, o poeta português desembarca no Rio de Janeiro no pacote inglês Tamar em 3 de junho de 1858, acompanhado de sua cônjuge Ermelinda e é recebido com as saudações de *boas-vindas* de Casimiro de Abreu, que o expressa em forma de poema – *Bem vindo, bem vindo sejas / a estas praias brasileiras!*

Segundo Galvão (2003, p.5.), Faustino, em sua vinda, obteve ajuda financeira do conde de S. Mamede. Estando no Brasil, Novais buscou a proteção do tio de sua esposa Ermelinda: Antônio Rodrigues de Azevedo, conhecido por *barão de Ivat*¹⁰⁹. Devido às

¹⁰⁷ De acordo com Massa, Rodrigo Feliciano Pereira “havia adiantado a quantia da passagem” MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed. revista., p.299.

¹⁰⁸ Quando viúva, casou-se com Miguel de Novais em 19/11/1876 tornando-se cunhada de Faustino. *In.:Ibid.*, p.299.

¹⁰⁹ MOUTINHO, Viale (org.). *Sátiras*. Lisboa: Ulmeiro, 1998, p.438.

complicações em seu casamento, o poeta se divorcia¹¹⁰ e contará com o apoio de D. Maria da Conceição Calasans Rodrigues, conhecida por baronesa de Taquari.

Em carta à Camilo datada de 23 de outubro de 1866, Faustino reclama do estado debilitado de saúde de “sua senhora”. Explicita que ela o acolheu e dispensou cuidados como se fosse sua mãe. Moutinho (1998, p.436) afirma que: “A velha de que ele fala era a baronesa de Taquari, viúva do general brasileiro Manuel Jorge Rodrigues, barão de Taquari, que vivia no então n.18 da Rua de Estácio de Sá”. Galvão relata que “O certo é que no Rio de Janeiro, Carolina¹¹¹ ficou hospedada na casa de D. Rita de Cássia Rodrigues a qual, que se sabe, foi protetora dos Novais”.

A vinda de Faustino ao Brasil parece estar atrelada portanto não somente ao sucesso de sua obra poética, como também ao apoio destas pessoas. Fatores que possibilitaram a inserção de Faustino em novos grupos de intelectuais (brasileiros e portugueses) e, graças a seus antigos contatos notamos a configuração de, provavelmente, uma nova rede de contatos expostas no seu periódico literário *O Futuro*.

4.3. Redes de Sociabilidade

Os salões cariocas e os eventos promovidos por intelectuais e associações em meados do século XIX possibilitaram a criação de círculos de sociabilidade literária amplos e de difícil pormenorização. Sabemos que eram frequentados por diversas figuras, dentre eles barões e viscondes, literatos e até mesmo políticos, alguns só permitiram o acesso aos portugueses. A Associação conhecida por *Grêmio Literário Português*, por exemplo, durante muitos anos “proibiu a entrada de brasileiros em seus quadros e em suas festas. A sociedade cresceu com o ingresso de portugueses ricos [...] Em 1862, sob a presidência de Reinaldo Carlos Montoro, abriu as portas a brasileiros”.¹¹²

Analisando a revista *O Futuro*, em 15 de março de 1863 um longo texto de cunho histórico intitulado *Esboço biográfico*, de Faustino Xavier de Novais, chamou-

¹¹⁰ Após a separação, Faustino teve prejuízos já que era o conde quem detinha o capital financeiro visando ajudá-lo e por vezes mesmo manter seu comércio. In.: MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed. revista., p.300.

¹¹¹ Trata-se de Carolina de Novais, irmã de Faustino e futura esposa de Machado de Assis.

¹¹² *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan Machado. Rio de Janeiro: ABL, 2008, p.152.

nos a atenção. Ocupando praticamente 1/3 da revista (11 páginas, como pode ser visto na *Tabela 3*, em anexo) – discorre sobre vários assuntos: o povo, a civilização, a carreira das armas, dos militares e, finalmente, no final da terceira página esclarece seu objetivo: tecer considerações biográficas “*à memória de um dos vultos mais notáveis da moderna história do Brasil; um militar distinto pelo valor, pela energia e pela lealdade*”¹¹³.

Explicita que se trata de Manuel Jorge Rodrigues, filho de um negociante de Lisboa e de mãe portuguesa. Relata que ele preteriu o comércio em prol da carreira militar e com pouco mais de 17 anos “assenta praça” no exército – em 1794. Foi alferes, tenente, capitão, tenente-coronel, comandante da Divisão das Observações, marechal, presidente e governador das armas, da província do Pará. Conta seus feitos heroicos, retoma trechos de cartas trocadas entre ele e W. Brown, provavelmente general chefe da Esquadra da República Argentina. Faz elogios de Manuel Jorge dizendo que os acontecimentos que se seguiram dariam assunto para uma extensa crônica.

Em princípio estas páginas são intrigantes: por que teriam sido impressas nesta revista? Aparentemente de literário há somente a menção ao soneto de um *distinto poeta brasileiro* - Manuel Odorico Mendes. No entanto, atentando ao último parágrafo deste texto, há um resumo da biografia deste militar e a seguinte informação “*Barão de Taquari* morto em 14 de maio de 1845”¹¹⁴.

Sabemos que em 29 de maio de 1868 Carolina Xavier de Novais desembarca no Rio de Janeiro, em companhia de Arthur Napoleão¹¹⁵, hospeda-se na casa da filha da baronesa de Taquari - Rita de Cássia - família que teria acolhido Faustino em 1862, dois anos após sua separação de Ermelinda. Anteriormente foi mencionada a carta que este escritor remete à Camilo se lamentando sobre o estado de saúde de Maria da Conceição, baronesa de Taquari. Depreendemos, portanto, relacionamentos estreitos entre ambas famílias: Novais e Taquari.

Nesta época era natural que famílias com poder aquisitivo elevado promovessem encontros literários. Massa em seu livro *A juventude de Machado de Assis*, explicita brevemente no capítulo *Saraus literários* como funcionavam esses encontros, informando-nos que aconteciam em casa de “*comerciantes bem postos e cultos onde*

¹¹³ FUTURO, n.13, 15 de março de 1863, p.503.

¹¹⁴ FUTURO, n.13, 15 de março de 1863 (grifo nosso).

¹¹⁵ Galvão, em *Faustino Xavier e inéditos* relata que: “Napoleão foi um dos melhores pianistas de sempre da cidade do Porto” (p. 430). No dicionário biobibliográfico há informações sobre sua vida.

promoviam discussões e leitura de obras literárias, contribuindo também para a conquista de novos laços de amizade.

A baronesa de Taquari promoveu estes encontros em Portugal, hábito que se perpetuou, muito provavelmente, no Rio de Janeiro, quando lá se instalou, possibilitando o encontro de Faustino com muitos outros escritores. Evidenciamos, portanto, estes ambientes (encontros em associações e em casa de pessoas influentes) incentivando as *manifestações literárias*, fortificando as relações entre os participantes destes círculos literários.

Notamos, portanto, que Faustino, além dos contatos que tinha em Portugal, estabeleceu novos no Brasil, provavelmente graças às influências de condes e baronesas, de Camilo Castelo Branco e de Machado de Assis, haja visto a quantidade de colaboradores da revista que mantinham relações de amizade, sobretudo, com os dois últimos escritores (fatos que podem facilmente ser confirmados analisando o dicionário biobibliográfico, em anexo, e a obra *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan.

Ainda em Portugal, Faustino tinha indubitavelmente amizade com Camilo, Antonio Moutinho de Sousa¹¹⁶, Arthur Napoleão¹¹⁷, Leonel de Sampaio¹¹⁸, Antônio Feliciano de Castilho, ampliando, provavelmente, sua rede de contatos no Brasil.

4.3.1 Camilo Castelo Branco

Desnecessário seria retomar aspectos de sua vida a fim de fundamentar a hipótese de sua importância para esta época. É importante ressaltar todavia que dentre os diversos participantes da revista Camilo teve contato com Augusto Soromenho¹¹⁹,

¹¹⁶ Moutinho era amigo da família Novais. Em 23 de janeiro de 1864 foi padrinho de casamento de Emília Novais (irmã de Faustino) com Artur Aureliano Ferreira Braga. In.: GALVÃO, José. **Faustino Xavier de Novais e inéditos biográficos dos familiares**. In.: DUMAS, Marie & UTÉZA, Francis (org). *Mélanges offerts à Claude Maffre*. Montpellier: E.T.I.L.A.L., 2003, p. 435/7.

¹¹⁷ Artur Napoleão dos Santos também era amigo da família. Em 29/05/1868 viaja em companhia de Carolina, aportando no Rio de Janeiro em 18/06/1868. In.: DUMAS, Marie & UTÉZA, Francis (org). *Mélanges offerts à Claude Maffre*. Montpellier: E.T.I.L.A.L., 2003, p. 8.

¹¹⁸ Pseudônimo de Vicente de Paulo Faria, *Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de O Futuro*, p. 132. Este escritor tinha contatos com Camilo, Ana Plácido e Faustino.

¹¹⁹ Tiveram a amizade desfeita em 1859. Este escritor teve contato com Alexandre Herculano, inicialmente tido como provável colaborador desta revista.

Alexandre Conceição¹²⁰, Ana Plácido¹²¹, Ramalho Ortigão e, eventualmente, com Leonel de Sampaio¹²².

Camilo teve contato próximo com Antônio Feliciano de Castilho, dedica-lhe sua obra *Agulha em Palheiro: “poeta das crianças, das flores, do amor, da melancolia e dos desgraçados”*¹²³.

Em relação à Machado de Assis, aparentemente, não houve contato direto entre este e o escritor português. Há, todavia, um diálogo indireto entre ambos. Notamos, por exemplo, através da crítica feita pelo escritor brasileiro do drama “Espinhos e Flores” de Camilo e da propaganda da obra *Agulha em Palheiro* veiculada nesta revista. Há também diversos estudos tratando deste diálogo entre ambos os escritores. Senna (2012, p. 11) aponta para uma presença camiliana no estilo, no humor, no repertório de citações, em alguns temas e até mesmo em enredos de obras de Machado. Oliveira em seu artigo *Camilo Castelo Branco e Machado de Assis: um diálogo em surdina?* explicita que uma aproximação entre ambos escritores permite notar a presença de “narradores não confiáveis”¹²⁴ que “dão voz a suas leitoras românticas para desacreditá-las”. O estudioso vai além em *Algumas Afinidades: Alexandre Dumas, Camilo Castelo Branco e Machado de Assis* afirmando que o reaproveitamento que Camilo faz de determinadas estruturas presentes na obra de Alexandre Dumas, podem também ser encontradas na obra de Machado de Assis através de “um aproveitamento e recriação de certas posturas narrativas presentes em Camilo”¹²⁵. Explicita ainda que, como Dumas, Camilo apresenta um *narrador sendo o próprio autor*, mas diferenciando-se daquele, entre outros motivos, por, em alguns momentos e em especial

¹²⁰ Tiveram amizade até 1881, cf. Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de *O Futuro*.

¹²¹ Em artigo intitulado *A trajetória de Ana Plácido e o papel de Camilo*, Alonso diz que “Plácido tornou-se ainda mais dependente de Camilo como o seu patrocinador literário” e “O caso de Ana com Camilo impulsionou, sem sombra de dúvida, o desenvolvimento desta enquanto artista a vários níveis (...) De modo crucial, a ligação romântica também lhe deu acesso a um mundo literário cobiçado, graças ao apoio inicialmente facultado por Camilo”, respectivamente em páginas 53 e 59.

¹²² Pseudônimo de Vicente de Paula Faria. cf. *Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de O Futuro*.

¹²³ FUTURO, n. 14, 1 de abril de 1863.

¹²⁴ OLIVEIRA, Paulo Motta. *Camilo Castelo Branco e Machado de Assis: um diálogo em surdina?* In.: PEREIRA, João Carlos Vitorino (org.). *Camilo Castelo Branco et Machado de Assis. D'une rive à l'autre*. Lyon: Éditions des archives contemporaines, 2014, p.186/7.

¹²⁵ OLIVEIRA, Paulo Motta. *Algumas afinidades: Alexandre Dumas, Camilo Castelo Branco e Machado de Assis*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212015000100010 Acesso em junho de 2016. P.23.

em *Coração, cabeça e estômago*, assumir uma postura de editor (tal qual Machado, em *Memorial de Aires*, por exemplo). Sandmann em sua tese de 2004 intitulada *Aquém-além-mar: Presenças portuguesas em Machado de Assis* aborda brevemente questões ligadas a ambos os escritores.

Desta forma, percebemos aproximações entre Machado e Camilo e em torno deles que podem ter irradiado e atingido muitos outros intelectuais nesta época. Adiante apontamos alguns eventos ocorridos com o escritor brasileiro e alguns colaboradores desta revista, a fim de detalhar um pouco mais estas redes de sociabilidade, aparentemente, sempre reconfiguradas.

4.3.2 Machado de Assis e os círculos literários da época

Intelectual com livre circulação em importantes grupos literários, desempenhou uma função ainda pouco estudada nos meios luso-brasileiros desta época. Sabemos que havia vários núcleos de amizade à volta dele: Grupo dos Cinco – que se reunia com regularidade sob a égide de Caetano Filgueiras – o círculo de Paula Brito¹²⁶ em torno da *Petalógica*¹²⁷ e da *Marmota*. Massa em seu livro *A juventude de Machado de Assis*¹²⁸, precisamente nos subcapítulos *Comércio e poesia* e em *A tipografia Nacional*, expõe parte destas conexões e, conseqüentemente, a inserção deste escritor nestes meios:

Fora da *Marmota*, é legítimo supor que durante esse período (1856-1858) Machado de Assis conheceu Manuel de Melo, Ramoz Paz, Antonio Feliciano de Castilho, Ernesto Cibrão, todos portugueses. Mais tarde, em determinadas crônicas, ele se recordou de que os conheceu no início de sua carreira literária. Foi também nesse mesmo momento

¹²⁶ Francisco de Paula Brito, era mulato oriundo de um meio bastante humilde de artesãos Fundou a *Marmota Fluminense* (apolítica, embora um tanto favorável ao governo) em 1849, possuía uma tipografia, “patriota ardente, admirava bastante D. Pedro II, a quem consagrava, frequentemente, vibrantes poemas”, promovia encontro no meio artístico e literário da época em sua livraria, por exemplo, as reuniões da *Petalógica* - sociedade literária e artística da época. In.: MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed. revista (p.84).

¹²⁷ Francisco Otaviano - foi cronista literário do *Jornal do Comércio* - Provavelmente conheceu Machado na *Petalógica*, consagrando várias páginas a Machado, sobretudo após sua morte em maio de 1889. *Idem*. p.186/7.

¹²⁸ MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed. revista, p. 151.

Segundo o professor Eduardo da Cruz, há problemas nesta citação posto que A. F. Castilho esteve no Brasil em 1855 e não entre 56 e 58 quando Machado estava na *Marmota*, logo ambos os escritores não necessariamente se conheceram graças a este periódico.

que provavelmente se ligou a Teixeira de Melo, Quintino Bocaiúva, Bernardo Guimarães, Pedro Luís, ao contrário, eram brasileiros. Por falta de informações precisas, é difícil saber a data aproximada desses encontros ou o lugar que ocupavam, respectivamente, na roda de Machado de Assis – amigos, camaradas ou relações? Nenhum deles colaborou na Marmota, mas talvez frequentassem a Petalógica. De qualquer forma, o número de caras conhecidas aumentou a partir de 1856-1857.

A presença de Machado na imprensa e nas reuniões literárias se intensificaram, fato que favoreceu o conhecimento de diversas figuras importantes nesta época - como Reinaldo Carlos Montoro¹²⁹ e Ramalho Ortigão, por exemplo - e sua inserção neste mundo literário. Em diversos encontros o escritor apresentou alguns poemas e peças teatrais de sua autoria, possibilitando-lhe desfrutar dos benefícios de reconhecimento de seu talento. Massa aponta que:

A estrela de Machado de Assis subia no firmamento da Marmota. Paula Brito confiou a ele o poema tradicional de aniversário, consagrado a D. Pedro II, celebração que de ordinário reservava para si. Machado de Assis demonstrou grande admiração pelo imperador. Sua veneração parecia sincera e cheia de patriotismo¹³⁰.

Para este estudioso, em 1860 Machado expõe sua posição frente à política: “A partir dessa data, passou claramente para a oposição. Em seguida, tornou-se fiel e zeloso funcionário do Império, muito apegado ao regime e à família imperial¹³¹”. Esta transição de pontos de vista pode explicar em parte o início da primeira crônica (publicada em 15 de setembro de 1862) veiculada na revista *O Futuro*.

Este escritor estabeleceu contatos valiosos também no *Conservatório Dramático Brasileiro* onde exerceu a função de censor juntamente à Luís de P. S. Macedo, Domingos de Azevedo Coutinho, Bruno Seabra, Sotero de Castro, J.F. Bethencourt da Silva entre outros. Outro fato que pode ter exercido uma singela influência na inserção de Machado no mundo lusófono foi o seu casamento¹³² com Carolina.

¹²⁹ Segundo MASSA Machado já era amigo de Reinaldo Carlos Montoro em 1859 quem lhe deu a ideia de escrever o texto *O Jornal e o Livro*. Montoro era português radicado no Brasil há alguns anos “sob sua égide [de Montoro] é que os empregados portugueses no comércio haviam publicado, em 1858, o *Álbum literário do Grêmio Português*, coletânea de obras poéticas de seus amigos”. p. 192.

¹³⁰ MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed. revista, p. 142).

¹³¹ Ibid, p.247.

¹³² Realizado em 12/11/1869, contou com a presença de Artur Napoleão e o conde de São Mamede como padrinhos.

4.3.3 Machado de Assis e os colaboradores brasileiros de *O Futuro*

Dentre os diversos colaboradores¹³³ brasileiros, Machado teve indubitavelmente contato direto, em alguns casos indireto, com *Domingos Jaci Monteiro*, *Moniz Barreto*, *Guilherme Bellegarde*, *Joaquim Pinto de Campos*, *Luís Delfino* e *Teixeira de Melo*. Abaixo estão elencadas informações¹³⁴ relevantes acerca do contato de Machado com estes escritores.

Domingos Jaci Monteiro: foi professor do colégio D. Pedro II e membro do conservatório Dramático emitiu parecer (em 13 de junho de 1863) favorável ao poema de Machado de Assis cuja temática abordava a união dos portugueses e brasileiros e Miguel do Sacramento desejava apresentar em cena.

Francisco Moniz Barreto: era poeta baiano e o maior repentista do império. Interessou-se pela poesia de Machado, como pode ser visto no poema *A Corina - Fantasia diante de um retrato* oferecido ao escritor carioca.

Guilherme Bellegarde (G. Candido B.): conheceu Machado provavelmente da revista *O Futuro*, trabalhou com ele na secretaria da Agricultura durante anos e foi membro de várias associações literárias.

Joaquim Pinto de Campos: natural de Pernambuco, exilou-se em Portugal e morreu em Lisboa. Publicou a biografia de D. Pedro II, conheceu Machado provavelmente devido à sua participação na revista *O Futuro*. Não foram amigos por falta de afinidade. Ubiratan menciona que Campos defendeu “a tese de que o diretor do Gabinete Português de Leitura do Recife deveria queimar as obras de Renan, Machado respondeu em uma crônica indignada (*Diário do Rio de Janeiro*, 8 de novembro de 1864)¹³⁵”. No entanto, mantiveram contato através de algumas cartas. Em uma delas, datada de 18 de agosto de 1880, pediu a Machado para divulgar a obra do poeta português Antônio Pereira da Cunha, mas Machado se recusa.

Luís Delfino (L.D. dos Santos): de Florianópolis, conheceu Machado através de uma carta de Teixeira de Melo. Defendeu Machado em uma crítica da *Gazetinha* dizendo que Machado era *nossa glória, o nosso orgulho nacional*. Silvio Romero

¹³³ A contribuição de cada um deles pode ser vista na *Tabela 1*, em anexo.

¹³⁴ Estas informações foram retiradas praticamente na íntegra do *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan Machado. Rio de Janeiro: ABL, 2008, p.58.

criticou ambos. Delfino defendeu Machado e elogiava-o fartamente sempre que possível. Dedicou-lhe um soneto *O Forte* e Machado jamais retribuiu os elogios e nunca se referiu a Delfino.

Teixeira de Melo: frequentou o escritório de Caetano Filgueiras, a partir de 1856 mais ou menos. Escreveu carta à Delfino apresentando-o Machado. Em texto publicado em *O Futuro* de 15 de novembro de 1862 elogia a colaboração de Machado em *O Espelho*. Transcreveu um poema de Machado na *Alvorada Campista* sem sua autorização. Em 1883 e 1884, Teixeira e Veiga Cabral dirigiram a *Gazeta Literária* na qual Machado publicou três contos. Melo foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

4.3.4 Machado de Assis e os colaboradores portugueses de *O Futuro*

Os dicionários consultados neste trabalho, sobretudo o de Ubiratan, apontam alguns eventos significativos em torno dos seguintes escritores portugueses e suas relações, diretas ou indiretas, com Machado de Assis¹³⁶:

*Antonio Feliciano de Castilho*¹³⁷: conhecido como o visconde de Castilho, esteve no Brasil por cinco meses em 1855 quando apresentou o seu método de “leitura instantânea”. Foi recebido por D. Pedro II e tratado como “príncipe das letras”. Talvez tenha conhecido Machado, pois esteve no escritório de Caetano Filgueiras. Manteve com o escritor carioca uma ligação indireta que pode ser desvendada através de dedicatória no exemplar *A arte de amar*, publicado no Rio em 1862. Após cinco anos, autografa um exemplar de *Geórgicas* de Virgílio classificando Machado como *príncipe dos alexandrinos*. O escritor carioca, por sua vez, dirige-se ao escritor português como *rei da lira portuguesa*, “o mestre da língua, o príncipe da forma”, “o tradutor exímio”, tecendo-lhe uma dedicatória na primeira edição de sua obra intitulada *Falenas*. Ele cita também um trecho da tradução de Castilho em sua obra *Uma ode de Anacreonte*.

*Antônio Moutinho de Sousa*¹³⁸: Machado escreveu várias crônicas elogiando-o; veio ao Brasil em 1858 e retornou à Portugal em 1861, após a morte de sua esposa. Retorna ao Brasil

¹³⁶ Estas informações foram reproduzidas segundo dados obtidos pelo dicionário de Ubiratan.

¹³⁷ Esteve no Brasil por 5 meses, onde, segundo Ubiratan, foi tratado como príncipe das letras e recebido por D. Pedro II.

¹³⁸ Antônio Moutinho de Sousa era amigo da família Novais, foi padrinho de casamento de Emília Novais.

em 1876 e é recebido com saudações de Machado em crônica publicada na *Ilustração Brasileira*. Regressa ao seu país de origem em 1881 e vem mais uma vez ao Brasil, momento em que Machado lhe oferece um exemplar de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Moutinho entrega o exemplar à *Folha Nova* onde é publicado 23 capítulos em folhetim.

Artur Napoleão: esteve pela primeira vez no Brasil em 1857, como pode ser visto na crônica de Machado redigida em *O Futuro 15 de set de 1862*. Músico, foi assíduo aos saraus em casa dos irmãos Manuel de Melo e Joaquim de Melo, na Rua da Quitanda, 6. Última festa que participou foi no dia 22 de novembro de 1863, tendo a presença de Machado que recitou o poema *Epitáfio do México* e teve sua peça *Quase Ministro* encenada. A pedido do pianista, Machado escreveu a letra de uma serenata para canto, flauta e piano, denominada *Lua da estiva Noite* musicada por Napoleão e incluída no álbum *Ecos do Passado*, publicado em 1867. Em 18 de junho de 1868, o pianista retorna ao Brasil com Carolina Novais. Napoleão dedica à Machado o volume *Tragédie* de Vittorio Alfieri. Machado e Napoleão, ambos foram sócios fundadores do Clube Beethoven e apreciaram o xadrez, ambos disputando o primeiro campeonato brasileiro deste jogo.

Augusto Emilio Zaluar: publica o livro no Brasil em 1851 - *Dores e Flores*. Ele e Machado frequentaram o escritório de Caetano Filgueiras, escreveram para o *Jornal das Famílias*. Machado faz menção do amigo em 15 de março, 1 de abril e 15 de junho de 1863 no *Futuro*, faz crítica do livro de Zaluar - *Peregrinação pela Província de São Paulo* - no *Diário do Rio de Janeiro* em 16 de novembro de 1863. O cronista carioca já havia analisado o livro *Revelações* de seu amigo no *Diário do Rio de Janeiro* em 30 de março e em *O Futuro* de 1 de abril de 1863. Segundo MASSA (2009), o jornal *O Paraíba* era uma publicação bissemanal, fundado em dezembro de 1857, por Augusto Emílio Zaluar, que assumiu o cargo de redator-chefe. O primeiro número circulou em 2 de dezembro, aniversário do imperador. No jornal de Zaluar diversos nomes apareceram como colaboradores: os brasileiros (Machado, Quintino B, M. Antonio de A., José Maria Pinto Peixoto, Guilherme Bellegarde) e os portugueses (Braga, Remígio de Sena Pereira).

Ernesto Cibrão: segundo Ubiratan “foi um dos amigos mais fiéis de Machado, a amizade durou cerca de 50 anos”¹³⁹ colaboraram em *O Espelho* em 1859, quando se conheceram (Machado criticou nesta revista a peça de Cibrão intitulada *Luís*). Em 1865,

¹³⁹ *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan Machado. Rio de Janeiro: ABL, 2008, p.58 (p.77).

Machado cita a peça *Os voluntários* de Cibrão no *Diário do RJ*. Passados três anos, o escritor brasileiro redige o prefácio da obra de Cibrão - *A casa de João Jacques Rousseau* e em 1869 dedica-lhe o seu poema *Menina e Moça*. Cibrão foi um dos intérpretes da comédia machadiana *Quase ministro* em 1863.

Bethencourt da Silva: foi membro do Conservatório Dramático Brasileiro. Emitiu parecer sobre a obra de Machado - *O Caminho da Porta* - dizendo ser bem escrita.

Faustino Xavier de Novais: colaborou em vários jornais cariocas, frequentou o Grêmio Literário Português. Machado fez menção à obra de Faustino - peça intitulada *Um Bernardo em dois volumes* - em 1859 em *O Espelho*, o suficiente para aproximar os dois escritores. Faustino escreveu em 12 de abril de 1868 uma crítica no *Jornal do Comércio* ao poema *Riachuelo* de Luís José Pereira da Silva, dirigida também a Machado.

Miguel de Novais: manteve uma correspondência ativa com Machado (24 cartas dele foram publicadas no *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*). Ele parece ser um dos interlocutores do escritor brasileiro em Portugal: Machado enviou em 1882 um exemplar dos *Papéis Avulsos* à Miguel que presenteou Ramalho Ortigão com esta obra.

Ramalho Ortigão: em 1864 ele publicara no *Jornal do Porto* um folheto intitulado *Versos de Machado de Assis (Escritor Brasileiro)*, enaltece *Versos a Corina*. Esteve no Brasil em 1887, dirigindo-se ao Rio de Janeiro onde fez um discurso visando à inauguração do Gabinete Português de Leitura¹⁴⁰. Permaneceu alguns dias em São Paulo e participou de um banquete oferecido por Ferreira de Araújo em 22 de outubro de 1887, evento que contou com a presença de políticos e intelectuais, como Machado de Assis. O escritor brasileiro comenta esta festa em sua crônica de *Gazeta da Holanda* em 29 de outubro referindo-se ao escritor português como *meu amigo*. Em dezembro, Ramalho expressa seu entusiasmo pelo escritor brasileiro – Machado de Assis.

Reinaldo Carlos Montoro: foi amigo de Machado. Sugeriu-lhe escrever *O jornal e o livro*. Em 1858, ao lado de Machado e mais três escritores, traduziu *O Brasil Pitoresco*, de Ribeyrolles. Exerceu influência como crítico nas décadas de 50 e 60, seguramente contribuiu para a inserção de seu amigo Machado no círculo literário da

¹⁴⁰ Esta informação pode ser confirmada através da obra *No giro do mundo* vol III (p.84) organizada por Eduardo da Cruz, disponível no site “O Real em revista” acessado em julho de 2016:

<http://www.orealemrevista.com.br/Portals/0/publicacoes/No%20Giro%20do%20Mundo%20vol%20III.pdf>

época¹⁴¹.

Depreendemos, portanto, que o contato entre os colaboradores supracitados, seja em saraus, reuniões, locais de trabalho (*Diário do Rio de Janeiro*, *Conservatório de Arte Dramático* e outros) serviu de motivação para criação e apresentação de obras literárias¹⁴² e eventualmente como um espaço onde reuniu diversos intelectuais facilitando a germinação dos princípios apreendidos na revista literária *O Futuro*, como: “a defesa da criação de um campo comum” e “difusão de obras destes escritores”, questões abordadas no capítulo 3 deste trabalho.

Notamos também que a participação dos diversos intelectuais neste periódico foi possível provavelmente graças à recomendação de amigos e à redação de obras devido a vínculos afetivos ao redator ou aos amigos dele. Além da recomendação de Castilho¹⁴³, vemos no 3º exemplar Miguel de Novais a seguinte afirmação: “Quem diria que a amizade que a ti me prende, desde criança, viria um dia a ser nociva aos leitores de um teu periódico? (...) a rogos teus (...) iludiu-te a amizade fraternal, e foi ela também que me roubou a coragem para resistir¹⁴⁴”. No mesmo exemplar, Moutinho afirma enviar o material solicitado, completando as duas folhas que faltavam. Estes três casos exemplificam, de certa forma, como se deu a participação no *banquete literário* promovido por Faustino: aqueles que faziam parte das redes de sociabilidade supracitadas ou conheciam seus ‘membros’, tinham assentos garantidos neste *banquete*.

Evidenciamos, portanto, a contribuição de vários escritores, cada um à sua maneira fomentando a propagação das ideias previstas nesta revista. Sandmann, em sua tese, acredita que dentre alguns autores, Machado de Assis poderia ser visto como um “possível ponto de articulação e encontro entre as duas culturas e literaturas”¹⁴⁵. De

¹⁴¹ Escritor (poeta, romancista, ensaísta) e comerciante português, desempenhou o cargo de presidente do Grêmio Literário Português desde 1857 à aproximadamente 1863. Segundo SANDMAN (2004): “Montoro será ativo participante de alguns círculos intelectuais luso-brasileiros de que Machado fará parte, como o Retiro Literário Português e a Arcádia Fluminense, bem como colaborador de Faustino Xavier de Novais na fundação e redação do periódico *O Futuro*” (p.71).

¹⁴² O crítico literário Massa elenca as diversos poemas e peças teatrais de Machado lidos e encenados nestes ambientes.

¹⁴³ FUTURO, n.5, 15 de novembro de 1862, p.160.

¹⁴⁴ FUTURO, n.3, 15 de outubro de 1862, p. 98.

¹⁴⁵ SANDMANN, Marcelo. *Aquém-além-mar: Presenças portuguesas em Machado de Assis*. Tese 2004/Unicamp, p. 466.

fato, ele desempenhou um papel relevante, basta retomarmos as informações explicitadas anteriormente às quais evidenciam sua relação com pelo menos 16 colaboradores desta revista.

No entanto, acrescentamos aqui a importância de, no mínimo, mais dois escritores vistos como fundamentais para a existência desta revista materializada tal qual o foi: Faustino X. de Novais e Camilo C. Branco. Estes juntamente de Machado não só disponibilizaram nas páginas desta revista várias obras como reuniram em torno deles outros escritores, como vimos elencados anteriormente. Parece-nos, portanto, que a sociabilidade, com a existência desta revista, foi ampliada se tornando uma rede difícil de reconstrução em detalhes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revista literária *O Futuro* simbolizou a criação do *campo comum* explicitado por Reinaldo Carlos Montoro em sua carta de abertura.

Notamos neste periódico a presença de novidades literárias dentre as quais destacamos, por exemplo: *Agulha em Palheiro*, *Peregrinação pela Província de São Paulo*, *País das Quimeras* e *Às portas da eternidade*. Estas obras juntamente da impressão de gravuras e de partituras musicais promoveram a imagem de uma revista *moderna* que procurou atingir um público leitor amplo, englobando os homens e, muito provavelmente, as mulheres.

Em relação à quantidade de colaboradores, constatamos uma ligeira diferença entre portugueses (a maioria da região do Porto) e brasileiros, respectivamente: 18 e 13. Autores de textos diversos, disponibilizaram contos, crônicas, poesias, correspondências, biografias, críticas literárias e até mesmo romance.

Dentre estes escritores ressaltamos a atuação de Faustino Xavier de Novais, Machado de Assis, Camilo Castelo Branco e Reinaldo Carlos Montoro. Estes participantes foram fundamentais na materialização deste periódico, sobretudo os três primeiros.

Faustino, por meio da criação desta revista, possibilitou eventualmente o contato de seus amigos residentes em Portugal - como A. Moutinho de Sousa, Camilo Castelo Branco e outros – com seus novos conhecidos do Brasil – entre os quais destacamos Machado de Assis, A. E. Zaluar, ampliando assim as redes de sociabilidade.

Machado desempenhou um papel relevante na imprensa brasileira da época. Este escritor teve participação ativa em diversos jornais, principalmente no *Diário do Rio de Janeiro* e exerceu funções importantes, como censor do Conservatório Dramático Brasileiro. Promoveu *O Futuro* meses antes de sua circulação e esteve presente assiduamente (redigiu as crônicas de 16 exemplares).

Camilo, além de seus contatos com diversos colaboradores deste periódico, fez muito sucesso junto ao público leitor de então. Enriqueceu as páginas desta revista com seu romance *Agulha em Palheiro*, oferecido ao público leitor em forma seriada, tal qual os folhetins da época.

Montoro destacou-se por participar ativamente de diversos encontros literários (foi o presidente do Grêmio Literário Português). Ao redigir a carta *Ao público brasileiro e português*, apropriou-se de elementos convincentes a fim de suscitar a adesão

do público. Para tanto, expõe-se como a voz de um grupo (*nós: luso-brasileiros*), cita determinados fatos, como a notória presença francesa no mundo literário, e, convoca seus leitores ao combate.

Em suma, pensamos que esta luta prevista por Montoro visando um fortalecimento das relações luso-brasileiras pode ter camuflado um desejo de adquirir lucros financeiros e uma intenção de reconquistar o espaço literário dominado por ‘estrangeiros’.

Embora tenhamos disponibilizado um estudo sobre este periódico, acreditamos que diversas questões ainda carecem de respostas, destacamos, por exemplo, a possível perda ou inexistência dos quatro exemplares previstos na primeira assinatura anual. Disponíveis somente vinte exemplares, diversas possibilidades explicativas se apresentam. Por um lado, a hipótese de perda sustentar-se-ia devido à existência da segunda edição desta revista, que aparentemente não se justificaria sem a existência completa da primeira. Por outro lado, não contém nesta segunda edição os quatro exemplares em questão, surgindo diversos questionamentos que reforçariam a segunda proposição – interrupção repentina da impressão de *O Futuro*. Neste caso, cabe ainda a averiguação mais detida acerca de algumas questões, como: teria Faustino adoecido, visto que seu estado de saúde mental era instável? A falta de material a ser publicado (Moutinho diz que envia as duas páginas que faltavam), as questões financeiras (carta impressa nesta revista de Novais enviada à Camilo abordando este tema) ou possíveis problemas com as tipografias (seja devido à falta de papel ou ao aumento significativo do preço na impressão do jornal) configurariam problemáticas para esta revista e, conseqüentemente, legitimariam esta segunda proposição? Notamos, portanto, que o corpus deste trabalho dispõe de um rico material tanto histórico quanto literário que requer um estudo ainda mais detido.

REFERÊNCIAS

I. Livros:

ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. (Coleção Histórias de Leitura).

ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol.2.

ALONSO, Cláudia Passos. “A trajetória literária de Ana Plácido e o papel de Camilo” In: SOUSA, Sérgio Guimarães de (org.), *Representações do Feminino em Camilo Castelo Branco*, V. N. de Famalicão: Casa-Museu Camilo Castelo Branco/Centro de Estudos Camilianos, 2014 p.39-62.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa: Edições 70, 2005.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2002.

ASSIS, Machado. *Contos recolhidos* organização e prefácio de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, p.5 à p.12. \

BASTO, A. de M. *Figuras Literárias do Porto*. Livraria Simões Lopes, 1947, Porto.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. 7 volumes. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883-1902. Reimpressão de Off-set pelo Conselho Federal de Cultura, 1970.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de salvação*. Lisboa: Europa-América, s/d. _____. *Coração, cabeça, estômago*. 2a ed. Lisboa: Europa-América, s/d.

BRANCO, Camilo Castelo. *Obras completas*. Justino Mendes de Almeida (Org.). Porto: Lello & Irmão, v. X, 1989.

BOSI, Alfredo (org.). Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. IN: *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo, Cultrix, 1997, 14ªed., p. 7-22.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 11ªedição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2011. 2ª ed.

Dicionário de Camilo Castelo Branco. Organização de Alexandre Cabral. Lisboa: Caminho, 1989.

Dicionário de Machado de Assis de Ubiratan Machado. Rio de Janeiro: ABL, 2008, p.152.

Enciclopédia de literatura brasileira. Direção de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. 2 volumes. Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; RÓNAI, Paulo. (org.) *Mar de histórias. Antologia do conto mundial*. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 1998, 4ªed., vol.1. p.13 à 26.

FRANCHETTI, Paulo. *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*. Cotia, SP; Ateliê Editorial, 2007.

FRIAS, S. de. *Memórias Literárias - apreciações e críticas*. Typographia da Empresa Literaria e Typographica, Porto, 1907.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. São Paulo, Editora Ática, 2004, 10ªed.

GUIMARÃES, Hélio Seixas: *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público leitor de literatura no século XIX*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

HEINEBERG, Ilana. **Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses**. In.: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. (Coleção Histórias de Leitura).

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MASSA, JEAN-MICHEL. *A juventude de Machado de Assis*. São Paulo: Unesp, 2009. 2ª ed. revista.

MOLINA, Matias M. *História dos jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

OLIVEIRA, Paulo Motta. *Camilo Castelo Branco e Machado de Assis: um diálogo em surdina?* In.: PEREIRA, João Carlos Vitorino (org.). *Camilo Castelo Branco e Machado de Assis. D'une rive à l'autre*. Lyon: Éditions des archives contemporaines, 2014.

O FUTURO. Rio de Janeiro: Faustino Xavier de Novais, 15 de setembro de 1862 a 1º de julho de 1863. 20 números.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *Cintilações francesas: Revista da Sociedade Filomática, Machado de Assis e José de Alencar*. São Paulo: Nankin Editorial, 2006.

PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto*. Lisboa: Vega, 1978.

SANDMANN, Marcelo. *Aquém-além-mar: Presenças portuguesas em Machado de Assis*. Tese 2004/Unicamp.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo, Vozes: 1979.

SENNA, Marta de & GUIMARÃES, Hélio de Seixas(org). *Machado de Assis e o outro: Diálogos possíveis*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

SENNA, Marta de. *O olhar oblíquo do bruxo: ensaios em torno de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

II. Artigos literários:

OLIVEIRA, Aline Cristina de. *O Futuro (1862-1863): Um Projeto Jornalístico Luso-Brasileiro em tempos de Francofilia*. Disponível em: http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/alinecristina.pdf
Acesso em maio de 2013

OLIVEIRA, Paulo Motta. **A ascensão do romance em português: para além das histórias literárias nacionais.** IN: VEREDAS - Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, VOLUME 10, SANTIAGO DE COMPOSTELA, Dezembro de 2008.

OLIVEIRA, Paulo Motta. *Algumas afinidades: Alexandre Dumas, Camilo Castelo Branco e Machado de Assis.* Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212015000100010
Acesso em junho de 2016.

SARAIVA, Arnaldo. *Camilo e Machado: encontros e desencontros.*
IN: Navegações v. 2, n. 2, p. 105-108, jul./dez. 2009 Disponível em
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/6392/4658>
Acesso em junho de 2013.

SALLES, Miguel. *Cinco cartas inéditas de Camilo Castelo Branco a Faustino Xavier de Novais 1858 e 1862.* Disponível em
<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49240> Acesso em 7 de julho 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela 1 Colaboradores e participação na revista *O Futuro*

APÊNDICE B – Tabela 2 *Colaboradores e obras*

APÊNDICE C – Tabela 3 Disposição das obras e cotejo dos exemplares digitalizados

APÊNDICE D – Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de *O Futuro*

Tabela 1

A **Tabela 1** apresenta quatro colunas listando respectivamente: em ordem alfabética os nomes, abreviaturas e pseudônimos presentes nas assinaturas dos textos da revista *O Futuro*; a nacionalidade de cada um; a quantidade de obras e quais exemplares dispõem destas obras. A fim de evidenciar a publicação de várias obras do mesmo autor, repetimos o número de exemplar na última coluna da tabela. Não consideramos como publicação do mesmo autor os pseudônimos, pois estes foram, nesta lista, elencados separadamente, exemplo: Faustino Xavier de Novaes que possuía outros dois pseudônimos, no entanto mencionamos somente as publicações que constam sua assinatura. Foi utilizada a seguinte notação na quarta coluna:

- significa publicação de obras diferentes e
- / continuação de uma obra veiculada anteriormente

Colaboradores e participação na revista *O Futuro*

	Colaboradores	Nacionalidades	Obras ¹⁴⁶	Nº exemplar ¹⁴⁷
1	A. C.	-----	1	20
2	A. S. Cabedo, provavelmente, Antônio Simões de Cabedo*	Português*	1	6
3	Alexandre da Conceição	Português	1	20
4	Ana Augusta Placido	Portuguesa	2	6-11/12
5	Antônio Feliciano de Castilho	Português	1	5
6	A. M. Muniz Maia	Brasileiro	2	7-13
7	Antônio Moutinho de Souza	Português	2	3-9/10
8	A. R. de Torres Bandeira	Brasileiro	2	7-9
9	Antônio Simões de Cabedo*	Português	1	5
10	Arthur Napoleão	Português	1	3
11	A. E. Zaluar	português ¹⁴⁸	1	16/17/18
12	Augusto Soromenho	Português	1	16
13	Brito Aranha	Português	2	19-20
14	Camilo Castelo Branco	Português	5	1-4-7/8-10/11-14/15/16/17/18/19/20
15	D.	-----	3	3-5-6-8-9
16	E. Lima	-----	2	5-10
17	Eduardo Laranja	-----	1	5
18	Ernesto Cibrão ou Ernesto Pego de Kruger Cibrão	Português	2	10-18
19	Faustino Xavier de Novais	Português	17	1-2-2-2-3-4-5-6-7-8-8-8/10/11/12/13/14/15/16-11-13-17/18-19-20
20	Ferreira Neves	Brasileiro	1	19
21	Fojo Seabra ou M. Reis Fojo Seabra (pseudônimo de F.X.N.)	Português	2	10-11-13-14-15
22	F.J. Bethencourt da Silva	Português/brasileiro	1	9
23	F. Muniz de Barreto	Brasileiro	1	9
24	F. Moniz Barreto Junior	-----	1	8
25	Guilherme Bellegarde	Brasileiro	2	2-19
26	Jaci Monteiro	Brasileiro	1	19
27	J. de B. Pinto (pseudônimo de FXN)	Português	1	17
28	J. M. de Andrade Ferreira	-----	1	11/12
29	J.P.de C. ou Joaquim Pinto de Campos	Brasileiro	1	1/2/3/5/6/7/8
30	José Pereira da Silva	Brasileiro	1	14
31	José de Torres	Açoriano	1	3
32	Leon de Sá Veja	-----	1	12
33	Leonel de Sampaio (pseudônimo de Vicente de Paulo de Faria)	Português	1	18
34	Luiz Delfino	Brasileiro	1	3-13/14/15/16
35	Macedo Soares	Brasileiro	2	2/10/12-7
36	Machado de Assis	Brasileiro	23	1-2-4-6-6-7-8-8-9-10-11-12-13-13-14-14-15-15-16-17-18-19-20
37	Miguel de Novaes	Português	4	3-5-9-12
38	Ninguém (pseudônimo de C.C. B.)	Português	1	9/13/15
39	Nuno Álvares	Brasileiro	2	17-20
40	Ramalho Ortigão	Português	2	4-8
41	Reinaldo Carlos Montóro	Português	3	1-6-15
42	S.	-----	1	17
43	Sotero de Castro	-----	1	4
44	T. de Mello	Brasileiro	1	7

¹⁴⁶ Quantidades de obras publicadas.

¹⁴⁷ Exemplares em que publicou.

¹⁴⁸ Naturalizado brasileiro com 30 anos.

Tabela 2¹⁴⁹*Colaboradores e obras*

<i>Colaboradores</i>		<i>Gêneros Literários</i>	<i>Títulos das obras</i>
1	A. C.	Poema	Luz de Abismo
2	A. S. Cabedo	Poema	Resposta do Regedor
3	Conceição	Poema	Ao jovem e distinto pianista brasileiro, Ricardo Ferreira de Carvalho
4	Plácido	Conto	a1= Às portas da eternidade / b1 e b2 = A desgraça da riqueza
5	Castilho	Correspondência	Meu caro redator
6	M. Maia	Poema	a=Desejos ; b=Pensamento íntimo
7	Souza	A= Crônica B= outros	a= Crônica de 15 de outubro de 1862; b1 e b2= Teatro por dentro e por fora;
8	Bandeira	A=poema; b=outros	a= No sertão; b=Economia Política;
9	Cabedo	Poema	Carta a um Regedor
10	Napoleão	Partitura musical	Elvira - Valsa para piano
11	Zaluar	Relato de viagem	a1, a2 e a3 = Viagens. Porto Feliz. (São Paulo)
12	Soromenho	Correspondência	À poesia popular - Carta a Ida W. Müller.
13	Aranha	Conto	a1 e a2 = Os pássaros de Ahmed o Perfeito - Tradição de Granada.
14	C. Branco	A, C e D= conto B= artigo E= romance	a= O maior amigo de Luiz de Camões; b = Conhecimentos úteis; c1 e c2= Que destino - Com figurino de modas; d1 e d2= Dois casamentos - Com figurino de modas; e1,e2,e3,e4,e5 e e6= Agulha em Palheiro;
15	D.	Provérbios	a1, a2, a3, a4, a5=Lembranças que parecem esquecimentos;
16	Lima	A=crônica / B=outros	a = Crônica de 15 de novembro de 1862; b = A Mancenilha
17	Laranja	Correspondência	Meu Novaes
18	Cibrão	Poema	a= Adeus; b= Creio em ti.
19	F. X.N.	D= Crônica B, C, F, H, I, K1ao K9, L=poema G;O=correspondência H, N1, N2,P= Conto A, E, J= outros M= biografia	a= O Futuro ; b= Faz-me favor do seu fogo; c= embirração; d= Crônica; e= Os Paio; f=Não me cheira; g= Às leitoras do Futuro. Com um figurino de modas; h = Anéis e Peixes; i= A um tradutor de versos ; j=Será Prólogo? ; k1,k2,k3,k4,k5,k6,k7,k8 e k9= Dinheiro!; l= Três pessoas distintas; m= Esboço Biográfico; n1 e n2=Júpiter; o= A Camillo Castelo Branco; p=Uma aventura
20	Neves	Poema	A Messalina
21	Seabra	Poema	a= Ao Brasil; b= Um anjo; c = Amor sem fim (I); d= Espera; e= A Abelha
22	Silva	Outros	Egas Muniz
23	Muniz Barreto	Poema	É paio
24	B. Junior	Partitura musical	Esperança - Polka para piano
25	Bellegarde	A=artigo B=	A=O Ensino às classes operárias; b=Pedro Álvares Cabral desembarcando na Terra de Santa Cruz

¹⁴⁹ Foi colocado somente o sobrenome e não foi seguida a ordem alfabética como critério a fim de manter a sincronia com a tabela 1 e dicionário (mesma ordem). Cada letra identificando o *título das obras* (3ª coluna) que se repete com números diferentes expõem a continuidade da obra, impressas em diferentes exemplares (informação disponível na Tabela 1).

		correspondência	
26	Monteiro	Crítica teatral	As leões pobres
27	Pinto	Poema	Perdão
28	A. Ferreira	Outros	a1 e a2 = Versos por Bolhão Pato;
29	Campos	Biografia	A1,a2,a3,a4,a5,a6 e a7 = O Senhor D. Pedro II - Imperador do Brasil;
30	Silva	Outros	a = O Suicida - Meditação a C. Castelo Branco
31	Torres	Outros	Ilha dos Açores
32	Sá Veja	Poema	A la ciudad de Porto
33	Sampaio	Outros	Literatura portuguesa- Diogo Bernardes
34	Delfino	A=Poema B=Outros	a1 = O verso Alexandrino - A. F. X. de Novaes; b1, b2, b3 e b4 = Visista Imperial;
35	M. Soares	A= outros B= crítica literária	a1=Do amor nas Lendas Pagãs; a2=Do amor nas Lendas Pagãs; a3=Do amor nas Lendas Pagãs;b=Flores e fructos
36	M. de Assis	A,E,F,H,I,J,K,L, N,P,R,S,T,U,V,X =crônica B, D,G,M,O,Q, = poema C=conto	a= Crônica de 15 de setembro de 1862; b = Aspiração; c= O país das Quimeras; d= A estrela do poeta;e= Crônica de 1 dezembro de 1862; f= Crônica de 15 de dezembro de 1862; g= Fascinação; h=Crônica de 1 de janeiro 1863;i=Crônica de 15 de janeiro de 1863;j=Crônica de 1 de fevereiro de 1863;k= Crônica de 15 de fevereiro de 1863; l = Crônica de 1 de março de 1863; m=O acordar da Polônia; n = Crônica de 15 de março de 1863;o= As Ventoinhas; p= Crônica de 1 de abril de 1863; q = Sinhá; r=Crônica de 15 de abril de 1863; s= Crônica de 1 de maio de 1863; t= Crônica de 15 de maio de 1863; u = Crônica de 1 de junho de 1863; v = Crônica de 15 de junho de 1863; x = Crônica de 1 de julho de 1863;
37	Miguel de Novais	Correspondência	a=Correspondência - Porto, 10 de setembro de 1862; b=Correspondência - Porto, outubro de 1862; c= Correspondência - Porto, 10 de dezembro de 1862; d=Correspondência - Porto, 26 de janeiro de 1863.
38	Ninguém	Conto	a1,a2 e a3=Verdade e Singeleza;
39	Álvares	A= conto B= outros	a= Desconforto-Folha solta; b=Perfis Militares.
40	Ortigão	Crônica	a1 e a2 = Crônica de Literatura Portuguesa;
41	Montoro	A= correspondência B e C = outros	a= Ao Público Brasileiro e Portuguez; b=Epigramas Vivos; c=O Túmulo.
42	S.	Outros	Um Parentêsis na Vida
43	Castro	Crônica	Crônica
44	T. de Melo	Correspondência	Da Imprensa Literária no Brasil

Tabela 3

Disposição das obras e cotejo dos exemplares digitalizados

A revista literária *O Futuro* apresentou vinte volumes impressos em duas edições. A primeira surgiu em 1862 e foi publicada pelas livrarias *Tipografia de Brito & Braga* e *Tipografia do Correio Mercantil*. Esta versão encontra-se disponível digitalizada nos sites da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM)¹⁵⁰ - exceto o último exemplar - e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ou (BN)¹⁵¹ - exceto o 6º. A segunda edição surgiu, também no Rio de Janeiro, em 1867 e foi editada pela *Livraria de A. A. da Cruz Coutinho*. A versão consultada foi digitalizada a partir de um exemplar desta revista da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto¹⁵².

Algumas diferenças entre ambas as edições puderam ser verificadas no decorrer desta pesquisa. Na primeira, por exemplo, encontramos capas em todos os exemplares constando várias informações, dentre elas a listagem dos textos neles disponíveis. Na segunda, por outro lado, evidenciamos somente uma capa na qual ressaltou a participação luso-brasileira e os gêneros das obras (biografias, romances, poesias, crônicas, gravuras etc). Seguem abaixo as capas das edições veiculadas respectivamente pelas *Tipografias Brito & Braga*, *Correio Mercantil* e *A. A. da Cruz Moutinho*:

¹⁵⁰ <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/060051-01> Acesso no decorrer da pesquisa. Embora apresente algumas falhas na digitalização, pareceu-nos a versão mais completa.

¹⁵¹ <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=779628&PagFis=661&Pesq=> Acesso no decorrer da pesquisa.

¹⁵² Esta versão eletrônica nos foi gentilmente fornecida pelo professor Hélio de Seixas Guimarães.

1ª edição¹⁵³

2ª edição

Na 2ª edição observamos ainda a presença de um *Índice* onde são elencados os títulos das obras em ordem alfabética, os autores e as páginas. Além destas diferenças, evidenciamos nas versões digitalizadas a falta de algumas páginas. Por isso, optamos por realizar um cotejo dos vinte exemplares. Disponibilizamos em vinte tabelas os títulos das obras ordenadas nas revistas, a autoria, o gênero e o número de páginas ocupadas nestes exemplares. Posto isto, apresentamos a seguir o resultado deste trabalho, apontando as diferenças verificadas em notas de rodapé.

¹⁵³ As capas dos outros exemplares apresentaram a mesma disposição de informações.

1º exemplar – 15 de setembro de 1862.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>D. Pedro II</i>		Gravura ¹⁵⁴	1
<i>O Senhor D. Pedro II – Imperador do Brasil</i>	J. P. de C.	Apontamentos biográficos	3
<i>O Senhor D. Pedro II</i>	J. P. de C.	Apontamentos biográficos	9
<i>O maior amigo de Luiz de Camões</i>	Camilo Castelo Branco	conto	12
<i>Ao público Brasileiro e Português</i>	Reinaldo Carlos Montoro	Carta de abertura/Editorial	3
<i>O Futuro</i> ¹⁵⁵	F.X. de Novais	Outros	8
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	Crônica	5

2º exemplar – 1 de outubro de 1862.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>O Senhor D. Pedro II – Imperador do Brasil</i>	J. P. de C.	Apontamentos biográficos	11
<i>O ensino às classes operárias</i>	Guilherme Bellegarde	Outros	7
<i>Faz-me favor do seu fogo?</i>		Gravura	1
<i>Faz-me favor do seu fogo</i>	F. X. de Novais	poema	4
<i>Do amor nas Lendas Pagãs</i>	Macedo Soares	Outros	2
<i>Aspiração</i>	Machado de Assis	poema	2
<i>Embirração</i>	F.X. de Novais	poema	2
<i>Crônica</i>	F. X. de Novais	crônica	4

¹⁵⁴ Ausente na digitalização da 2ª ed.

¹⁵⁵ O site da BN não disponibiliza a última página deste texto e da crônica de Machado, diferentemente da versão encontrada na BBM e na 2ª ed.

3º exemplar¹⁵⁶ – 15 de outubro de 1862.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Elvira – valsa para piano.</i>	Artur Napoleão	valsas ¹⁵⁷	4 ¹⁵⁸
<i>O Senhor D. Pedro II</i>	J. P. de C	Apontamentos biográficos	11
<i>Ilha dos Açores</i>	José de Torres	Outros	6
<i>Os Paços</i>	F. X. de Novais	Outros	8 ½
<i>Correspondência</i>	Miguel de Novais	Correspondência	4
<i>Lembranças que parecem esquecimentos</i>	D.	Provérbios	1 ½
<i>O verso alexandrino¹⁵⁹</i>	Luiz Delfino	Poema	3
<i>Crônica</i>	A. Moutinho de Souza	Crônica	3

4º exemplar – 1 de novembro de 1862.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
Não me cheira		Gravura	1
<i>Não me cheira</i>	A. F. Novais	Poema	4
<i>Conhecimentos úteis</i>	Camilo Castelo Branco	Artigo ¹⁶⁰	5
<i>Crônica da literatura portuguesa</i>	J. D. Ramalho Ortigão	Crônica	8
<i>O País das Quimeras</i>	Machado de Assis	Conto	13
<i>Crônica</i>	Sotero de Castro	Crônica	2

¹⁵⁶ Os exemplares 2 e 3 podem ser acessados através do 2º exemplar no site da BN (estão disponibilizados juntos).

¹⁵⁷ Ausente na 2ª ed.

¹⁵⁸ No site da BN esta valsa apresenta a impressão duplicada da última página, assim como a primeira página do texto de J. P. de C.

¹⁵⁹ Na 2ª ed. falta uma página: não há o término deste poema nem o começo da crônica de Souza.

¹⁶⁰ Esta classificação é feita por Camilo Castelo Branco neste texto.

5º exemplar – 15 de novembro de 1862.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>O Senhor D. Pedro II</i> ¹⁶¹	J. P. de C	Apontamentos biográficos	16
<i>O Futuro</i>		Gravura	1
<i>As leitoras do Futuro</i>	F. X. de Novais	Carta às leitoras	3
<i>Carta</i>	Antônio Feliciano de Castilho	Carta	1
<i>Carta a um Regedor</i>	Antônio Simões de Cabedo	Poema	2
<i>Correspondência</i>	Miguel Novais	Carta	3
<i>Carta</i>	Eduardo Laranja	Carta	3 ½
<i>Lembranças que parecem esquecimentos</i>	D.	Provérbios / piadas	½
<i>Crônica</i>	E. Lima	Crônica	3

6º exemplar – 1 de dezembro de 1862.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>O Sr. D. Pedro II</i>	J. P. de C.	Apontamentos biográficos	5
<i>Anéis e peixes</i>	F. X. de Novais	Conto	4
<i>As portas da eternidade</i>	Ana Augusta Plácido	Conto	8
<i>A estrela do poeta</i>	Machado de Assis	Poema	1
<i>Um pretendente por música!</i>		Gravura	1
<i>Epigramas Vivos</i>	Reinaldo Carlos Montoro	Conto	9
<i>Resposta do Regedor</i>	A. S. Cabedo	Poema	1 ½
<i>Lembranças que parecem esquecimentos</i>	D.	Provérbios	½
<i>Crônica</i>	M. de Assis	Crônica	3

¹⁶¹ Na 2ª ed. são impressas duas vezes as três primeiras páginas.

7º exemplar – 15 de dezembro de 1862.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>O Sr. D. Pedro II – Imperador do Brasil</i>	J.P. de C.	Apontamentos biográficos	12
<i>Da imprensa literária no Brasil</i>	T. de Mello.	Correspondência	6
<i>O Futuro</i> ¹⁶²		Gravura	1
<i>Que destino</i>	C. Castelo Branco	Conto	6
<i>Flores e frutos</i>	Macedo Soares	Crítica literária	4
<i>Um tradutor de versos</i> ¹⁶³	F. X. de Novais	Poema	½
<i>Desejos</i>	A. de M. Moniz ¹⁶⁴ Maia	Poema	½
<i>No sertão</i>	A. R. de Torres Bandeira	Poema	1
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	Crônica	2

8º exemplar - 1 de janeiro de 1863

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Esperança – Polca para piano</i>	F. Moniz Barreto Junior	Partitura musical	4
O Sr. D. Pedro II	J. P. de C.	Apontamentos biográficos	10
Que destino	Camilo Castelo Branco	conto	6
Crônica da literatura portuguesa	J. D. Ramalho Ortigão	Crônica	4
Será Prólogo? – O dinheiro	F. X. de Novais	Outros	1 ½

¹⁶² Ausente na 2ª ed.

¹⁶³ No índice da 2ª ed. este poema está intitulado *A um produtor de versos*.

¹⁶⁴ Na primeira edição está redigido Muniz.

Dinheiro ¹⁶⁵	F.X. N	Poema	4
<i>Lembranças que parecem esquecimentos</i>	D.	provérbios	½
Fascinação	M. de Assis	Poema	1
A Artur Napoleão	F. X. de Novais	Poema	1
Crônica	Machado de Assis	Crônica	4

9º exemplar - 15 de janeiro de 1863

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Ega Muniz</i>	F. J. Bethencourt da Silva	Outros: texto crítico/teórico	14
<i>Verdade e Singeleza</i>	Ninguém	Conto	6
<i>Economia Política</i>	A. R. de Torres Bandeira.	Outros	4
<i>Teatro por dentro e por fora</i> ¹⁶⁶	A. Moutinho de Souza	conto	6 ½
<i>Lembranças que parecem esquecimentos.</i>	D.	Provérbios	½
<i>Correspondência</i>	Miguel de Novais	Correspondência	3
<i>É paio</i>	F. Muniz de Barreto	Poema	2
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	Crônica	4

¹⁶⁵ Na 2ª ed. estão ausentes: o final deste poema (composto de mais cinco estrofes), *Lembranças por esquecimento*, *Fascinação*, *Artur Napoleão* e a *Crônica* de Machado de Assis.

¹⁶⁶ O exemplar disponível na BN está incompleto: faltam capítulos 2, 3, 4 e 5 deste texto. Esta versão apresenta ainda a impressão duplicada do início do poema *É paio* e da última página da *correspondência* de Novais.

10º exemplar – 1 de fevereiro de 1863.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>O Futuro</i> ¹⁶⁷		<i>Gravura</i>	1
<i>Dois casamentos</i>	C. Castelo Branco	conto	7 ½
<i>Teatro por dentro e por fora</i>	A. Moutinho de Souza	conto	9
<i>Dinheiro</i>	F.X. de Novais	poema	4
<i>Adeus</i>	E. Cibrão	poema	1
<i>Ao Brasil</i>	M. Reis Fojo Seabra	poema	2
<i>A Mancenilha</i> ¹⁶⁸	E. Lima	Outros	4
<i>Do amor nas lendas pagãs</i>	Macedo Soares	Outros	2
<i>Crônica</i>	Machado de Assis.	crônica	1 ½

11º exemplar – 15 de fevereiro de 1863.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Três pessoas distintas</i>		<i>Gravura</i>	1
<i>Três pessoas distintas</i>	<i>F. X. de Novais</i>	poema	4 ½
<i>Dois casamentos</i>	<i>C. Castelo Branco</i>	conto	8 ½
<i>Versos de Bulhão Pato</i>	<i>J. M. de Andrade Ferreira</i>	Outros	6 ½
<i>A desgraça da riqueza</i>	<i>Ana Augusta Plácido</i>	conto	5
<i>Dinheiro</i>	<i>F. X. de Novais</i>	poema	3
<i>Um anjo</i>	<i>M. Reis Fojo Seabra</i>	poema	1
<i>Crônica</i>	<i>Machado de Assis</i>	Crônica	3

¹⁶⁷ Ausente nas versões da BN e na 2ª ed.

¹⁶⁸ Na edição da BBM foram impressas duas vezes o final do poema *Ao Brasil* com início do texto *A Mancenilha* e não há a segunda página deste texto. A versão completa se encontra na BN.

12º exemplar - 1 de março de 1863.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>A desgraça da riqueza</i>	<i>Ana Plácido</i>	conto	10
<i>Versos de Bulhão Pato</i>	<i>J. M. de Andrade Ferreira</i>	Outros	5 ½
<i>Correspondência</i>	<i>Miguel de Novais</i>	Correspondência	4
<i>A la Ciudad de Porto</i>	<i>Leon de la Veja</i>	poema	4
<i>Do amor nas lendas pagãs</i>	<i>Macedo Seabra</i>	Outros	2 ½
<i>Dinheiro</i>	<i>F. X. de Novais</i>	poema	4
<i>Crônica</i>	<i>Machado de Assis.</i>	crônica	1 ½

13º exemplar – 15 de março de 1863.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Manoel Jorge Rodrigues</i>		Gravura	1
<i>Esboço biográfico</i> ¹⁶⁹	F. X. de Novaes	Texto biográfico	11
<i>Verdade e singeleza</i>	Ninguém	conto	5
<i>Visita Imperial</i>	Dr. Luiz Delfino	outros	4 ½
<i>O acordar da Polônia</i>	Machado de Assis	poema	3
<i>Dinheiro</i>	F. X. de Novais	poema	2 ½
<i>Pensamento íntimo</i>	A. M. Muniz Maia	Poema	½
<i>Amor sem fim</i>	M. Reis Fojo Seabra	Poema	2
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	crônica	3

¹⁶⁹ A versão da BN apresenta a digitalização de seis páginas repetidas, contendo o final deste texto e o início do conto *Verdade e singeleza*.

14º exemplar - 1º de abril de 1863.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Agulha em palheiro</i>	Camilo Castelo Branco	Romance	11 ½
<i>Visita Imperial</i>	Luiz Delfino	outro	2 ½
<i>O suicida</i>	José Pereira da Silva	Outro	7 ½
<i>Espera</i>	M. Reis Fojo Seabra	poema	1 ½
<i>As ventoinhas</i>	Machado de Assis	poema	1 ½
<i>Dinheiro</i>	F. X. de Novais	poema	4
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	crônica	2 ½
<i>Expediente</i>		Nota	½

15º exemplar - 15 de abril de 1863.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>O Futuro</i> ¹⁷⁰		Gravura	1
<i>Agulha em Palheiro</i>	Camilo Castelo Branco	Romance	5 ½
<i>Verdade e singeleza</i>	Ninguém	conto	5
<i>O tûmulo</i>	Reinaldo Carlos	correspondência	4 ½
<i>Visita Imperial</i>	Luiz Delfino	Outro	9
<i>A abelha</i>	M. Reis Fojo Seabra	poema	2
<i>Sinhá</i>	Machado de Assis	poema	½
<i>Dinheiro</i>	F.X. de Novais	Poema	3
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	crônica	2

16º exemplar - 1º de maio de 1863

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Agulha em Palheiro</i>	Camilo Castelo Branco	romance	10 ½
<i>Visita Imperial</i>	Luiz Delfino	outro	3 ½
<i>A poesia Popular</i>	Augusto Soromenho	correspondência	6 ½
<i>Viagens</i>	A. E. Zaluar	Relato de viagem	5 ½
<i>Dinheiro</i>	F. X. de Novais	poema	4
<i>Crônica</i> ¹⁷¹	Machado de Assis	crônica	2

¹⁷⁰ Ausente na 2ª ed.

¹⁷¹ *Crônica* ausente na versão digitalizada pela BN.

17º exemplar - 15 de maio de 1863¹⁷²

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Agulha em Palheiro</i>	Camilo Castelo Branco	Romance	10 ½
<i>Viagens. Porto-Feliz</i> (S. Paulo)	A. E. Zaluar	Relato de viagem	5 ½
<i>Um parêntesis na vida. Fragmentos de um manuscrito</i>	S.	Outros	3
<i>Júpiter</i>	F. X. de Novais	conto	7 ½
<i>Desconforto (Folha solta)</i>	Nuno Álvares	Conto	1 ½
<i>Perdão</i>	J. B. de Pinto	poema	2
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	crônica	1 ½

18º exemplar - 1º de junho de 1863¹⁷³

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Agulha em Palheiro</i>	Camilo Castelo Branco	romance	6
<i>Viagens. Porto-Feliz</i> (S. Paulo)	A. E. Zaluar	Relato de viagem	3 ½
<i>Literatura Portuguesa. Diogo Bernardes</i>	Leonel Sampaio	Outros	6
<i>Creio em ti</i>	Ernesto Cibrão	poema	2
<i>Júpiter¹⁷⁴</i>	F. X. de Novais	conto	12
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	crônica	3

¹⁷² O ano e a editora deste exemplar estão impressos errados na versão BBM: 15 de maio de 1862 e Tipografia Brito & Braga.

¹⁷³ O ano e a editora deste exemplar estão impressos errados na versão BBM: 1 de junho de 1862 e Tipografia Brito & Braga. Ibidem.

¹⁷⁴ O exemplar da BN está incompleto: não há a última página deste texto nem a *Crônica* de Machado.

19º exemplar - 15 de junho de 1863

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Agulha em Palheiro</i>	Camilo Castelo Branco	Romance	11
<i>As Leões pobres</i>	Dr. Jaci Monteiro	Crítica teatral	6
<i>Os pássaros de Ahmed – Tradição Granada</i>	Brito Aranha	Conto	5
<i>Pedro Álvares Cabral desembarcando na terra de Santa Cruz</i> ¹⁷⁵	Guilherme Bellegarde	Correspondência	2 ½
<i>A Messalina</i>	Ferreira Neves	Poema	1 ½
<i>A Camilo Castelo Branco</i>	F. X. de Novais	Correspondência (em forma de poema)	4
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	Crônica	2

20º exemplar - 1º de julho de 1863¹⁷⁶.

<i>Título</i>	<i>Autor</i>	<i>Gênero</i>	<i>Nº págs.</i>
<i>Agulha em Palheiro</i>	Camilo Castelo Branco	Romance	9 ½
<i>Os pássaros de Ahmed o Perfeito – tradição de Granada</i>	Brito Aranha	Conto	4 ½
<i>Perfis militares</i>	Nuno Álvares	correspondências	5
<i>Uma aventura</i>	F. X. de Novaes	Conto	9
<i>Ao jovem e distinto pianista brasileiro Ricardo Ferreira de Carvalho</i> ¹⁷⁷	Alexandre da Conceição	Poema	1 ½
<i>Luz do abismo</i>	A. C.	poema	½
<i>Crônica</i>	Machado de Assis	Crônica	2 ½

¹⁷⁵ O exemplar da BN apresenta repetição na versão digitalizada. Trechos deste texto juntamente aos dois que o seguem – *A Messalina* e *A Camilo Castelo Branco* - estão disponíveis duas vezes de modo que seis folhas se repetem.

¹⁷⁶ Exemplar não disponível na BBM.

¹⁷⁷ A versão disponível no site da BN está incompleta, faltando quatro páginas (o final do poema *Ao jovem distinto de Conceição*, *Luz do abismo* e a *Crônica* de Machado). A versão completa se encontra na 2ª ed.

Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de *O Futuro*

O *Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de O Futuro* apresenta um relato sucinto da vida dos colaboradores desta revista sem a pretensão de expor de maneira completa todos os aspectos ligados à biografia e produção intelectual dos autores aqui mencionados. No caso de Camilo Castelo Branco e de Machado de Assis, optamos por somente indicar as fontes onde encontrar as informações biobibliográficas de cada um.

A elaboração deste dicionário busca melhor compreender a criação dos círculos de intelectuais luso-brasileiros durante a publicação dos “vinte exemplares” desta revista. Através da observação das assinaturas das obras veiculadas neste periódico, foram elencados os nomes, as abreviações e até mesmo os pseudônimos presentes configurando uma tentativa de levantamento biobibliográfico dos participantes de *O Futuro*.

A aquisição das informações aqui mencionadas foi possível devido a uma pesquisa abordando as diversas fontes, procedimento que buscou suprimir as inexatidões e as deficiências dos registros, recorrentemente incompletos e por vezes errôneos. Todas as informações apresentadas no dicionário foram retiradas das seguintes obras¹⁷⁸:

- *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* de Sacramento BLAKE .
- *Dicionário bibliográfico português*: estudos de Inocêncio Francisco da SILVA aplicáveis a Portugal e ao Brasil.
- *Dicionário cronológico de autores portugueses* sob a Coordenação de Eugênio LISBOA, editado por Francisco Lyon de CASTRO.
- *Dicionário de Camilo Castelo Branco* de Alexandre CABRAL.
- *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan MACHADO.
- *Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira* de Celso Pedro LUFT.
- *Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas* (online) .
- *Enciclopédia de literatura brasileira* de Afrânio COUTINHO e José Galante de SOUSA.

¹⁷⁸ Em alguns casos, foram sugeridas leituras de obras específicas a fim de complementar as informações aqui referidas, como em *Antônio Feliciano de Castilho*, *Faustino Xavier de Navaes* e *Machado de Assis*.

Estas obras foram de importância fundamental na medida em que forneceram subsídios, em maior ou menor grau, proporcionando além da aquisição de informações complementares, a realização do cotejo dos dados aparentemente divergentes.

Além de escassas e incompletas informações, outras complicações se apresentaram: a existência de grafias diferenciadas, abreviações de nomes e existência de pseudônimos na revista *O Futuro*. Consequentemente, houve uma dificuldade na constatação e atribuição de informações biográficas que só foram, em maior parte, solucionadas graças ao procedimento supracitado: cotejo de informações.

Pensando na grafia, há a presença de *Jacy Monteiro* que apareceu nos dicionários somente como *Jaci Monteiro*. Outro exemplo, este sim instigante, foi a assinatura de obras escritas em *O Futuro* pelos supostos autores ora *Moniz Maia* ora *Muniz Maia*. Aparentemente dois autores diferentes, notamos que se tratava do mesmo intelectual posto que foram encontradas informações biográficas semelhantes de ambos escritores na *Enciclopédia de literatura brasileira* (cujas referências são feitas a Antônio de Melo Moniz Maia) e no *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (com referências a Antônio de Mello Muniz Maia). Pesquisas feitas posteriormente na Biblioteca Florestan Fernandes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP - confirmaram a hipótese inicial de que somente a grafia era diferente, tratando-se, portanto, do mesmo escritor já que as obras atribuídas na *Enciclopédia* à *Moniz* foram atribuídas posteriormente a *Muniz Maia* devido a uma atualização ortográfica do sobrenome, fato que pode ser confirmado através da verificação das obras deste autor nesta biblioteca. Atentando à capa de seus livros, verificamos a autoria de Muniz e não Moniz.

Exemplos mais complexos podem ser elencados caso sejam mencionados os nomes de autores abreviados na revista *O Futuro*, como *Nuno Álvares*, *Ferreira Neves* e *José de Torres*.

Para o primeiro caso surgiram duas possibilidades: *Nuno Álvares Pereira Pato Moniz* ou *Nuno Álvares Pereira e Sousa*, ambos possíveis posto que a data de nascimento e falecimento eram plausíveis. Só foi possível solucionar esta questão devido à leitura de três fontes diferentes (DBB-DBP-ELB), de modo que as informações foram complementadas e pudemos depreender a existência da obra *Folha Solta*, atribuída à Pereira de Sousa. Retornando à revista de Faustino observamos que Nuno Álvares disponibilizou trechos da obra *Desconforto*, dentre elas *Folha Solta*.

O segundo anunciou contratempos na medida em que poderia se tratar de *Antônio* ou *João Ferreira das Neves*, analisando a biografia de ambos os escritores, percebemos

o perfil poético de João corroborado na publicação do poema *A Messalina* na revista *O Futuro*.

Já o último caso aqui exemplificado, demandou mais tempo de pesquisa devido a ausência de um nome e um sobrenome: *José de Torres*. Havia infinitas informações sobre Torres, porém nenhuma condizia com o autor em questão (ora a data de nascimento era posterior à existência da revista, ora o perfil do intelectual era completamente distinto). Lendo várias fontes depreendemos a existência de *José Joaquim de Torres Braga*, de posse desta informação pudemos confirmar a relação estreita de Braga com a região dos *Açores*. Atentando à sua obra na revista aqui estudada - autor do texto descritivo *Ilha dos Açores* - foi possível corroborar esta hipótese.

A solução dos casos acima mencionados - e outros presentes na revista analisada - se deu em razão da comparação das obras veiculadas na revista *O Futuro* e das apresentadas nas diversas fontes supracitadas, viabilizando a montagem dos diversos *quebra-cabeças* e possibilitando a criação deste *Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de O Futuro*.

Dicionário biobibliográfico dos colaboradores de O Futuro

1. A. C¹⁷⁹.

(não foram encontradas informações biográficas deste escritor).

2. A. S. Cabedo

(Provavelmente se trata de *Antônio Simões de Cabedo*, ver item 9,)

3. Alexandre da Conceição:

(nasceu em 1842 em Ílhavo e faleceu em 1889 em Viseu)

Um anticlericalista português, Conceição foi escritor, poeta, crítico literário e defensor do republicanismo nas instituições.

¹⁷⁹ Verificar nota 26 que se encontra na página 17 deste trabalho.

Colaborou em vários jornais de tendência progressista e republicana: *A Grinalda* (1860-1869), *Jornal do Porto* (1867-1870), *A Folha* (1870-1873), *O primeiro de Janeiro* (1870) e o *Século* (1881). Fundou *A Evolução* (1º número de novembro de 1876). Publicou as obras *Alvoradas* (1866 e 1875), *Notas/Ensaio de Crítica e Literatura* (1882) e *Outonais* (1891). Traduziu obras de caráter científico.

Manteve uma relação amigável com Camilo. Convidou-o a colaborar em sua revista *A Evolução*, envia-lhe seu livro *Alvoradas* e oferece-lhe uma poesia manuscrita. Camilo insere e comenta duas poesias de Alexandre da Conceição no *Cancioneiro Alegre* (1879). Alexandre da Conceição escreve em *O Século* uma apreciação da obra *A Corja* de Camilo em 1880 em seguida há a réplica de Camilo e a tréplica de Conceição, instaurando a polêmica entre ambos, iniciada por volta de 1881. Após a morte de Camilo, Alexandre Conceição consagra-lhe o soneto *Bem me lembro que o vi, na juventude*.

DCCB p. 240-241

DBP tomo 8 p.30

4. Anna Plácido ou Ana Augusta Plácido Pinheiro Alves

(nasceu em 27 de setembro de 1831 na cidade do Porto e faleceu em 1895)

Foi escritora, tradutora e poetisa. Casou-se aos 19 anos de idade em 28 de setembro de 1850 com um capitalista do Porto - Manuel Pinheiro Alves, que tinha 43 anos de idade. No entanto, entre 1855/1856 inicia uma relação amorosa com Camilo, adultério que lhe custará a reclusão durante 38 dias no Convento da Conceição, em Braga. Após esta reclusão, a escritora volta a conviver com Camilo, desencadeando o processo de adultério em princípio de 1860. Em 6 de junho, ela é presa nas Cadeias da Relação do Porto. Em 1 outubro Camilo se entrega à justiça. Os réus são absolvidos em 16 de outubro de 1861. Somente após o recebimento do título de visconde de Correia Botelho, em 9 de março de 1888, é oficializado através do matrimônio o relacionamento de Camilo e Plácido. Teve três filhos - Manuel Plácido, Jorge Camilo Castelo Branco e Nuno Plácido. Após o falecimento inesperado de Manuel Plácido e o progressivo agravamento da doença de Camilo, Ana Plácido interrompe a escrita de obras literárias.

Assinou diversas obras com as iniciais de seu nome *A. A.*, colaborou em *O Ateneu* (1859), *O Nacional* e na *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1860), *O*

Futuro (1862-1863), *O civilizador* (1865), *A Esperança* (1865-1866), *Gazeta Literária do Porto* (1868) com o pseudônimo *Gastão Vidal de Negreiros*, *Almanaque da Livraria Internacional* (1873). Publicou com seu nome em 1863 a obra *Luz Coada por Ferros*¹⁸⁰ e em 1871 com o pseudônimo *Lopo de Sousa* a obra *Herança de Lágrimas*. Com este pseudônimo publicou diversas traduções: *Como as mulheres se perdem* e *A vergonha que mata* - em 1874 (ambos romances de Amedée Achard); *Aprender na desgraça alheia* - em 1875 (de Benjamin Constant); *Feitiços de Mulher Feia* - em 1876 (romance de Vitor Cherbuliez). Anonimamente traduziu *Mês de Maria* - 1865 (do padre Gratry), *A vida Futura* - 1877 (de Lescoeur), *Pio IX* - 1877 (de Villefranche) e *O papa e a Liberdade* - 1879 (do padre Constant). Ajudou Camilo, em 1873, com a tradução do *Dicionário Universal de Educação e Ensino* de E. M. Campagne. Escreveu poesias e adaptou para o teatro o romance de Mery *Les damnés de l'Inde* intitulado *Aurora*, um drama em 4 atos, publicado provavelmente em *O Civilizador* em 1865.

DCCB p. 619-622

DBP - tomo 8 p. 67

5. Antônio Feliciano de Castilho¹⁸¹

(Nasceu em Lisboa no dia 26 de Janeiro de 1800¹⁸² e faleceu em 18 de junho de 1875 em Lisboa)

Conhecido como visconde de Castilho, aos 6 anos ficou cego devido a um ataque de sarampo. Ajudado por seu irmão Augusto Frederico, fez os estudos

¹⁸⁰ Segundo Inocêncio, esta obra “é um complexo de romancinhos e divagações em prosa, dos quais a maior parte havia sido anteriormente inserta na *Revista contemporânea*, e em outras publicações periódicas, rubricados com as simples iniciais AA”. In. SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário Bibliográfico Português*. TOMO 8, p. 67.

¹⁸¹ Para mais informações sobre Castilho, ler: CASTILHO, Julio de. *Memórias de Castilho*. Lisboa, 1866. e ALVES, Ieda & CRUZ, Eduardo da (Org). *Para não esquecer Castilho*. Ed UFF, 2015. Há também as teses de Eduardo da Cruz intitulada [Felicidade pela imprensa: romantismo na Revista Universal Lisbonense de A. F. de Castilho \(1842-1845\)](#) e de Ana Cristina Comandulli da Cunha intitulada *Antônio Feliciano de Castilho entre bardos: a poesia oitocentista por Castilho e seus contemporâneos* (2014). Como ensaios, encontramos ainda *Antônio Feliciano de Castilho, tradutor do Fausto* de Carlos Castilho Pais intitulado *Antônio Feliciano de Castilho, tradutor do Fausto*. (In. <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2588>) e *Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875): um poeta político na Imprensa Periódica* de Eduardo da Cruz (In.: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/428/734>).

¹⁸² Segundo LUFT em seu *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*, Castilho teria nascido no dia 28 de janeiro de 1800 e morrera dia 18 de junho de 1875, em Lisboa. DLPB, p.84.

preparatórios. Foi Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra; Comendador da Ordem Imperial da Rosa no Brasil; Membro do Conselho Geral de Instrução pública; Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada; Sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa; Membro do Conservatório Real; Sócio da Sociedade Jurídica de Lisboa e da Literária Portuense, do Instituto Histórico de Paris, da Academia das Ciências e Belas Letras de Ruão, dos Ardentes de Viterbo e da Arcádia Romana com o nome de *Memnide Eginense*. Além de poeta, pedagogo e tradutor, foi também comissário-geral de instrução primária em 1853.

Fundou *A Sociedade dos Amigos das Letras e Arte* (1849). Em 1870 foi prestigiado com o título de visconde de Castilho em reconhecimento à sua obra literária e aos serviços por ele prestados à instrução primária e às letras pátrias.

Foi responsável por duas grandes polêmicas conhecidas como *Bom Senso e Bom Gosto* (1865 - 1866) e *Questão Faustiana* (1872-1873, devido à sua tradução de *Fausto* de Goethe).

Casou-se em 1834 e ficou viúvo em 1 de fevereiro de 1837. Perdeu seu irmão Augusto Frederico em 1840, ano em que se casa com D. Ana Carlota Xavier Vidal, uma senhora madeirense.

Em 1851 criou em Lisboa o *Tratado de Mnemônica e Tratado de Metrificação Portuguesa*. Preocupado com a instrução primária universal, criou em Lisboa, em 1853, o *Método Português Castilho* e publicou muitas obras, como:

- *Epicédio na Sentida Morte da Augustíssima Senhora D. Maria I* (1816),
- *À Faustíssima Aclamação de S. Majestade o Sr. D. Joao VI*, poema em 3 cantos (1818).
- *O Outono: coleção de poesias* (segundo Castilho, esta obra contém quarenta composições poéticas cuja 28 são originais, 8 traduções e 4 imitações. Foi impressa em forma de livro em 1863);
- *Tributo à memória de sua majestade fidelíssima o sr. D. Pedro V, o muito amado. Por Castilhos Antônio e José* (Rio de Janeiro, na Tip. De E. & H. Laemmert 1862);
- *O tratado de Mnemônica* (Lisboa, na Imp. Nacional 1851);
- *Práticas religiosas* (publicado no Rio de Janeiro, em 1866);
- *O tratado de metrificação portuguesa* (1ª ed. de 1851. Esta obra foi aprovada em 1857 pelo Conselho superior de Instrução publica para uso das Escolas. Há uma terceira edição desta obra publicada em 1867);

- *Cartas de Eco e Narciso, dedicadas à Mocidade Acadêmica da Universidade de Coimbra. Primeira parte.* Coimbra, na Imp. da Univ. 1821 que continha somente as primeiras nove epístolas. Saíram novamente com a segunda parte, e outras poesias, em 1825, e, uma terceira edição correta e aumentada em 1836 ou 1837.
- *A Primavera, coleção de Poemetos.* (Lisboa, na Tip. de Manuel Pedro de Lacerda 1822). 2ª edição em Lisboa, 1837 na Tip. de A. I. S. de Bulhões 1837;
- *Amor e Melancolia, ou a novíssima Heloisa.* Coimbra, na Imp. De Trovão & Companhia, 1828. Reimpressa no Rio de Janeiro, na Tip. Universal de Laemmert 184... 8º - Esta reimpressão, e outras que parecem se fizeram no Brasil. Sai uma nova edição desta obra em 1861 em Lisboa.
- *A noite do Castelo e os Ciúmes do Bardo* (poesia - 1836);
- *Escavações Poéticas.* Lisboa, na Tip. Lusitana 1844. Neste volume, há muitas composições inéditas, algumas que já tinham sido impressas em separado, ou insertas no *Jornal dos Amigos das Letras*: as *Epístolas ao Povo* e a *D. Miguel, a Elegia á morte da Crônica*, a *Epístola a Sendim* etc. Foi reimpresso no Rio de Janeiro, na Tip. Universal de Laemmert, em 184...
- *Quadros Históricos de Portugal.* Prosa publicada em Lisboa, na Tip. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, em 1838 ou 1839. Possui oito quadros; mas, segundo consta, são de Castilho os primeiros sete: o oitavo attribui-se ao sr. Herculano. Foram reimpressos no Rio de Janeiro, na Tip. Comercial de Soares & C. em 1847, com o retrato do autor e quatorze estampas no mesmo formato.
- *Camões: Estudo histórico-poético, liberrimamente fundado sobre um drama francês dos senhores Victor Perrot e Armand du Mesnil.* Ponta Delgada, Tip. da Rua das Artes, 68, em 1849.
- *Felicidade pela Agricultura.* Prosa publicada em Ponta Delgada, Tip. da Rua das Artes, 68, em 1849.
- *Mil e um Mistérios, Romance dos Romances.* Lisboa, na Tip. Lusitana, em 1845.
- *Leitura repentina. Método experimentado e efficacíssimo para em poucas lições e com muito recreio se aprenderem a ler impressos e numeração, aprovado pelo Conselho Superior de Instrução Publica do Reino.* Lisboa, em 1850. A terceira edição desta obra saiu com o titulo: *Método português Castilho para o ensino do ler e escrever: obra acomodada tanto ao uso das escolas, como ao das famílias. Com mapas e vinhetas.* Lisboa, na Imp. de Lucas Evangelista, em 1853. A 4ª edição, com

o título seguinte: *Método Português Castilho para o ensino rápido e aprazível do ler, escrever, e bem falar*, publicada em Lisboa, Typ. Progresso, em 1857.

- *O Outono*, (poesia - 1863);
- *Felicidade pela instrução* (prosa -1854)
- *Ajuste de contas com os Adversários do Método Português* (prosa – 1854)
- *Camões* (teatro, 1849).
- Colaborou com seu irmão José Feliciano de Castilho na publicação da *Livraria Clássica Portuguesa* em Lisboa pela Tip. Lusitana 1845 a 1847. Nesta obra consta excertos dos principais autores (notas biográficas de prosadores e poetas) portugueses como: P. Manuel Bernardes, Garcia de Bezende, Fernão Mendes Pinto, Bocage e Antonio Ferrerira .

Segundo Inocêncio (p. 196 - tomo 1), são especialmente de Castilho (Antônio) as biografias e juízos críticos relativos a Bernardes e Garcia de Rezende. As de Bocage e Mendes Pinto pertencem *in totum* ao Castilho (José).

- Editou a obra *A Felicidade pela Agricultura* (1849);
- Escreveu em defesa de um velho português condenado a 12 anos de trabalhos forçados a *Epístola a Sua Majestade a Senhora Imperatriz do Brasil* (1856).

Jornal

- *À faustíssima exaltação de Sua Majestade o Senhor D. João VI ao trono*. Poema em três cantos) na Imp. Régia 1818, também inserto no *Jornal de Coimbra* .
- *Tributo português à memória do Libertador*. Lisboa, na Imp. de Galhardo e Irmãos 1836. Esta coleção teve duas reimpressões no mesmo ano, todas na mesma Oficina, e também foi reimpressa no Rio de Janeiro.

Escreveu obras que foram veiculadas na *Revista Contemporânea de Portugal e do Brasil*, como:

- *Tributo português no trânsito de sua majestade fidelíssima o senhor D. Pedro*¹⁸³;
- *Estudos críticos e biográficos* (de Adelaide Ristori, Emília das Neves e Sousa, Fr. Francisco de Mont'Alverne, D. Maria Peregrina de Sousa)
- *Carta à redação e artigos em prosa e em verso*;

¹⁸³ Esta obra contém versos que foram recolhidos e inseridos no livro publicado no Brasil intitulado *Tributo à memória de sua majestade fidelíssima o sr. D. Pedro V, o muito amado*.

Em 1857 no Rio de Janeiro foi publicada *Epístola a sua Majestade a Imperatriz do Brasil* (publicado em Coimbra e na Revista Peninsular). Há também várias obras dispersas na imprensa da época, como: no *Jornal do Comércio* em 27 de janeiro de 1860 uma declaração de Castilho acerca da autoria somente das 38 páginas iniciais da tradução da obra *Gênio do Cristianismo*; cartas literárias endereçadas à Francisco Gomes de Amorim, Faustino Xavier de Novaes, aos redatores dos jornais da capital, Eduardo Augusto Vidal, Brito Aranha, Inocêncio Francisco da Silva, à redação de Notícias, José da Silva Mendes Leal etc.

Criação:

- *Agricultor Micaelense* de que foi encarregado em 1849 (os artigos veiculados neste jornal foram reunidos em volume sob o título *Felicidade pela Agricultura* - 1849, 2 vols.).

Colabora em diversos jornais literários e políticos:

- *Águia do Ocidente*, *Guarda Avançada*, *Guarda Avançada dos Domingos*, *Jornal dos Amigos das Letras*, *Nacional* (de Lisboa), *Patriota*, *Revolução de Setembro*, *Independente*, *Restauração*, *Jornal de Belas Artes*, *Panorama*, *Diário ao Governo*, *Civilização*, *Arquivo Pitoresco* e *Revista da Instrução Publica para Portugal e Brasil*.

Traduziu as seguintes obras:

- *A Noite do Castelo e os Ciúmes do Bardo: seguidos da Confissão de Amélia*, traduzida de MU. Delfina Gay. Lisboa, na Tip. Lisbonense de A. C. Dias 1836. Foi reimpressa no Rio de Janeiro aproximadamente em 1836. É publicada uma nova edição em 1861 em Lisboa.
- *As Metamorfoses de Publio Ovidio Nasão. Poema em quinze livros vertido em português. Tomo I*. Lisboa em 1841. Compreende os livros I a V;
- *Adriana Lecouvreur* (ópera em quatro atos e poesia italiana traduzida em 1858 por Castilho);
- *As Geórgicas de Virgílio* (texto original e tradução. Cada um dos quatro livros do poema possui uma dedicatória perspectivamente à José da Silva Mendes Leal, Thomás Ribeiro, Antônio Pereira da Cunha, Manuel Joaquim Pinheiro Chagas);

- *Várias amostras das traduções de Anacreonte, e dos Amores de Ovídio*, inseridas na *Revista Peninsular*, tomo n, no *Arquivo Pitoresco*, tomo I, e no novo *Jornal de Belas Artes: Os Amores de P. Ovídio Nasão. Paráfrase por Antônio Feliciano de Castilho, seguida pela Grinalda Ovidiana por José Feliciano de Castilho. Tomo I*. Rio de Janeiro, na Tip. do Editor Bernardo Xavier Pinto de Sousa 1858.
- *Arte de amar de Publio Ovídio Nasão* (tradução dedicada ao Barão de Villa-Nova de Fozcoa, publicada e à venda em 1862 no Rio de Janeiro pelos editores E.& H. Laemmert);
- *Metamorfoses e Os Fastos de Publio Ovídio Nasão* (publicada em 1862 em Lisboa);
- *A Lírica de Anacreonte* (aparentemente uma reprodução da obra grega original acompanhada de uma tradução);
- *O médico à força; Tartufo; O Avaro; As Sabichonas; Misanthropo; Doente de Cisma* de Molière.
- *Fausto* de Johann Wolfgang von Goethe;
- *Sonho duma Noite de verão* de William Shakespeare;
- *O Gênio do Cristianismo por Mr. de Chateaubriand*. Lisboa, na Typ. Universal 1854.

Há outras obras como: *Cartas do ex. sr. Antônio Feliciano de Castilho e da Câmara Municipal de Setúbal a respeito do monumento a Bocage* (em 1857); *Carta sobre as escolas populares, pelos srs. José Maria do Casal e Ribeiro e Antônio Feliciano de Castilho* (em 1859); cartas de Castilho à Ribeiro Saraiva (reunidas na obra *Saraiva e Castilho*).

Segundo Inocêncio (p.133, tomo 8) no catálogo geral, coordenado por seu filho Sr. Julio de Castilho - no tomo III da nova edição do *Camões* – há uma relação das obras impressas por Castilho até 1863. Há também um estudo biográfico-crítico realizado por Latino Coelho na *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*.

DCCB - P. 195-197

DCAP - vol 1p.367 / vol 2 p.34 - 36

DBP tomo 8 p. 132-138

DLPB - p.84 – 85

DMA - 69 - 70

6. A. M. Muniz Maia ou Antônio de Melo Moniz Maia ou Antônio de Melo Muniz Maia¹⁸⁴

(nasceu em Paraíba) Não foram encontradas informações referentes às datas de nascimento e falecimento.

Poeta diplomado em Medicina pela faculdade do Rio de Janeiro, foi oficial da secretaria da mesma faculdade, membro do conselho de instrução pública da província do Rio de Janeiro e Cavaleiro da Ordem da Rosa.

É autor da dissertação *Aleitamento* (1873), do livro de poesias *Alígeras* (1880, com um prólogo de José Maria do Amaral), *Tesouro das escolas* (1ª edição em 1881 e a 2ª ed. em 1882, livro de leitura gradual adotado nas aulas de instrução primária no Brasil), *O Potyra* (1864, folha literária, poética e recreativa redigida por Maia, P.W. Mello e Cunha, A. J. G. Guacury e A. de Carvalho).

DBB - VOL 1 p. 264-265

ELB vol 2, p. 848

7. Antônio de Moutinho de Souza

(nasceu no Porto, Portugal em 10 de outubro de 1834, morreu no Porto, Portugal em 27 de abril de 1898)

Foi poeta, ator, tradutor e escritor dramático, empresário e ocasionalmente editor.

Exerceu uma vida comercial na ourivesaria de seu pai – Francisco Moutinho de Sousa – durante algum tempo em Portugal. Em fevereiro de 1858 chegou ao Rio de Janeiro e decidiu seguir carreira dramática, sendo admitido no teatro Ginásio em 3 de abril. Casou-se em julho do mesmo ano com a atriz brasileira Ludovina Julia da Cunha Devecchy, ficando viúvo em 21 de maio de 1861. A perda lhe trouxe um sofrimento

¹⁸⁴ Trata-se de Antônio de Melo Moniz Maia, posto que foram encontradas informações semelhantes na *Enciclopédia de literatura brasileira* e *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (com a escrita de Antônio de Melo Moniz Maia – na *Enciclopédia* e Antônio de Mello Muniz Maia no *Dicionário*). Pesquisas feitas posteriormente na *Biblioteca Florestan Fernandes* confirmaram esta hipótese.

muito grande decidindo abandonar a vida artística e retornar à Portugal em outubro de 1863, onde voltou a trabalhar no comércio de seu pai.

Em 1856 encena nos dramas em *Amor e honra* (em três atos) e *Pelaio ou A vingança de uma afronta* (quatro atos). Em maio de 1858 aparece no *Correio Mercantil* um artigo intitulado *O Ginásio e o autor A. Moutinho de Sousa* de autoria de B.S. elogiando o ator.

Souza - ou Sousa - atuou em diversas obras como: *Fumo sem fogo* (drama original em três atos, 1861) e *Romance de um mancebo pobre* (drama em cinco atos e sete quadros, 1865), *Finalmente* (comédia, 1862). Há diversas poesias de sua autoria impressa na revista *Bardo* e a existência de sua obra intitulada *Questão Noronha, ou coleção de todos os artigos publicados nos diversos jornais acerca da questão que se suscitou, respeito ao mérito deste distinto violonista* (1856).

Publicou de C.C.B *Duas horas de Leitura e Espinhos e Flores* (1857).

DBP -tomo 1 p.210- tomo VIII p. 258

DCCB - 760-761

ELB - vol 2 p.1272

DMA – p.324

8. A. R. de Torres Bandeira ou Torres Bandeira ou Antônio Rangel de Torres Bandeira

(nasceu em 17 de outubro de 1826 em Recife, Pernambuco e faleceu em 11 de novembro de 1872)

Foi poeta, teatrólogo, jornalista, crítico literário, advogado, professor, deputado provincial, membro do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), da Associação Literatura Maranhense e de outras agremiações culturais.

Em 1848, formou-se em Direito pela Academia de Olinda. Trabalhou no magistério no Liceu Pernambucano em 1849 e no Ginásio Pernambucano em 1855. Foi promotor interino de Olinda e Iguarassu em 1851, delegado do primeiro distrito policial de Recife em 1852 e membro do conselho de instrução pública em 1855 (cargo exercido até 1867).

Assinava também suas obras com os pseudônimos *Archilocus*, *Harmodius* e *Paulo Emílio*.

Redigiu várias obras em jornais, revistas e periódicos políticos, religiosos, de ciências e letras, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Maranhão, no Ceará e em Portugal:

Poesias:

- *O eremita de Jafa* (1844);
- *Oblação ao Cristianismo* (1844);
- *Um suspiro a Deus* (1846);
- *Harmonias Românticas* (1847).

Teatro:

- *Elogio dramático* e sonetos recitados em 11 de agosto (1845).

Panfleto político:

- *As almofadas sem franjas ou A salvação do Brasil* (1866).

Ciências jurídicas:

- *Economia política. A liberdade do trabalho, e a concorrência, seu efeito, são prejudiciais à classe operária?* (1862 e 1863, foi publicado em *O Futuro*);
- *Será o Júri* (1859);
- *Apontamentos sobre direito* (1857).

Diversas:

- *Harmonias Românticas* (1847);
- *A saudosíssima memória* de S.M.F. (1854);
- *Cancioneiro Cristão* (1865);
- *Poesias* (1867).

Participou da redação de: *Aurora Pernambucana* (1858 - 1859); *A opinião Nacional* (1867 - 1870); *O Recreativo* (1850-1851)

Colaborou em: *D. Pernambuco* (1856-1863); *O Íris Acadêmico* (1859); *J. Domingo* (1858 - 1859); *J. Recife* (1863); *O Progressista* (1863) - jornais do Recife. *O polimático* (1846, jornal de Olinda, Pernambuco); *O Futuro* (1862-1863, Rio de Janeiro); *Íris* (1848-1849, Rio de Janeiro).

DBB - vol1 p. 295-299

DBP - tomo 1 pág 243, tomo VIII p. 289 e tomo XXII p. 348.

ELB - vol1 p. 293

9. Antônio Simões de Cabedo ou Antônio Justino Simões de Cabedo

(nasceu em Lisboa e morreu em 24 de dezembro de 1862)

Foi Amanuense da Secretaria do Estado dos Negócios do Reino, membro da Associação dos Professores e de outras sociedades literárias e filantrópicas.

Segundo Inocêncio, Cabedo colaborou com diversos artigos em prosa e poesias em jornais políticos e literários de Portugal e com diversas cartas satíricas em verso no periódico literário *O Futuro* do Rio de Janeiro. Publicou também obras em *Boletim geral de Instrução pública* de Frederico Taloni (futuro visconde de Ribamar). É autor da poesia do gênero satírico intitulada *Cacholetas literárias* publicada em 1861 em Lisboa.

DBP tomo 8, p.222-223.

10. Arthur Napoleão ou Arthur Napoleão dos Santos

(nasceu em Porto, Portugal em 1843 e faleceu no Rio de Janeiro, Brasil em 1925)

Compositor, pianista, comerciante de instrumentos musicais, editor de músicas, apresentou-se pela primeira vez em público aos 7 anos de idade no Porto, conhecendo diversas capitais do mundo a partir dos 9 anos de idade. Esteve no Rio de Janeiro, onde fixou moradia em 1866.

Camilo publicou diversos textos elogiando o pianista, em 1850, 1858 em *O Nacional*, em 1865 publicou em *O Civilizador* um artigo encomiástico sobre o artista intitulado *Arthur Napoleão*, coligido em 1867 em *Coisas Leves e Pesadas* (que teve seu título alterado para *Uma glória nacional*).

Amigo desde a infância de Carolina Xavier de Novais, futura esposa de Machado de Assis, Arthur Napoleão foi testemunha do matrimônio de ambos.

DCCB P. 539-540

11. A. E. Zaluar ou Augusto Emilio Zaluar

(nasceu no dia 14 de fevereiro de 1826¹⁸⁵ ou 1825 em Lisboa, Portugal – faleceu no dia 3 de abril de 1882 no Rio de Janeiro, Brasil)

Nascido em Lisboa, emigrou para o Brasil em 3 de janeiro de 1850¹⁸⁶ e naturalizou-se cidadão brasileiro em 1856.

Em Portugal, matriculou-se na instrução superior na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa a fim de cursar o primeiro ano de Medicina. Decidiu dedicar-se à literatura, colaborou em diversos jornais de Lisboa: *Época*, *Jardim das Damas* e *Revista Popular*. Foi teatrólogo, romancista, contista, tradutor de várias peças dramáticas, biógrafo, poeta, professor e jornalista.

No Brasil, participou intensamente da vida jornalística e literária da época. Fez parte da redação do *Correio Mercantil*¹⁸⁷, do *Diário do Rio de Janeiro*¹⁸⁸ e do *Diário Oficial*. Foi redator principal do *Paraíba* (em Petrópolis), da *Civilização* (em Santos), de *O Município* (em Vassouras), de *O Vulgarizador*, da *Atualidade* e de *O Futuro* (os três últimos no Rio de Janeiro).

Tendo em vista sua participação ativa na imprensa, facilmente se verifica nas folhas literárias da época a publicação de seus trabalhos, como em: *Correio das damas* (de Laemmert); *Revista popular e Jornal das famílias* (do Sr. Garnier); *O Espelho* (do Sr. Garnier); na primeira série da *Lísia poética* (Rio de Janeiro 1848 e 1849); *Grinalda de flores poéticas*, (em 1854); na *Coleção de poesias oferecidas aos assinantes da Revista popular* (Lisboa 1849) entre outras.

Zaluar foi sócio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, do Retiro Literário Português e de outras associações literárias do Rio e de S. Paulo. Exerceu o cargo de Amanuense na Secretaria do Estado dos Negócios da Justiça, foi examinador da instrução pública, Cavaleiro da Ordem de Rosa, sócio da sociedade auxiliadora da indústria.

¹⁸⁵ Segundo informações fornecidas pelo *Dicionário bibliográfico português*: de Inocêncio tomo VIII, Zaluar nasceu no ano de 1826. Já, no *Dicionário bibliográfico brasileiro* de Blake - volume 1, p.351 - e no *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan Machado - p. 365 - ele nascera em 1825.

¹⁸⁶ Ele teria vindo ao Brasil em 1849, de acordo com o *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan Machado - p. 365.

¹⁸⁷ Escreveu a Revista hebdomadária do *Correio mercantil* no qual assinava por Hegessipo.

¹⁸⁸ Publicou em 1854-1855 neste periódico na seção folhetim semanal intitulada *Álbum*, na qual assinava por Z.

Alguns textos de sua autoria foram assinados com os pseudônimos *Hegessipo*, *Ze* e *Z*.

Publicou várias obras, algumas citadas abaixo:

- *A Cruz do vale*, poesia – Lisboa, 1848.
- *Poesias: Primeira parte* - obra publicada em 1846 pela Imprensa Nacional.
- *Dores e flores. Poesias*. Obra publicada em 1851 no Rio de Janeiro pela Tip. de Francisco de Paula Brito.
- *Revelações*¹⁸⁹: obra dividida em quatro partes, intituladas: *O Lar – Efêmeras - A Musa fraternal - Harpa brasileira*.
- *Peregrinação pela província de S. Paulo*¹⁹⁰ 1860-1861. Obra publicada em formato de livro somente em 1863 em Paris, na Imp. de Ad. Lainé & J. Havard. Alguns excertos foram impressos nas páginas da revista *O Futuro* em 1863.
- *Uruguaiana*: poema consagrado a celebrar a rendição da divisão paraguaia que ocupava Uruguaiana e tomada desta praça pelo exército brasileiro na campanha de 1865. Publicado no Rio de Janeiro, pela Tip. Univ. de Laemmert 1865.
- *O cofre de tartaruga: conversação em um ato* - drama sobre a atualidade publicado no Rio de Janeiro, Tip. do Comércio de Pereira Braga em 1866.
- *Emília Adelaide, traços biográficos...*
- *Contos da roça* (1868).

Zaluar escreveu também vários artigos veiculados nas folhas periódicas:

- *Estudo literário sobre a «Marília de Dirceu»* - Na *Revista popular*, tomo XIV (1862);
- *Estudo literário sobre o «Curso de Literatura» do cônego Fernandes Pinheiro* — Na dita *Revista*, tomo XIV;
- *Biografia de Manuel Antônio de Almeida*.— No *Diário do Rio de Janeiro*, de 5 e 7 de Fevereiro de 1862.

¹⁸⁹ Segundo Inocêncio (p.337 TOMO VIII), esta obra foi publicada em 1862 pela Imp. de Ad. Lainé & J. Havard, em Paris. Para Blake em seu dicionário, ela teria sido publicado em Paris, porém em 1862. Em 13 de Abril de 1863, João Carlos de Sousa Ferreira publicou uma crítica literária sobre esta obra no *Correio mercantil* (assinando SF). No Rio de Janeiro, houve publicações sobre esta obra em o *Diário*, o *Futuro* e a *Atualidade*. Em Lisboa, Latino Coelho publicou no *Jornal do Comércio* e Júlio César Machado na *Revolução de Setembro* de 16 de Fevereiro de 1864.

¹⁹⁰ Segundo Inocêncio, esta obra obteve “mui favorável acolhimento. Delas falaram extensamente e com louvor” (P.337 TOMO VIII). Em 8 de Outubro de 1863 o periódico *Le Brésil* veicula um artigo atribuído ao sr. Theodoro Taunay, cônsul de França no Rio de Janeiro e o redator principal, José Maria do Amaral, de *Espectador da América do Sul*, redige em artigo sobre esta obra. Tivemos acesso a esta obra que se encontra disponível no Google livros.

- Colaborou com Eduardo de Sá Pereira na coleção de retratos e biografias publicada com o título: *Os heróis brasileiros na campanha do sul em 1865*.
- *Doutor Benignus*, romance de 1875 – primeira obra de ficção científica no Brasil.
- *Segredos da noite*, romance.
- Colaborou com Furtado Coelho no *Álbum dos Salões*, jornal de música e de literatura, de que se publicaram alguns números.
- *Exposição nacional brasileira, RJ, 1875* (contém uma série de artigos que o autor publicara no *Globo*)
- *Primeiro livro de leitura e de moral para uso das escolas primárias*, RJ, 1871.
- *Lições das coisas inanimadas e animadas*, RJ, 1876.
- *Extratos clássicos*, RJ, 1876.
- *Primeiro livro da infância, RJ, 1880*.
- *Primeiro livro da adolescência, RJ, 1880*.
- *Noções elementares de geografia, RJ, 1880*.
- *Nova série de livros de leitura graduada*, RJ, 1881 (dividido em 6 partes: Fábulas, anedotas e narrações; Descrições e noções úteis; história e biografias; Agricultura; Conselhos de um professor a seus discípulos).

Zaluar traduziu algumas obras francesas:

- *A criação*, de Edgar Quinet;
- *O bicho de seda e a amoreira. A sericultura no Brasil*. Manuscrito francês do Conde de La-Hure, RJ, 1875.
- *A Redenção*, de Octavio Feuillet, representada no Ginásio;
- Comédia de Sardou *As garatujas* (Les pattes de mouche), representada no Atheneu;
- *O mundo equívoco* (Le demi-monde), de Dumas filho, vertida para o Gymnasio;
- *Teresa* (a comédia em dois atos), *Anjo e Demônio*, etc.
- *Moicanos de Paris*, romance de Alexandre Dumas: tradução publicada no *Correio Mercantil de 1854 à 1856*.
- *Compêndio de um curso completo de filosofia elementar*, por Pelissier, RJ, 1877

DBP - Tomo 1 p. 310 e tomo 8 p. 336 - 338

ELB - vol 2 p.1377

DBB - vol 1 p. 351 – 353

DMA – p. 365-366

12. Augusto Soromenho ou Augusto Pereira de Vabo y Anhaya Gallego Soromenho ou Augusto Pereira Soromenho

(nasceu em Porto, Portugal em 1834 e faleceu em 1878)

Foi sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, diretor da *Biblioteca Católica do Séc. XIX*, professor¹⁹¹ de árabe no Liceu Nacional e de Literatura moderna no Curso superior de Letras. Especializou-se em arqueologia e filologia.

Foi amigo de Camilo e de Alexandre Herculano (este escritor conseguiu um curso de língua árabe em Madri para Soromenho). Soromenho iniciou o trabalho de revisor e colaborador em *O Portugal* graças à intervenção do romancista que lhe deu acolhida também em 1852 em *O Cristianismo*, onde publicou várias poesias e um artigo. Em 1853, criou juntamente de Camilo o jornal de índole religiosa *A Cruz*, sendo o principal redator e dirigiu *O Investigador*.

Em 1859 os vínculos de amizade com Camilo são desfeitos repentinamente, reconciliando-se por volta de 1869 - 1871. Em 1879, Camilo forneceu informações curiosas sobre a desavença, a reconciliação e informações biográficas de Soromenho em *Cancioneiro Alegre*.

Importante notar que Camilo iniciou a tradução de *O Gênio do Cristianismo* de Chateaubriand em 1860 e foi Soromenho quem a concluiu.

Publicou dois folhetins sobre o romance *Anátema* em *O Nacional* (1851), *O Divan* (poesias, 1855), *Origem da Língua Portuguesa* (tese para o concurso de professor do Curso Superior de Letras, 1867), *Notícias Arqueológicas de Portugal, pelo Dr. Emílio Hubner* (tradução 1871), *Probidade Literária* (cartas, 1874). Escreveu a obra *Origem da língua portuguesa. Tese para o concurso da cadeira de Literatura moderna no Curso superior de Letras*, publicado em 1867 em Lisboa. Em 1871 participou das Conferências Democráticas ou do Cassino proferindo a terceira preleção sobre *Literatura Moderna*.

Soromenho assinou vários textos com o pseudônimo *Abd-Allah, A. Pereira de Castro*.

DCCB p. 757-759

DBP - tomo 8 p.346

¹⁹¹ Não foi possível descobrir o local onde Soromenho foi professor.

13. Brito Aranha ou Pedro Venceslau de Brito Aranha

(nasceu em 1833 em Portugal e faleceu em 1914)

Iniciou sua carreira aos 16 anos como aprendiz de tipógrafo. Foi escritor, jornalista e bibliógrafo português, conhecido por dar continuidade ao trabalho de Inocêncio na produção do *Dicionário Bibliográfico Português*. Durante sua vida, colaborou em vários jornais e revistas: *Arquivo Pitoresco*, *Diário de Notícias*, *O Ocidente*, *Jornal do domingo* e *A imprensa*. Foi membro da Sociedade de Geografia de Lisboa e sócio da Academia das Ciências de Lisboa.

Suas obras mais significativas são: *Leituras Populares, Instrutivas e Morais* (1872); *A Marinha Grande* (1870); *Memórias Histórico-Estatísticas de Algumas Vilas e Povoações de Portugal* (1871); *A Obra Monumental de Luís de Camões* (1886); *Subsídios para a História do Jornalismo nas Províncias Ultramarinas Portuguesas* (1875); *Nota Acerca das Invasões Francesas em Portugal* (1909), *Fatos e homens de meu tempo: Memórias de um jornalista* (1907) e sua contribuição na produção do *Dicionário Bibliográfico Português*.

In.: <http://teoriadojornalismo.ufp.edu.pt/inventarios/aranha-brito-19071908> Consultado em 17 de abril de 2016.

14. Camillo Castello Branco¹⁹² ou Camilo Ferreira Botelho Castello Branco

(nasceu em 16 de março de 1825 em Lisboa e faleceu em São Miguel de Seide em 1 de junho de 1890).

As informações biobibliográficas deste escritor podem ser encontradas nas fontes indicadas abaixo:

DBP tomo II p.15-19, tomo 9 p. 7-13

DCCB - p.144 - 149.

¹⁹² Para mais informações sobre Camilo, verificar *O Romance do Romancista* (publicado em 1890 por Alberto Pimentel); *Camilo Castello Branco, notícia da sua vida e obras*, (por J. C. Vieira de Castro, Porto, 1862); *A Revista contemporânea de Portugal e Brasil* (1864, vol. 4.º pág. 485); *O Ocidente* (vol. 8.º, 10.º e 13.º); *Dicionário bibliográfico*, (vol. 2.º e 9.º); *Enciclopédia portuguesa ilustrada* (há um longo artigo biográfico de Teófilo Braga).

DLPB – p. 59 - 61

<http://www.arqnet.pt/dicionario/correiabotelho.html> visitado em junho e julho de 2015.

DMA - p. 51 -52.

15.D.

(não foram encontradas informações biobibliográficas relacionadas a esta assinatura).

16. E. Lima ou J. Evangelista de Lima

(Não foram encontradas informações de **E. Lima**, exceto que foi jornalista, redator de *A Saudade* - “periódico publicado entre agosto de 1855 e fevereiro de 1857 no Rio de Janeiro por um grupo de imigrantes portugueses que encontram, no jornalismo e na literatura uma maneira de exaltar sua terra natal”¹⁹³). Colaborador também de *O Futuro*: em 21 de setembro de 1862 com uma *Crônica* e em 31 de janeiro de 1863 com uma “crítica literária” intitulada *A Mancenilha*.

DMA –p. 188

17. Eduardo Laranja

(não foram encontradas informações biobibliográficas deste escritor).

18. Ernesto Cibrão ou Ernesto Pego de Kruger Cibrão

(nasceu em Valença do Minho, Portugal em 22 de julho de 1836 – faleceu no Rio de Janeiro em 1919)

Poeta, teatrólogo, jornalista, securitário, sócio e vice-presidente do Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro. Veio para o Brasil em 1858. Viajou em 25 de junho de 1860 a Bordéus e a diversos locais na Europa - França, Bélgica, Inglaterra, Alemanha, Lisboa, retornando ao Rio de Janeiro por volta de 1861.

Possuía os pseudônimos de *Boileau Mirim*, *José Liborio*, *Toneser*, *Padre-mestre*. Autor de poesias (no gênero lírico e dramático), peças teatrais e diversos dramas, como: *Luís - drama original em três atos* (1859); *Os homens do campo - drama em três atos*

¹⁹³ Informação fornecida pelo site <http://www5.usp.br/22093/biblioteca-brasiliana-publica-revista-carioca-a-saudade/> - consultado em 18 de abril de 2016.

(1860); *Os voluntários* (1865). Escreveu *Poesias de Ernesto Cibrão* (1857 a 1860); *As erratas do jornal* (1860); *Por causa do Mercantil* (1860); *A grinalda* (1864); *A casa de João Jacques Rousseau* (1868, com prefácio de Machado de Assis); *Entre parênteses* (1865); esboço-biográfico de *Luis M. Gottschalk* (1870).

Colaborou em *Álbum do Grêmio Literário Português* (RJ); *Semana Ilustrada*, *O Futuro*, *Farol do Minho*, *Razão* (de Valença); *Aurora* (do Lima), *Silógrafo*, *Brisa* (de Vianna Castello).

DBP tomo IX p. 177-179

ELB vol 1 p.430

DMA – p. 77-78.

19. Faustino Xavier de Novais¹⁹⁴

(nasceu no Porto em 1820 e faleceu no Rio de Janeiro em agosto de 1869).

Foi ourives, dramaturgo, poeta satírico e jocoso, folhetinista, conhecido como *Nicolau Tolentino Moderno*. Grande amigo de Camilo e seu companheiro de boêmia, ambos projetaram lançar no Porto um jornal literário em 1855 *O Horizonte*, que fracassou. Foi escriturário no Banco Mercantil, em Portugal em 1856.

Casado com Ermelinda Augusta de Novais em 28 de julho de 1855, Faustino Xavier emigra para o Brasil em 16 de maio de 1858. Separou-se da esposa em 1860.

Colaborou em *O Bardo*, *Miscelânea Poética*, *A Grinalda*, *Porto e Carta*, *Periódico dos Pobres no Porto*, *Eco Popular*, *Portuense*, *Clamor Público*, *A Aurora do Lima*, *Jornal do Comércio*, *Correio Mercantil* e fundou em 1862 *O Futuro*.

Usou diversos pseudônimos: *Padre Caetano*, *J.G.*, *Saturno*, *Língua Danada*, *Pantaleão Pantana*, *José Valverde*, *Coruja*. No Brasil usou *C.C.*, *Bernardo*, *Bernardo Júnior*.

Publicou *Aos Janotas* (sátira, 1849), *A vespa do Parnaso* (1854), *Poesias* (1855, 2ª ed. de 1856), *Novas Poesias* (1858, com *Juízo Crítico* de Camilo), *Cenas da Foz* (comédia original em 2 atos representada no Teatro de S. Pedro de Alcântara em 1858), *Manta de retalhos* (com a chancela de A. A. da Cruz Moutinho do Rio de Janeiro, mas

¹⁹⁴ Para mais informações, ler S. de. FRIAS: *Memórias Literárias - apreciações e críticas*. Tipografia da Empresa Literária e Tipográfica, Porto, 1907.

impressa no Porto 1865), *Cartas de um roceiro*¹⁹⁵ (Rio de Janeiro, 1868). Estreou como dramaturgo em abril de 1855 no Teatro de S. João com a comédia *Um Caso Horroroso*, é autor também da peça *Um Bernardo em dois volumes* encenada no Teatro Ginásio Dramático.

É autor também de *Cenas da Foz*. Em 1870 foi publicado seu livro *Poesias Póstumas*.

Camilo recordará do amigo em 1879 em *Cancioneiro Alegre*, volta a citá-lo em 1882 em *A Brasileira de Prazins* (ao mencionar o Barão do Bouro), ainda neste ano publica uma apreciação à obra *Poesias Póstumas*¹⁹⁶. Lembrando também que Camilo faz referência de seu amigo Faustino Xavier em diversos momentos, dentre eles o personagem do livro *Coração, Cabeça e estômago*¹⁹⁷.

DBP - tomo II p. 254, tomo IX p. 205 - 446

DCAP - vol 2 p.91-92

DCCB - p. 559-561

DMA - p. 242 à 244

ELB - vol 2 p. 985-986

20. Ferreira Neves ou Joao Ferreira Neves

(nasceu em Itaguahy, RJ em 1845 e faleceu em Baependy, MG a 11 de abril de 1874)

Foi guarda-livros da corte, dedicou-se ao comércio e à literatura.

Foi sócio da *Sociedade Brasileira Ensaaios literários* em cuja revista publicou alguns artigos. Colaborou na *Revista dos ensaios literários*, na *Marmota* (após falecimento de Paula Brito), na *Regeneração*, *Pandokeo*, *Arquivo Pitoresco* e outros.

Escreveu *Trenos* (RJ, 1867 - livro dividido em 4 partes e introdução escrita por L. J. Pereira da Silva); *Os amoladores* (paródia dos *Bovards*), ópera francesa e a opereta

¹⁹⁵ Compostas por 34 cartas humorísticas veiculadas no *Correio Mercantil*, em folhetins, de Novembro de 1863 a junho de 1864, sob o pseudônimo de Bernardo.

¹⁹⁶ Machado de Assis é o autor do prefácio desta obra em 1870.

¹⁹⁷ Nesta obra, depreendemos a existência dos personagens Faustino e Camilo. Este estabelece um diálogo com àquele explicando que Silvestre da Silva, amigo em comum, morrera e teria deixado ao autor os manuscritos de um romance autobiográfico. Camilo relata sua decisão de retomar trechos das memórias de Silva, criando esta obra na qual encontramos diversos acréscimos de notas e observações de sua autoria.

em quatro atos, com a colaboração de Felix Ferreira, intitulada *O Dote de Laura*. Atribui-se a Ferreira Neves o livro *Rimas inocentes de dois poetas ingênuos* (1869) coleção de versos satíricos e livres escrita em colaboração com Felix Ferreira.

DBB - vol III p. 428

DBP - tomo XI p. 288 e tomo X p. 252

ELB - vol 2 p. 969

21. Fojo Seabra

Segundo informações obtidas através da análise da *Enciclopédia de literatura brasileira* volume 2, p. 1226, *M. Reis Fojo Seabra* era um pseudônimo usado por Fauxtino Xavier de Novaes.

22. F. J. Bethencourt da Silva ou F. Bittencourt da Silva ou Francisco Joaquim Bethencourt da Silva

(nasceu em 1831 a bordo de um navio que vinha de Portugal – faleceu no Rio de Janeiro em 1911).

Poeta, jornalista e criador do Liceu de artes e Ofícios, foi membro do Conservatório Dramático Brasileiro.

DMA – p. 317

23. F. Muniz Barreto ou F. Moniz Barreto ou Francisco Moniz Barreto ou Francisco Muniz Barreto.

(nasceu em Jaguaripe, Bahia em 10 de março de 1804 e faleceu em Salvador, Bahia em 2 de junho de 1868)

Foi poeta, militar, escriturário da alfândega da Bahia e considerado o maior repentista do Império.

Escreveu *Ode ao faustíssimo regresso de SS. MM. II à corte do Rio de Janeiro* (1826); *À lamentável morte do Sr. D. João VI* (1826); *Clássicos e românticos* (poesia, 1855); *A estátua e os mortos* (poesia 1862); *Álbum da rapaziada* (obra pornográfica com as iniciais B.M.F., 1864); *Ao passamento de S. M. Fidelíssima a senhora D. Maria*

II. Rainha de Portugal. Poesia oferecida aos poetas portugueses, obra provavelmente publicada na Bahia em 1854, *A gloriosa memória de S. M. L. o Sr. D. Pedro I* (1859); *Ao trigésimo quinto aniversário natalino do Sr. D. Pedro II* (1860); *Poesias* (1861; 1863); *A estátua e os mortos* (1862); *O americano pirata* (poesia de 1864); *É paio* (poesia humorística).

Colaborou com *D. Rio de Janeiro*¹⁹⁸, *A Estação*, *O Futuro*, *Marmota Fluminense*, *Semana Ilustrada* (jornais do Rio de Janeiro) e *J. do Recife* (Recife, Pernambuco). Mostrou interesse pela poesia de Machado, fato que pode ser verificado no poema *A Corina – Fantasia diante de um retrato* - que foi oferecido à Machado e transcrito no *Jornal da Tarde* do Rio de Janeiro em 23 de março de 1870.

DBB - vol. III p. 55-58

DBP TOMO III p. 14 e 433, tomo IX p. 345

ELB vol1 p. 301

DMA – 39

24. F. Moniz Barreto Junior ou Barreto Jr ou Moniz Barreto Junior

(não foram encontradas informações biobibliográficas deste escritor).

25. Guilherme Bellegarde ou G. Cândido B.

(nasceu em Cabo Frio, RJ em 16 de outubro de 1836 e faleceu em Rio de Janeiro, RJ em 27 de junho de 1890)

Cavaleiro da Ordem Imperial da Rosa, Oficial de S. Maurício e S. Lázaro de Itália, ex-Amanuense, segundo Oficial do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Sócio efetivo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional do Rio de Janeiro. Foi jornalista, teatrólogo e funcionário da Secretaria da Agricultura.

Utilizou vários pseudônimos - *Gil Blaz*, *Nessuno*, *San-Souci* - a fim de escrever críticas literárias e teatrais e artigos sobre questões econômicas.

¹⁹⁸ No Rio de Janeiro, de 1829 a 1833, Muniz Barreto fez parte da redacção do *Diário do Rio* e também do *Correio das Câmaras*.

Escreveu *Um grande poeta o cantor nacional da Finlândia* (1882), *Subsídios literários* (vol 1, 1883); *Vocabulos e locuções da língua portuguesa* (1887); *Manuel de Melo* (biografia, 1888); *Galeria de brasileiros ilustres* (autor da biografia de Pedro de Alcântara Bellegarde, vol 2, 1861). É autor da biografia de Pedro de Alcântara Bellegarde na *Galeria de brasileiros ilustres* (vol.2, 1861).

É de sua autoria *O canário: conto do cônego Schmid* (tradução do francês, Rio de Janeiro em *Marmota Fluminense* em 1855 e na *Tipografia Dois de Dezembro de Paulo Brito* em 1856); *Quem tem boca não manda assoprar: provérbio original* (publicado em *Revista popular* do Rio e no *Jornal do Recife*, ambos em 1862); *Estudos econômicos* (em *Tipografia do Diário* em 1862).

Colaborador do jornal *Paraíba* (publicado em Petrópolis, RJ) e *Civilização* (publicado em Santos, SP, tendo como principal redator A. E. Zaluar) - Ambos periódicos publicados entre 1857 e 1861 - *Petrópolis* e dos seguintes jornais do Rio de Janeiro: *Correio Mercantil*, *Diário do Rio de Janeiro*; *O Futuro*, *A Semana*, *O Globo*, *J. Comércio*.

DBP - tomo IX p.433

ELB - vol 1 p.318

DMA – p.41

26. Jacy Monteiro ou Jaci Monteiro ou Domingos Jaci Monteiro

(nasceu no Rio de Janeiro, RJ em 13 de março de 1831 e faleceu no RJ ano de 1896).

Doutor em Medicina e em Direito, foi poeta, professor de latim, francês, história, português, geografia e história do Brasil. Foi examinador em concursos de instrução secundária e em exames preparatórios para cursos superiores, delegado de instrução primária e secundária do município da corte, e membro do conselho superior da instrução pública, subdiretor da Secretaria do Império, presidiu a província do Amazonas de 1876-1877, membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, sócio fundador e vice presidente da sociedade propagadora das belas-artes, oficial da ordem da Rosa e Cavaleiro de Cristo.

Escreveu a dissertação intitulada *Arsênico e seus compostos, efeitos psicológicos e terapêuticos* (1854), a sátira *A justiça* (Rio de Janeiro, 1866), *Canto e soneto à memória*

do poeta brasileiro Antônio Gonçalves Dias* (1867), *Canto* (1862), *Discurso biográfico* do bacharel M. A. Álvares de Azevedo (vem como introdução das obras de Álvares de Azevedo, coligidas e publicadas por Monteiro em 1853), Fez o *Discurso* pronunciado em uma sessão da Assembleia geral no RJ (1872), *A conversão* (1870), *Relatório* (apresentado a Dr. Agesilão Pereira da Silva, presidente da província do Amazonas em 1877).

Desde 1847 Monteiro escreveu sobre letras, ciências e poesias no *Diário do Rio de Janeiro*, no *Correio Mercantil*. Foi redator de *Florilégio da infância: A voz da Juventude* (RJ 1849-1850), escreveu artigos sobre letras e ciências, muitas poesias e escritos políticos com o título *Nova época*, em 1857 no *Diário do Rio de Janeiro*; colaborou em *Filântropo* (1849), *Correio do Brasil*, *Velho Brasil*, *Ateneu*, *Época Literária*, *Revista Universal Maranhense*, *Beija-Flor*, *Gazeta dos Hospitais*, *Harpejos Poéticos*, *Semana Ilustrada*, *Bazar Volante*, *Voz da Juventude* e *O Futuro*.

Redigiu *Garacinga* (revista literária do RJ de 1850-1851, saíram 6 números), *Três de maio* (folha política, RJ, 1858), *Brasil Artístico* (revista da sociedade propagadora das belas-artes, RJ -1857-1858) - todos do RJ.

* O Dr. Jacy, segundo Blake vol. 2 p.209, coordenou a quinta edição das poesias de Gonçalves Dias, argumentada de muitas poesias, inclusive os Timbiras.

DBB vol 2 p. 208 - 211

ELB vol 2 p.929

DMA - 226

27. J. de B. Pinto

Segundo informações obtidas através da análise da *Enciclopédia de literatura brasileira* volume 2, p. 1065, *J. de B. Pinto* era um pseudônimo usado por Faustino Xavier de Novaes.

28. J. M. de Andrade Ferreira ou José Maria de Andrade Ferreira

(nasceu em Lisboa em 18 de novembro de 1823 e faleceu em 29 de março d 1875 em Lisboa).

Foi Amanuense da Repartição de Fazenda no distrito de Lisboa. Iniciou o curso de Humanidades no antigo estabelecimento régio do bairro do Rocio, localizado no convento dos Carmelitas interrompendo seus estudos em 1834. Incitado pelas mudanças políticas em 185, destacou-se como jornalista político escrevendo vários artigos no periódico *A Regeneração*. Redigiu obras para a *Reforma*, a *Esperança* e se tornou redator principal de *Século* (neste se discutia várias questões econômicas e administrativas), posteriormente em 1857 foi redator de *Opinião*. Em 1857, dedica-se à literatura. Redigiu também vários folhetins semanais publicados no jornal *O comércio do Porto*.

É autor de diversas obras, dentre elas:

Tradução:

- *História da revolução francesa de 1848, por A. de Lamartine;*

Obras:

- *Narrativas, contos e lendas da minha terra;*
- *O baile nacional e seus mistérios* – saiu sem autoria, foi bem acolhida do público e recebeu elogios de Rebelo da Silva no jornal onde este era redator – *Imprensa e Lei;*
- *Uma viagem a sul do Tejo* – série de folhetins publicados em *Esperança;*
- *Poetas e romancistas portugueses* – publicados perfis críticos ou retratos literários de homens do Porto no *Panorama*. Faustino Xavier de Novais foi o primeiro apreciado.
- *A reforma da Academia de Belas Artes de Lisboa*, 1860 (tiragem feita em separado dos artigos sob o título *Considerações gerais sobre as belas artes em Portugal* que foram inseridos no *Diário de Lisboa*).
- *A literatura dramática em Portugal* (primeira série contendo Visconde de Almeida Garrett, Mendes Leal, José d'Almada, Camilo Castelo Branco, Gomes de Amorim, Ernesto Biester, Palmerim, A. Correa Lacerda).
- *A família do jesuíta. Romance português*, publicado no Rio de Janeiro em 1870.
- *Curso de literatura portuguesa* – esta obra foi impressa no *Boletim Geral de instrução publica* tomo III (1863) e tomo IV (1864), posteriormente impresso como tomo I de *Curso*. A morte de Ferreira interrompeu a continuidade da obra

que, a pedido dos editores Mattos Moreira, foi continuada e concluída por Camilo Castelo Branco.

DBP vol. V p18 à 21

DBP vol. XIII p. 82

29. J. P. de C. ou Joaquim Pinto de Campos

(nasceu 4 de abril de 1819 em Pajeú das Flores, em Pernambuco e faleceu em 5 de dezembro de 1887 em Lisboa)

Foi padre, político e escritor católico brasileiro, cônego honorário da Capela Imperial do Rio de Janeiro, Oficial da Ordem da Rosa, professor de eloquência nacional no Ginásio do Recife, Membro do Conselho superior de Instrução Pública, Bibliotecário da Faculdade de Direito, Deputado da Assembleia Geral Legislativa, Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e da Academia das Ciências e Artes dos Ardentes de Viterbo. Foi membro da academia Properciana de Assis, da Academia Real das Ciências de Lisboa, foi Cavaleiro da Ordem de Malta.

Mudou-se para Lisboa cerca de 10 anos antes de morrer. Foi um grande defensor da abolição da escravatura no Brasil. Foi cinco vezes proposto como senador do Império devido a sua grande popularidade.

Em 1878 fixou residência no Hotel de Bragança, em Lisboa.

É autor de inúmeros escritos políticos e de sermões, veiculados em diversos periódicos. Em setembro de 1855, escreveu o *Discurso sagrado, recitado em comemoração da independência do Brasil, na solenidade “Te Deum”* ; em 7 de setembro de 1857 redigiu o *Discurso sagrado, recitado em comemoração da independência do Brasil, no soleníssimo “Te Deum” que a sociedade Ipiranga.*

Admirador e discípulo de Antonio Feliciano de Castilho, escreveu o *Sermão pregado na festa soleníssima do Espírito Santo*, na igreja matriz de Santa Rita da corte, em 19 de junho de 1859; o *Sermão da Virgem da Piedade* na festa soleníssima de 11 de agosto de 1861; *Oração gratulatória* em 1868, *Oração religiosa* em 1869; *Oração fúnebre* em 1871, *Miscelâneas Religiosas* (1859) entre outros. É autor também de *Impressões de viagem* (1880), de artigo publicado no *Correio Mercantil* intitulado *O padre-mestre Monte-Alverne, e as suas produções oratórias*; *Parecer* publicado no *Jornal do Comércio do Rio* em 1858 acerca do casamento civil (posteriormente incluída

na coleção *Micelânias religiosas escritas e compiladas por Joaquim Pinto de Campos*), assim como também da biografia do *Senhor (o) D. Pedro II* impressa na revista *O Futuro*. Editou em Portugal *O senhor D. Pedro II / Imperador do Brasil* (1871), *Jerusalém* (1874), *Vida do Grande Cidadão Brasileiro Luis Alves de Lima e Silva Barão, Conde, Duque de Caxias* (1878), *Impressões de viagem em Itália e no Sul da França* (1880). Intencionava traduzir a *Divina Comédia* (1886). Escreveu ainda *Impressões de uma viagem ao Berço do Cristianismo*, *Vida do Duque de Caxias* e *Refutação da Bíblia na Índia*.

Camilo Castelo Branco fez um prefácio para a *biografia do imperador do Brasil - O Senhor D. Pedro II*.

DBB - vol IV P.224 - 229;

DCCB - p.156-157

DCAP - vol2 p. 82-83

DBP - tomo IV 145,455 e tomo XIII 132;

DMA - p. 58-59.

ELB - vol 1 p. 376.

30. José Pereira da Silva ou Luiz José Pereira da Silva

(nasceu em Valença, RJ em 1 de janeiro de 1837 e faleceu em 1908)

Foi poeta, romancista, teatrólogo, professor de línguas e de geografia, tradutor, crítico e advogado. Suas obras foram publicadas na Revista mensal da *Sociedade Ensaio Literários* (instituição de que foi presidente), na *Marmota* (de Paula Brito), no *Correio Mercantil*, no *Jornal do Comércio*, no *Conservador* e no *Diário do Rio de Janeiro*.

Usou os pseudônimos *Ota*, *Brazilicus* e *Lips*.

É autor de:

- *Poesia e arte. Páginas de um livro íntimo* (romance publicado na *Marmota*, 1857);
- *Arthur Napoleão* (impressões de uma viagem ou noite, no *Correio Mercantil*, 30 de setembro de 1862);
- *Os desterrados* (novela, 1854);

- *Cenas do interior. Quadros de costumes*¹⁹⁹ (romance, em 1865);
- *Riachuelo*²⁰⁰ (poema épico sobre o combate naval em cinco cantos, a 1ª ed. com somente os dois primeiros cantos do poema surgiu em 11 de junho de 1865. A obra completa – 2ª ed. surgiu em 1868);
- *Olmarcia* (poema-romance, 1871);
- *Um pecado santo* (teatro, comedia-drama);
- *Um ninho na floresta* (comédia em verso em um ato, 1888);
- *O livrinho vermelho* (versão da comédia francesa *Marie Simon*).

DBB - vol V p. 430

DBP - tomo V p. 301 e tomoo XVI p. 42

ELB - vol 2 p. 1248

31. José de Torres ou José Joaquim de Torres Braga

(nasceu em 17 de junho de 1827, em Ponta-Delgada, ilha de São Miguel – Açores; morreu em Lisboa em 1874)

Escritor açoriano, desempenhou diversas funções públicas, foi jornalista político e literário. Em 1841 Foi Amanuense da Contadoria de Fazenda. Após dois anos se tornou Oficial da Secretaria da Câmara-Municipal e em 1849 desempenhou a função de Oficial do Governo Civil. Em 1851 passou a residir em Lisboa e em 1859 foi despachado primeiro Oficial do Ministério das Obras públicas, Comércio e Indústria.

Suas primeiras publicações datam de 1843 - quando tinha 16 anos de idade - no jornal político *Açoriano Oriental*. Após um ano ajudou a fundar e redigir o *Filólogo* (juntamente de José Joaquim de Oliveira Machado e Mariano José Cabral), jornal literário da Sociedade Escolástica-Micaelense (publicaram doze números). Veiculou diversos textos, principalmente históricos, na *Revista dos Açores (1851-1853, em Ponta-Delgada)*, dirigiu o jornal político *Progresso* durante quase dois anos (1854-1856) e a *Opinião (1858-1859, em Lisboa)*.

¹⁹⁹ Este romance recebeu muitos elogios, inclusive de Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro* em 25 de junho de 1865.

²⁰⁰ A respeito deste poema foram publicadas duas cartas críticas: de Faustino Xavier de Novais o *Jornal do Comércio* do Rio em 12 de abril de 1868 e outra de Machado de Assis, em resposta a essa, no *Diário do Rio de Janeiro* em 24 de abril de 1868.

É possível encontrar textos de sua autoria em diversos periódicos: *Angrense*, *Cartista dos Açores*, *Correio Micaelense*, *Agricultor Micaelense*, *Verdade*, *Nação*, *Português*, *Pátria*, *Jornal do Comércio*, *Revolução de Setembro*, *Boletim do Ministério das Obras Públicas*, *Federação e Progresso Industrial*. Colaborou também em diversos jornais literários: *Portugal Artístico*, *Panorama*, *Ilustração Luso-brasileira*, *Revista Peninsular*, *Arquivo Pitoresco*, *Arquivo Universal* entre outros. Fez parte também da primeira redação de *O Futuro*, redigiu a *Opinião* (de 1858 à 1859). Escreveu muitos textos de natureza historiográfica e algumas novelas históricas. Foi responsável pela recolha de materiais para a história dos Açores e sua literatura com os quais formou uma vasta *Coleção de Variedades Açorianas*.

Além de sua participação na imprensa da época, possui diversas obras dentre elas uma coleção de variedades açorianas e *História Geral dos Açores*.

Suas principais obras são:

Ficção

- *Lendas Peninsulares* (2 vols, 1861);

Teatro

- *Tudo no Mundo é Comédia* (1860, Lisboa);
- *Já viu o Cometa?* (1860, Lisboa);

Várias

- *A sociedade dos Amigos das Letras e Artes em S. Miguel* (1849, Ponta Delgada);
- *I - Viagens no Interior da Ilha de S. Miguel* (1849, Ponta Delgada - primeira parte da coleção publicada sob o título *Ensaaios*); *II - O Bento de Góis: Pequenos Quadros Românticos* (1854, Ponta Delgada - segunda parte da coleção publicada sob o título *Ensaaios*);
- *Originalidades da navegação do oceano Atlântico setentrional e do descobrimento das suas ilhas pelos Portugueses no século XV* (in *PANORAMA* 1853-1854),
- *Vantagens que convidam ao estabelecimento de uma fábrica de fiação e tecidos de algodão em Alcobaça*;
- *O que é a guerra do Oriente? Discurso traduzido do francês de Victor Hugo*;
- *Melhoramentos industriais e agrícolas de Alcobaça*;
- *Crises Alimentícias. Causas – remédios – Discurso pronunciado em 1 de Dezembro de 1856*;
- *Tudo no mundo é comedia – Comedia em três atos*;
- *Já viu o cometa? Comédia em um ato*;

- *Coleção de Variedades Açorianas*;
- *História Geral dos Açores*;
- *Intereses açorianos*;
- *Reforma Municipal*;
- *Fastos Açorianos (in. PANORAMA, 1856)*;
- *O Reinado de D. Afonso VI (fragmentos em Ilustração Luso-Brasileira, Arquivo Pitoresco e Arquivo universal)*
- *O Padroado Português no Oriente (in Pátria, 1856)*

Colaborou nas publicações dos *Almanaque rural dos Açores* e *Almanaque Democrático*.

Publicou diversas obras cujos títulos podem ser verificados no *Dicionário bibliográfico português*: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil, tomo 5 p. 145.

DCAP - vol2 p.131-132.

DBP - tomo 5 p. 145-149

32. Leon de Sá Veja

(não foram encontradas informações biobibliográficas deste escritor).

33. Leonel de Sampaio

Segundo o *Dicionário cronológico de autores portugueses* - de Inocêncio - Leonel de Sampaio era o pseudônimo de Vicente de Paulo Faria, informação obtida por ele graças ao *Subsídios para um Dicionário de Pseudônimos* de Martinho A. da Fonseca. No *Dicionário Bibliográfico Português*, o Índice Geral também remete ao pseudônimo *Leonel Sampaio* a Vicente de Paulo de Faria. Embora, em nenhuma das fontes mencionadas sua biografia seja abordada, depreendemos em outras obras que Sampaio foi poeta, jornalista e escritor. Fez uma crítica literária em *Revolução de Setembro* (1863), *O Comércio do Porto* (1863 e 1864) e em *O Futuro* (1863).

Colaborou em *A Grinalda* (com três poesias em 1862, 1864 e 1869), em jornais cuja participação de Camilo se fez notar, possibilitando sugerir relações entre ele e o romancista (em 1862 Ana Plácido cogitou fundar e dirigir *Esperança* onde se verifica o nome de Leonel dentre os possíveis colaboradores). Em folhetim da *Revolução de*

setembro de 21 de junho de 1863, Leonel classifica Camilo como ilustre romancista, verdadeiro fenômeno das letras portuguesas, escritor romântico de primeira ordem: um modelo.

DCCB - p. 433

ELB - vol2 p.1199

Carmen Dolores, nome literário de Emília Moncorvo Bandeira de Melo, teria usado o pseudônimo de Leonel Sampaio. Ela nasceu no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1852 e faleceu em 16 de agosto de 1910. Foi romancista, contista, cronista, crítica e poetisa. Colaborou no *Correio da Manhã*. Com o pseudônimo de Júlio de Castro, publicou uma série de contos em *O País*. Na *Tribuna* assinou artigos de crítica literária como Leonel Sampaio. Usou ainda o pseudônimo de Mário Vilar e como Célia Márcia escreveu no jornal *Étoile du Sud*. Entretanto, ficou conhecida por Carmem Dolores, nome com que assinou suas crônicas de 1905 até 14 de agosto de 1910, na coluna dominical "A Semana", na primeira página de *O País*, jornal de maior tiragem da América do Sul, na época. (<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=518#carmem> visitado em junho e julho de 2015). Segundo Ubiratan Machado, em seu *Dicionário de Machado de Assis*, após a morte de Machado, Carmen Dolores ou Emília Moncorvo publicou em *O País* (4 de outubro de 1908) uma crônica na qual afirma ter frequentado vários concertos realizados no Club Beethoven onde sempre via Machado. Ela teria sido apresentada ao escritor carioca por Taunay e tornaram-se “grandes camaradas” *In.*: DMA p.112/3.

34. Luiz Delfino ou L. D. dos Santos

(nasceu em 25 de agosto de 1834, em Desterro capital da província de Santa Catarina – hoje Florianópolis - e faleceu em 31 de janeiro de 1910 no Rio de Janeiro)

Doutor em medicina em 1858, foi senador às cortes constituintes, escreveu diversos artigos de literatura em prosa e em verso no *Correio Mercantil*, *Correio da tarde*, *Imprensa*, *Diário do Rio de Janeiro*, *O Futuro*, *Conciliador*, *Beija-Flor* e *Ilustração Brasileira*.

É autor de:

- *Algas e Musgos*;
- *Poesias Líricas*;

- *Íntimas e Aspásias*;
- *Angústia do infinito*;
- *Atlante Esmagado*;
- *Rosas Negras*;
- *Arcos de Triunfo*;
- *Esboço da Epopéia Americana*;
- *Imortalidades – Livro de Helena, Posse Absoluta, o Cristo e a Adúltera*;
- *Horas de Vigília* (coleção em dois volumes contendo suas obras poéticas).
- *Tese apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e perante ela sustentada a 26 de novembro de 1857*;
- *Discurso pronunciado no ato da colação do grau dos doutorandos em 1857, em resposta ao diretor da Faculdade de Medicina*.

DLPB - p.111

DBP - tomo 5 p. 283

DMC - p. 107.

ELB - vol1 p. 509

DMA - 107

35. Macedo Soares

Provavelmente trata-se de **Antônio Joaquim de Macedo Soares**

(nasceu em Maricá, RJ em 14 de janeiro de 1838 e faleceu no Rio de Janeiro, RJ em 14 de agosto de 1905).

Foi poeta, romancista, ensaísta, crítico e lexicógrafo. Diplomado em 1861 em Direito pela faculdade de São Paulo, foi juiz de Direito, ministro do Supremo Tribunal Federal, deputado à Assembleia provincial, membro de entidades culturais e Cavaleiro da Ordem da Rosa. Escreveu crítica literária e poesia em diversas publicações, como:

- *Harmonias brasileiras. Cantos nacionais* (1859, poesias);
- *Nininha* (1859, romance);
- *Lamartinianas* (1869, antologia de poesia);
- *Meditações* (1889, poesia);
- *Da liberdade religiosa no Brasil. Estudo de direito constitucional* (RJ, 1865);
- *Regimento dos distribuidores em geral* (obra 1868);

- *Tratado jurídico prático da medição e demarcação das terras* (1878);
- *Tratado prático dos testamentos e sucessões* por Antônio Joaquim Gouveia Pinto (anotado por Macedo Soares, 1867);
- *O mate no Paraná* (notícia 1875);
- *A lei da reforma eleitoral* e suas instruções regulamentares (1881);
- *Dicionário brasileiro da língua portuguesa* (1875-1888, Rio Janeiro, tip. de G. Leuzinger & Filhos).

Foi colaborador em diversos jornais:

- *Correio Paulistano* e redigia o *Folhetim do domingo* (1858);
- publicou diversas críticas literárias e poesias líricas em *Ensaio Literários* no *Ateneu Paulistano* (de 1857 a 1859);
- *Kaleidoscópio* (jornal literário de São Paulo);
- *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano* (de 1858 a 1860 - inseriu o romance *Nininha*, imitado de Alfredo de Musset);
- *Ensaio crítico* sobre Luiz José Junqueira Freire (1859, *Correio Mercantil*);
- *Notícia histórica sobre alguns escritores, poetas e artistas acadêmicos de S. Paulo* (1859, Revista popular tomo II e III);
- *Análise literária às Flores silvestres* (1860, no *correio mercantil*);
- *Três poetas contemporâneos. I. Antônio Gonçalves Dias* (7 e 8 de janeiro de 1862, estudo crítico em três artigos no *Correio Mercantil*);
- *Estudos lexicográficos* do dialeto brasileiro sobre algumas palavras africanas introduzidas no português que se fala no Brasil (*Revista Brasileira*);
- *Forum literário* (1861).

DBB - vol I p. 197 - 199

DBP - tomo VIII p. 184 e tomo XX p. 362

DMA – p. 321

ELB - 2 p. 1262.

36. Machado de Assis ou Joaquim Maria Machado de Assis²⁰¹

(nasceu em Morro do Livramento, Rio de Janeiro, em 21 maio de 1839 e faleceu em Rua do Cosme Velho, Rio de Janeiro, em 22 de setembro de 1908)

As informações biobibliográficas deste escritor podem ser encontradas nas fontes indicadas abaixo:

DLPB - p. 193-197

DMA – p. 206 - 210

ELB - vol1 p.253-261

37. Miguel de Novaes

(nasceu no Porto, em Portugal em 1830²⁰² e faleceu em novembro de 1904)

Foi ourives e pintor retratista. Irmão de Faustino Xavier de Novais e de Carolina, esteve no Brasil em 1868 onde desempenhou a função de fotógrafo. Fracassado nesta profissão, atuou no Consulado de Portugal. Em 19 de novembro de 1876 casou-se no Rio de Janeiro com a viúva Joana Maria Ferreira Felício, Condessa de São Mamede²⁰³. Em 1881, o casal mudou-se para Lisboa.

Manteve correspondência ativa com Machado e com seu irmão Faustino, algumas dessas cartas foram publicadas na revista *O Futuro*. Ficou viúvo em 1897, casando-se com Rosa Augusta de Paiva Gomes. Ramalho Ortigão, em seu livro *Crônicas Portuenses*, datada de 26 de agosto de 1865, disponibiliza obras de Miguel de Novais consideradas de valor artístico.

DMA – 243

²⁰¹ Para mais informações, verificar *Obras Completas de Machado de Assis* (ed. Nova Aguilar); *Dicionário de Machado de Assis* de autoria de Ubiratan Machado (ed. Academia Brasileira de Letras) e *A juventude de Machado de Assis* de Jean Michel-Massa (ed. Unesp).

²⁰² Segundo Galvão, Miguel de Novais teria nascido em 9 de junho de 1829. In.: GALVÃO, José. **Faustino Xavier de Novais e inéditos biográficos dos familiares**. In.: DUMAS, Marie & UTÉZA, Francis (org). *Mélanges offerts à Claude Maffre*. Montpellier: E.T.I.L.A.L., 2003, p.11

²⁰³ Ibidem, p.11.

38. Ninguém

Segundo Alexandre Cabral, *Ninguém* foi um pseudônimo utilizado por Camilo Castelo Branco, que se apresentou como poeta ao publicar um poema intitulado *No prado do repouso* em *O Nacional* em 1849, dedicando-o à *Soror Dolores*, conhecida como Maria Felicidade de Couto Browne. Há, no entanto, afirmações de que se trataria de pseudônimo utilizado por Joaquim Nabuco²⁰⁴.

DCCB p. 550; p.124-126.

39. Nuno Álvares ou Nuno Álvares Pereira e Sousa

(Nasceu em 12 de agosto de 1836 no Maranhão e faleceu em 1902).

Foi prosador, poeta, autor didático e de literatura infantil, tradutor, engenheiro e funcionário público.

Estudou na Escola Militar ou Escola Central do Rio de Janeiro, serviu como oficial na arma de artilharia, foi segundo tenente de Artilharia, chefe de seção da secretaria dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, exerceu comissões como chefe da fiscalização da companhia de esgotos, vice-presidente da Sociedade Arcádia Brasileira em 1861 e censor do Conservatório Dramático.

É autor das seguintes obras:

- *O menino endiabrado*, 1870;
- *Folhas soltas*²⁰⁵, 1860;
- *Primeiro livro da infância ou exercícios de leitura e lições de moral para uso das escolas primárias*, 1875;
- *Primeiro livro da adolescência ou compêndio de leitura e lições de moral para uso das escolas primárias*, 1878;
- *Aritmética de Vovô ou história de dois meninos vendedores de maçãs* (por João Macé, editores: Nuno Álvares e Ernesto Possolo, 1874);
- *Instrução e recreio*, 1881;

Tradução:

- *Contos* de Christovão Schmid (cem contos, 1873);

²⁰⁴ In.: http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_periodicos/popup3/o_futuro.html Consultado em maio de 2016.

²⁰⁵ Foi publicado um texto intitulado *Desconforto* (inserido na obra *Folhas Soltas*) em 1863 em *O Futuro*.

- *Compêndio dos conhecimentos úteis* por Boichat, 1881;
- *A mulher forte* de Landriot arcebispo de Reims ;
- *O que custam as mulheres* (1880, romance);
- *História de um bocadinho de pão*, por Macé 1873;
- *Os servidores do estômago* (continuação da *História de um bocadinho de pão*, tradução da décima edição francesa, 1878)

Foi colaborador em alguns periódicos literários: *Jornal do Recife*, *Revista Popular*, *Parnaso Maranhense* (1861), *O Futuro* (1863).

DBB – v.6 p. 317-319

DBP – tomo 6 p.311

ELB – vol 2 p. 1277

40. J. D. Ramalho Ortigão ou Ramalho Ortigão ou José Duarte Ramalho Ortigão

(nasceu no Porto, em 1836 e faleceu em Lisboa 1915)

Foi jornalista, escritor, professor de francês no colégio da Lapa (no Porto), membro da Comissão Executiva nas comemorações do Tricentenário da Morte de Camões, fez parte do grupo *Os vencidos da Vida*, foi funcionário da Academia das Ciências (desde 1868), depois seu sócio e bibliotecário da Ajuda. Desde 1862 revelou-se como folhetinista e crítico literário, no *Jornal do Porto*.

Estreou como poeta em *A Grinalda* em 1855 com *A**** e em 1857 escreveu *A mulher que eu sonhei*. Colaborou em inúmeros jornais de Portugal e do Brasil: *Jornal do Porto*, *Gazeta Literária do Porto* (dirigida por Camilo), *Ecos do Porto* (em Paris), *Jornal do Comercio*, *Revolução de Setembro*, *Diário de Notícias* - onde publicou anonimamente com Eça o famoso *O mistério da Estrada de Sintra* (1870), *Gazeta de Notícias* e *O Futuro* (ambos do RJ).

Interveio na questão Coimbrã com *Literatura de Hoje* (1866) condenando a forma como Antero de Quental atacara Castilho, originando um duelo no Porto. Ramalho fez parte do grupo do Cenáculo de onde saíram as célebres Conferências do Casino (1871).

Escreveu em parceria com Eça de Queirós *Histórias Cor-de-Rosa* (1870), *O mistério da Estrada de Sintra* (1870) e *As Farpas* (saídas em folhetins de 1871 a 1882,

durante o primeiro ano teve a colaboração de Eça de Queirós que se isentou devido a sua nomeação para a missão diplomática em Cuba).

Publicou os seguintes livros de viagens:

- *Em Paris* (1868);
- *As praias de Portugal* (1876);
- *Notas de Viagem* (1878);
- *Pela Terra Alheia* (2 vols. 1878-1880);
- *A Holanda* (1883);
- *John Bull e a sua Ilha* (1887);
- *O culto da Arte em Portugal* (1896);
- *Últimas Farpas* (1917);
- *Quatro Grandes Figuras Literárias* (1924);
- *Figuras e Questões Literárias* (1943-1945);
- *Farpas Esquecidas* (2 vols. 1946-1947).

Ramalho teve contato com Camilo aproximadamente em 1858, fato que pode ser confirmado através da reprodução da carta escrita por Ramalho ao romancista português em sua *Crônica* semanal em *O Nacional*. Camilo se refere a esta carta na *Crônica* seguinte, e, posteriormente insere informações acerca de Ramalho no *Cancioneiro Alegre*. Há também comentários de Ramalho sobre as obras *Memórias do Cárcere* e *O Amor de Perdição* em *Crônica de Literatura Portuguesa* veiculada em 1862 em *O Futuro*. Esteve no Brasil, permanecendo a maior parte do tempo em São Paulo. Visitou o Rio de Janeiro e teve a oportunidade de conhecer Machado de Assis pessoalmente em um banquete oferecido por Ferreira de Araújo em sua casa.

DLPB - p.256/7

DCAP - vol2 p.193-196

DCCB - p.571-573

DMA - 250

41. Reinaldo Carlos Montoro

(nasceu em Porto, Portugal 6 de março de 1831 e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15 de dezembro de 1889)

Residiu em Vassouras, no Rio de Janeiro. Foi poeta, romancista, ensaísta, presidente honorário do Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro. Foi sócio efetivo da Sociedade Propagadora das Belas-artes. Iniciou a publicação nas folhas periódicas do Rio de Janeiro de artigos em 1848.

Publicou os seguintes artigos: *O Romance: estudos de literatura* (Íris, semanário literário, assinados com o pseudônimo de *Victor de Canovaz* - 1848 e 1849); *Duas palavras acerca do tráfico (da escravatura). Fragmento do diário de um viajante* (Correio Mercantil, com as iniciais “*V de C.*” - 22 de agosto de 1850), *A emancipação gradual e compensada da escravatura, considerada como meio de obter que a colonização se torne espontânea* (Auxiliador da Indústria Nacional, vol. VI - Julho de 1851), *Várias composições poéticas* (Marmota Fluminense, 1850), artigos publicado no jornal do Grêmio Literário Português (Poesia e Mocidade, Carta a um amigo, A M., A religião e o século, A viagem do bardo, A Malvina C..., As orcas do Icarahy etc), *Folhas de outono - A nova época literária e artística* (Correio da tarde, 1848 e 1857), *Estudo sobre a aplicação do crédito as atuais dificuldades da indústria agrícola* (Correio da Tarde, 1857), *Um hino de esperanças: ao artista portuense, o sr. Arthur Napoleão* (Correio Mercantil de 2 de setembro de 1857), contestação das doutrinas sustentadas pela redação do *Diário do Rio de Janeiro* (Diário, 1857), *Duas épocas da mocidade brasileira, 1831-1858* (Diário, 29 de setembro de 1858), *O Álbum de romance do sr Francisco de Sá Noronha* (Correio da tarde de 12 de janeiro de 1858), *Memórias de um folhetinista* (Correio Mercantil, assinado por *Recamon*, 1858), *Album do Grêmio Literário Português* (escreveu várias peças literárias, 1858), *Relatório do Grêmio Literário Português no Rio de Janeiro* (1858), *Discurso lido em sessão da Sociedade Propagadora das Belas-artes* (Correio da tarde de 14 de janeiro de 1858). Foi um dos tradutores de *O Brasil Pitoresco*, de Ribeyrolles.

É autor de *Invasores do Norte e poetas do meio-dia* (Saudade²⁰⁶: jornal do Grêmio Literário Português, 1861-1862), *Brado a favor de um monumento nacional* (artigo relativo à interrupção do *Dicionário Bibliográfico português*, Saudade e no Correio Mercantil, respectivamente em 4 de maio e 9 de maio de 1862), *Francisco Octaviano de Almeida Rosa* (estudo biográfico, na Rev. contemp. de Portugal e Brasil - 1861-1862), *A literatura do século XX* (revista popular, 1862), *Meditação ao luar: ao meu amigo Faustino Xavier de Novaes* (Revista Popular, provavelmente em 1862), *O*

²⁰⁶ Diversos textos, não mencionados aqui, foram veiculados neste periódico.

centenário de Camões no Brasil. Portugal em 1580. O Brasil em 1880 (1880), *Elogio histórico do eminente estadista português Marquês de Pombal* (1882).

DBP - tomo VII p. 66, p.461

ELB - vol2 p. 933

DMA – p.227

42. S.

(não foram encontradas informações biográficas deste escritor).

43. Sotero de Castro

(não foram encontradas informações biográficas deste escritor).

44. T. de Mello ou Teixeira de Melo ou José Alexandre Teixeira de Melo

(nasceu em 28 de agosto de 1833 em Campos, no Rio de Janeiro e faleceu no RJ em 10 de abril de 1907)

Poeta, jornalista, diplomado em Medicina em 1859, exerceu a função de médico, diretor da Biblioteca Nacional e membro da Academia Brasileira de Letras. Utilizou em algumas obras o pseudônimo de *Anodino*.

É autor das obras poéticas *Sombras e Sonhos* (1858), *Miosótis* (1877), *Poesias* (1914, possui o prefácio de Sílvio Romero) e da obra em prosa *Efemérides Nacionais* em 3 volumes (1881), *Limites do Brasil* (1883) e *Campos Goitacases* (1886). Publicou obras literárias até 1877, dedicando-se posteriormente à pesquisa histórica. Teve uma participação na imprensa ativa: *Gazeta Literária*²⁰⁷ (1883-1884), *Anais da Academia Filosófica* (1858), *Marmota Fluminense* (1854), *O Futuro* (1862), *Rev. Popular* (1859), *J. Famílias* (1872-1878), *Rev. Bras.* (1879).

DLPB - p. 214

DMC – p. 217-218.

ELB- vol2 p. 886

²⁰⁷ Segundo *Dicionário de Machado de Assis*, p.218, Teixeira dirigiu *A Gazeta Literária* de 1883-1884 com Veiga Cabral. Ele foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

ANEXOS

ANEXO A – Gravuras presentes nos exemplares da primeira edição

ANEXO B – Carta de abertura – Editorial

Gravuras presentes nos exemplares da primeira edição

1º exemplar

D. L. L.

2º exemplar

Faça-me ferver do seu fogo:

4º exemplar

Estão me chorando

5° exemplar

6° exemplar

Un festival pour tous!

7º exemplar

D. FUTURO.

10º exemplar

O FUTURO.

11º exemplar

TRES PESSOAS DISTINTAS

13° exemplar

Manuel Jorge Aiz

15º exemplar

O FUTURO

Carta de abertura - Editorial

Ao público brasileiro e português

Este periódico vai tentar a realização de um pensamento há muito concebido por todos os que prezam as literaturas dos dois países em que se fala a língua portuguesa. Estabelecer um campo comum, em que livremente, sem preocupações mesquinhas de opinião ou nacionalidade, viessem discursar os escritores de ambas as nações, levar a estas o conhecimento mútuo do movimento literário de cada uma, e dar impulso com o exemplo recíproco, ao progresso literário de países tão férteis em imaginações ricas e pensadores elevados, - é propósito que pode fazer sorrir incrédulos do adiantamento, ou entristecer as almas mesquinhas que amam a sombra e o isolamento, e receiam os salões iluminados, os banquetes fraternais em que ha sociabilidade, mas há de alegrar, enobrecer de aspirações os ânimos generosos, que sonham futuro, amplo em civilização e grandeza social, para as duas nações de origem portuguesa. Porque recearemos, nós, soldados da pátria intelectual, em qualquer dos dois países, juntar-nos em arraial comum, depôr as armas em feixes entremeados, para concertar-nos nos preparativos à conquista da primazia intelectual: não tem vida própria ambas as nações, não tem consciência da sua força, não tem uma o passado que a sustenta, não tem outra a grandeza da sua missão, que lhe fortalece a dignidade? Para que arrefecimentos de entusiasmo, quando se trata, não de ceder qualquer das prerrogativas sociais de nação independente, mas, ao contrário, de dar mais força à existência social de cada nação, promovendo com a emulação nobre, o adiantamento literário, que é a muralha ideal, sim, mas inexpugnável, que defende as nações contra estranho domínio? Quem poderá dizer a uma nação ilustrada ao par das primeiras, com população identificada pelo ensino, enobrecida por ideias comuns de adiantamento em todos os sentidos, que sujeite, a sua vida econômica ao gozo de estranhos aproveitadores, a sua vida política às imposições de protetores ambiciosos e refalsados? Nações grandes por seu estado intelectual, pelo aperfeiçoamento do povo, ganham depressa os melhoramentos industriais, os brios da superioridade, as pretensões a lugar distinto entre os grandes poderes da terra, amor ao trabalho, de que dependem todas estas conquistas. Deixai os apaixonados da bolsa, os poetas do macadam e do ferro fundido, condenar a literatura e trocar um idealista, um pensador, um colecionador histórico pelo primeiro enfileirador de algarismos: as nações crescem, e conquistam o futuro com os primeiros, descaem e

ficam presas ao sórdido interesse com as almas pequenas que tudo vendem e tudo avaliam em dinheiro.

Não queremos com isto condenar o progresso material, nem os homens industriais: são funções sociais tão dignas, como as da direção moral, pois o trabalho honra e eleva, todos os que o exercitam, é a base da riqueza e da prosperidade pública; o que desejamos é reprovar os desdêns dos amigos exclusivos do interesse pecuniário, que motejam e perseguem todas as ideias generosas que os idealizadores apresentam. Honra ao trabalho, que cresta o rosto aos sóis diurnos da atividade mercantil, que caleja as mãos nas lides afanosas da mecânica industrial, e que vem depois nas horas de descanso cultivar o espírito, alimentar-se de nobres intenções nos livros dos narradores e poetas, e ensinar seus filhos a serem moralizados e instruídos, para engrandecimento da família e da pátria! Esses não trocam as ideias nobres por dinheiro, esses nos entenderão!

E não venham amortecer-nos o entusiasmo, a nós, jovens que entramos neste combate contra a estagnação intelectual das nossas pátrias, os maldizentes das próprias nações, que só tem admirações e aplausos para obras de algibebe literários do estrangeiro: para eles tudo o que o Brasil e Portugal produzem é imperfeito, não tem o cunho da graça francesa, da profundidade alemã, do positivismo inglês: pobres homens de letras de aquém e além-mar, a vossa língua, no entender destes sábios sem pátria, é barbara, pobre; desenfeitada, é pedinte esfarrapada, que, quando muito, pôde furtar às ricas senhoras do norte a esmola forçada de algumas traduções! Não entendam espíritos prevenidos, que desprezamos os grandes mestres das nações estranhas. Tem defeitos, como os tiveram Homero e Camões, mas presidem dignamente ao movimento intelectual da época. Ninguém passará, por certo, pensando como nós, coberto e altivo por ante aquela fronte triste e sombria, que encerra as tempestades sociais desta transição atual: ninguém deixará de ir beijar a mão do desterrado, que sacrificou riquezas pessoais ao progresso da civilização evangélica, e que tem um nome tão grande como a revolução moral a que preside: do homem que se chama - VICTOR HUGO -. Mas se ante estas realezas do engenho dobramos com veneração os joelhos, se reconhecemos os seus direitos à direção na república democrática e federalista do mundo literário, porque não faremos esforços para termos voto e assento no congresso, darmos ideias novas e modelos d'arte às nações que nos ali acompanham? Não temos por ventura historiadores, poetas, economistas, narradores, que valem os das nações mais adiantadas? É escusado citar nomes, nem queremos fazer preferências entre

amigos e mestres, que prezamos pela comunidade das intenções generosas; são hoje tão numerosos entre nós, que devemos abençoar o sol da liberdade, que em ambas estas terras tão rica messe de talentos veio dar a nações ha pouco desfalecidas e presas ao carro mortuário da reação monárquica e religiosa.

É o mais humilde de todos os amadores da literatura, quem vem aplaudir o pensamento da redação perante os seus companheiros de trabalho ou de intenções; o público de ambos os países entra no numero dos últimos, pois é em intenções tão elevado como o mais valente idealista. Sabemos que muitos espíritos distintos de ambas as nações partilham a nossa opinião: honra a estes crentes da pátria, que não olham só para a palidez e crepúsculo vago do dia atual, e veem mais longe, em dias vindouros, a renovação da força material pelo impulso das ideias. Esta humilde voz não tem outro mérito particular senão estimar com igual amor ambos os países, desejar o desenvolvimento de suas instituições livres, sonhar para ambos idêntica grandeza. Nações do *futuro*, é precedidas por esta flâmula significativa, que vão dar a primeira manifestação da sua força comum: os amigos do progresso nacional, em ambos os povos, aplaudem de coração a tentativa!

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1862.

Reinaldo Carlos Montoro.